

GÁVEA-BROWN

volume XLIX, no. 1, 2024

REVISTA BILINGUE
A BILINGUAL JOURNAL
DE LETRAS E ESTUDOS
OF PORTUGUESE-AMERICAN
LUSO-AMERICANOS
LETTERS AND STUDIES



GÁVEA-BROWN



BROWN
Department of Portuguese
and Brazilian Studies



A Bilingual Journal of
Portuguese-North American
Letters and Studies

*Revista Bilingue
de Letras e Estudos
Luso-Norte-Americanos*

CONSELHO CONSULTIVO/ADVISORY BOARD

Teresa Alves

University of Lisbon

Irene Maria F. Blayer

Brock University

Diniz Borges

California State University, Fresno

Teresa Cid

University of Lisbon

Ana Paula Coutinho

University of Porto

Manuel da Costa Fontes

Kent State University

Maria João Dodman

York University, Toronto

Vamberto Freitas

University of the Azores

Frank X. Gaspar

Long Beach City College

Manuela Marujo

University of Toronto

Leonor Simas-Almeida

Brown University

Carlos Teixeira

University of British Columbia Okanagan

DIRECTORES/EDITORS

Onésimo Teotónio Almeida

Brown University

Francisco Cota Fagundes

University of Massachusetts, Amherst

EDITOR ADJUNTO/MANAGING EDITOR

Marie Culpepper

Brown University

ASSISTENTE DOS DIRECTORES/

ASSISTANT TO THE EDITORS

Leonor Simas-Almeida

Brown University

EDITORES EMERITI/EDITORS EMERITI

George Monteiro †

Alice R. Clemente

Gávea-Brown is published semi-annually by Gávea-Brown Publications, sponsored by the Department of Portuguese and Brazilian Studies, Brown University, and made possible with support from FLAD (*Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento*).

Manuscripts on Portuguese-North American letters and/or studies are welcome, as well as original creative writing. All work submitted for publication should adhere to APA guidelines and the journal's submission guidelines. Please send submissions as a Microsoft Word document to onesimo_almeida@brown.edu.

Cover by Jesse Kercheval/Design by Marie Culpepper

VOL. XLIX, 2024

ISSN 02767910

SUMÁRIO / CONTENTS

ARTIGOS/ESSAYS

- 01 **Pedro da Silveira e a colónia açoriana na América**
VASCO ROSA
- 09 **John Dos Passos on the Brazilian Migration: Analyzing *Brazil on the Move***
MIGUEL OLIVEIRA
- 18 **A Língua “Porigui” – Dicionário: Antigo inventário de palavras da L(USA)lândia**
DUARTE MENDONÇA

CRÓNICAS/CHRONICLES

- 24 **Cinco crónicas californianas**
JOÃO BENDITO
- 35 **Construtores de ninhos em terra alheia**
AIDA BATISTA
- 37 **Cravos em New Bedford: do mensageiro invisível a Moby Dick**
DORA GAGO

FICÇÃO/FICTION

- 39 **La Sapienza**
ALEXIS LEVITIN

POESIA/POETRY

- 41 **Sete poemas**
ROSE ANGELINA BAPTISTA
- 49 **Sete poemas ilustrados**
JOSÉ FRANCISCO COSTA
ILLUSTRATED BY
CONCEIÇÃO LOPES
- 56 **As palavras que não cabem na boca**
STUART BLAZER

TRADUÇÕES/TRANSLATIONS

- 60 **Três poemas de Dana Gioia sobre o tema do luto**
DANA GIOIA
TRANSLATED BY
ROSE ANGELINA BAPTISTA
- 65 **Six Poems from *A ilha e o mundo***
PEDRO DA SILVEIRA
TRANSLATED BY
SCOTT EDWARD ANDERSON
- 74 **Helena Chrystello**
EDUARDO BETTENCOURT PINTO
TRANSLATED BY
KATHARINE F. BAKER
- 76 **In Memoriam: A Tribute to Diana Marcum**
VAMBERTO FREITAS
TRANSLATED BY
KATHARINE F. BAKER

DOCUMENTOS/DOCUMENTS

- 81 **Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas - 10 de Junho 2018**
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

ENTREVISTAS/INTERVIEWS

- 87 **Uma conversa com Francisco Cota Fagundes**
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

RECENSÕES CRÍTICAS / REVIEWS

- 104 **Review of *How to Clean a Fish and Other Adventures in Portugal***
JOEL AVILA
- 106 **Poetics of Immigration: A Review of *Through a Grainy Landscape* by Millicent Borges Accardi**
IRENE MARIA F. BLAYER
- 115 **Review of *Escrever Para (Sobre) Viver***
SANDRA SOUSA

Pedro da Silveira e a colónia açoriana na América

Vasco Rosa

Abstract

Manuscript from the 1950s preserved in the National Library in Lisbon, likely a draft of an unfinished article regarding the history of the Azorean colony within the USA. This unpublished work by the Flores-born Pedro da Silveira (1922-2003), son and nephew of American immigrants, writer and literary scholar of the highest esteem in the Azores of the 20th century, is without a doubt one of the first approaches on the theme, particularly striking given his poetic works during the same period.

Keywords

Immigration, Identity, Reciprocity, Literature, Intergenerationalism

Resumo

Manuscrito da década de 1950 conservado na Biblioteca Nacional, em Lisboa, e provável rascunho dum artigo nunca concluído sobre a vida e a história da colónia açoriana nos EUA, este trabalho inédito do florentino Pedro da Silveira (1922-2003), filho e sobrinho de emigrantes na América, escritor e investigador literário dos mais destacados nos Açores do século XX, é sem dúvida uma das suas primeiras abordagens do tema, particularmente marcante da sua obra poética nesse mesmo período.

Palavras-chave

Emigração, Identidade, Reciprocidade, Literatura, Intergeracionalidade

Pedro da Silveira e a colónia açoriana na América

No espólio do poeta e investigador literário florentino depositado na Biblioteca Nacional de Portugal desde 2003, ano da sua morte em Lisboa, encontra-se o manuscrito aqui divulgado pela primeira vez. Não está datado, nem se lhe conhecem versões dactiloscritas ou impressas, pelo que — por enquanto — é lícito concluir tratar-se dum inédito. A referência a José Rodrigues Miguéis como eventual romancista da diáspora açoriana nos Estados Unidos permite datá-lo como anterior a 1980, fim da vida deste escritor exilado em Nova Iorque desde 1935 e naturalizado americano em 1942. A indicação de Cabo Verde como parte de Portugal coloca o texto definitivamente como anterior a 1974. Os «cerca de dez anos» passados sobre a publicação do conto «Casa de Ricos», de Rodrigues Miguéis, situa este escrito de Silveira por volta de 1947.¹ Por último, o «sucesso recente» (sic) de *Home Is a Island* de Alfred Lewis, publicado em 1951 pela Random Press nova-iorquina, reforça essa datação aproximada.

Pela afinidade com a comunicação ao I Colóquio da Diáspora Açoriana, realizado em 1978, no qual participou com «Para quando uma história da emigração açoriana?» — constante nas respectivas actas e recentemente republicado no tomo I de *Só o Esquecido é Passado* (2022, pp. 497- 501), por mim editado —, é de admitir que esta «Breve panorâmica da vida cultural dos luso-americanos» tenha sido escrita para algum fórum deste tipo e âmbito, em que Silveira habitualmente participou, ainda que a expressão «o autor deste artigo» deixe em aberto outras possibilidades. Terá sido escrito para sair na *Seara Nova*, revista na qual introduziu temas açóricos desde as suas primeiras colaborações, mas ficou *sine die* à espera de uma melhor versão, com outros e mais actualizados elementos de inventário cultural? Seja como for, a sua atenção às obras de Donald R. Taft e Leo Pap não deixam dúvidas sobre o incisivo interesse de Pedro da Silveira por bibliografia luso-americana.

O escritor viajou até aos Estados Unidos da América pela primeira vez em 1985-86,² mas desde jovem a imprensa da diáspora constituía assunto de sua muito pessoal afeição — seu tio Pedro Laureano Claudino da Silveira (1870-1944) foi um empresário do ramo extremamente dinâmico na costa oeste — e pesquisa, pois sequer alguns dos jornalistas mencionados neste escrito têm verbete na Enciclopédia Açoriana. Manuel Garcia Monteiro (1859-1913), justamente referido como «a figura intelectual mais destacada da colónia portuguesa dos Estados Unidos», foi um dos escritores faialenses a quem Pedro dedicou atenção historiográfica e crítica, enquanto Alfred Lewis, nascido na sua vizinha Fajãzinha, se tornou rapidamente alguém que precisava de ser conhecido e publicado em Portugal, e sobre quem haveria de escrever com insistência, de 1958 até 2002.³

¹ Como esclareceu John Austin Kerr, Jr. em *Miguéis — To the Seventh Decade* (1977, p. 104), «Casa de Ricos» é o título dado por Miguéis à edição norte-americana do conto «O Acidente», originalmente dado a conhecer por *O Diabo*, a 20 de Janeiro de 1935, pp. 6-7. Como em edições em língua portuguesa o conto manteve sempre o título original, integrado no volume *Onde a Noite se Acaba* (a primeira das quais feita pelas Edições Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1946) que os Estúdios Cor, de Lisboa, levaram aos prelos em Setembro de 1959, é de concluir que Pedro da Silveira conheceu essa narrativa pela publicação de 1937 — talvez por oferta do autor, seu amigo. V. o meu «Silveira e Miguéis» (2022, p. 7).

Na Nota do Autor escrita para a edição Estampa de *Onde a Noite se Acaba*, Miguéis informa: «“O Acidente”, originalmente publicada n’*O Diabo* sob o título “Casa de Ricos” (com que saiu também em Nova York, em folheto — 1937) foi-me sugerida em 1933 ou 34 por um desastre de trabalho ocorrido num “palacete” em construção à Avenida Columbano Bordallo Pinheiro, e que presenciei da água-furtada onde então morava — teatro de uma fase difícil da minha vida, que anda envolta nas gangas de outras histórias a escrever. Ao passar ali há poucos anos, vi que estavam demolindo o “palacete”: não se perdeu nada. A água-furtada ainda lá estava em 1967...» (1983, p. 234).

«O Acidente» também integra a antologia *Contos de José Rodrigues Miguéis* publicada pela Seara Nova em 1981, com edição e prefácio de Margarida Barahona.

² Cfr. *Pedro da Silveira, da Casca ao Cerne* (2022, p. 39).

³ Trabalhos reunidos em *Só o Esquecido é Passado*, tomo I (2022, pp. 390-97).

Vasco Rosa

Breve panorâmica da vida cultural dos luso-americanos

O aparecimento dos portugueses na América do Norte é, pode hoje afirmar-se com segura base histórica, coevo da época do descobrimento. Marinheiros, aventureiros, um ou outro missionário: gente isolada, que na maioria se não fixou. Mas só no século XVIII, quando o espírito separatista já tomava as elites e a massa colonial, é que formaram os primeiros núcleos lusos mais ou menos estáveis, nas cidades marítimas da Nova Inglaterra. É, com efeito, à volta de 1760 que os açorianos iniciam, a bordo das barcas-de-baleia que tocavam nas ilhas, a sua grande debandada para a América, que não era fenómeno de pequenas proporções, provam-no as ordens do governo reinol, mandando aos capitães-generais exercessem rigorosa fiscalização nas costas insulares a fim de evitar o êxodo. As condições de vida no arquipélago, ainda na negra época feudal, não eram maravilhosas. Este início de emigração, como toda ela, justifica-se, pois, por razões imediatamente económicas e não, como querem certos bizantinos eruditos ilhéus, pelo «espírito de aventura». A aventura, aqui, significa muito simplesmente: fuga à fome.

A corrente emigratória açoriana, seguida da cabo-verdiana, manteve-se pelo século XIX fora. Em 1838, os ingleses Joseph e Henry Bullar, ao visitarem o arquipélago açoriano (veja-se *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, trad. de João H. Anglin, Ponta Delgada, 1949), notam os frequentes encontros com homens do povo que falavam inglês e se vestiam com roupas de viagem americana e inglesa. Quase todos os outros viajantes estrangeiros apontam o mesmo. Nesta fase, a emigração era principalmente masculina: a fase nómada (chamemos-lhe assim), que ainda não possibilitava a ida de mulheres. Todavia, um documento citado num jornal de San Francisco da Califórnia diz-nos que em 1845 (ainda aquela terra era parte do México) vivia na estação baleeira de San Pedro uma mulher do Corvo. Em 1835, o português Rocha vivia lá em Los Angeles, com mulher e filhos.

A descoberta das minas de ouro na Califórnia, em 1848, deu um grande incremento à emigração. Foram aos milhares os que abalaram para ali. Os censos da população, no caso dos Açores, são eloquentíssimos: de 1864 a 1920 a população decresce na maioria das ilhas.

Só no último quartel do século os núcleos portugueses ganham verdadeira unidade de um e de outro lado da costa dos Estados Unidos. Consequência da fixação, de sedentarização, digamos, quer nas cidades quer nos campos – na indústria, no comércio e na agricultura, fundam-se as primeiras sociedades de recreio e socorro mútuos e aparece a imprensa.⁴

Inter-influência

Culturalmente menos personificados que os outros núcleos da população norte-americana, pouco contribuíram os portugueses, reinóis ou ilhéus, para a formação do ponto de vista antropológico do americano de hoje. Escasseiam-me os elementos de informação quanto à apropriação do nosso folclore pelos americanos. Sei que a Chamarrita das ilhas caiu no gosto ianque, na Califórnia, e que as festas do Espírito Santo são, ali como em Massachussetts, muito apreciadas. Quanto à linguagem,

⁴ [Nota do autor] Segundo o P.^o F. C. B. Silva, numa série de artigos em *A Imprensa*, de New Bedford (1925), o primeiro jornal português aparecido nos Estados Unidos foi o *Jornal de Notícias*, publicado na Pensylvania, em local que não indica. O primeiro que se publicou na Nova Inglaterra, informa Eduardo de Carvalho, foi *A Civilização*, de Manuel das Neves Xavier, em Boston, em 1883 ou antes.

recebemos igualmente mais do que demos. Mencken, em *The American Language*,⁵ refere alguns vocábulos de origem portuguesa no falar inglês da América, mas muitos mais são os ingleses no falar dos luso-americanos. Zé Rodrigues Miguéis, em nota publicada na *Seara Nova* («Um novo dialecto: o luso-americano?»)⁶ refere alguns desses vocábulos ingleses aportuguesados do falar dos nossos emigrantes. Nos Açores, registei mais de 300 vocábulos e maneiras-de-dizer que devem considerar-se americanismos.

Outro aspecto que me não parece de desprezar é o da gastronomia: nos Açores a cozinha regional tem pratos genuinamente americanos; a linguça, a morcela, a alcatra das ilhas são apreciados pelo homem do povo da Nova Inglaterra e da Califórnia.

Mas isto seria um nunca acabar. É um problema, este das mútuas influências de lusos e ianques, que está a pedir um sociólogo disponível, que não será, certamente, o autor deste artigo...

Livros em inglês e em português

É curioso notar-se que a primeira tentativa de escrever uma história dos Açores nos tempos modernos se deve a um americano, Thomas Ashe (*The History of the Azores*, Boston, 1814?). Verdade que, do ponto de vista histórico, o trabalho de Thomas Ashe é paupérrimo; mas, por outro lado, é um eloquentíssimo documento sobre a condição servil em que viviam estes súbditos de Portugal no tempo em que o escritor americano visitou as ilhas.⁷ Este livro iria também influenciar profundamente os ideais separatistas, cuja apologia fez, da geração açoriana de 1820: João Soares-d'Albergaria e Sousa, Luís Meyrelles, etc. Por 1870 já os portugueses tinham tipografias suas na Nova Inglaterra. Aí se fez a edição, que circulou nas ilhas clandestinamente, do *Testamento do Burro, Pai dos Asnos*, do poeta satírico e revolucionário liberal Padre José António de Camões (1776- 1825).⁸ Creio ter sido impresso numa tipografia de luso-americanos, em Boston, o livro, muito raro, do vice-cônsul Manuel Borges de Freitas Henriques — *A Trip to the Azores or Western Azores* (1880?).⁹ Vários folhetos do género literatura de cordel, em verso, como o *Colóquio sobre o nascimento do menino Jesus e dos trabalhos que passaram a Virgem e mais San José antes da ida para o Egipto*, curioso espécime de teatro popular açoriano;¹⁰ outro sobre as desgraças de um emigrante piquense que a namorada esqueceu nos braços de outro; outro ainda, narrando a vida de uns baleeiros de Flores e Corvo, etc. — aí foram editados e largamente difundidos.

⁵ *The American Language. A Preliminary Inquiry into the Development of English in the United States* de Henry Louis Menchen foi originalmente publicado em 1919.

⁶ 1946, p. 281.

⁷ O subtítulo do livro, originalmente impresso em Londres em 1813, é elucidativo: *History of the Azores: Or Western Islands; Containing an Account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants; and Demonstrating the Importance of These Valuable Islands to the British Empire*. Maria das Mercês Pacheco inclui vários excertos do relato de Thomas Ashe na sua antologia bilingue *Viajantes nos Açores. O olhar estrangeiro sobre as Ilhas desde o século XVI* (2020): v. pp. 172, 214, 241, 286, 351, 392 e 413. O livro de Ashe teve uma nova edição em 2009.

⁸ Segundo Ricardo Madruga da Costa, foi Manuel Borges de Freitas Henriques o protagonista desta publicação, mas sem a «clandestinidade» que Pedro da Silveira deduz, certamente atendendo à crítica à Igreja Católica nele implícita e respectivo desagrado. V. prefácio ao livro citado na nota seguinte.

⁹ O livro é de 1867 e não de 1880, como questiona Pedro da Silveira, que grafou *Travel* por *Trip*. Também escreveu *João* em vez de *Manuel*.

Em 2021 o Instituto Açoriano de Cultura publicou uma edição bilingue deste livro, com um estudo de Ricardo Manuel Madruga da Costa. Publiquei uma resenha sobre no *Observador*, «Aos Açores, “por prazer”: um guia para viajantes das Américas».

¹⁰ O espólio de Pedro da Silveira conserva uma cópia manuscrita deste *Colóquio*, cuja edição preparou para o Instituto Cultural de Ponta Delgada em 1953. A publicação do folheto nos Estados Unidos foi feita por parente seu, como deixou expresso. V. *Só o Esquecido é Passado*, tomo I, pp. 133-75.

Paralelamente, terão sido apresentados em português romances folhetines, em livro ou em fascículos, como *A Queda de um Anjo* (que não é de Camilo), *A Toutinegra do Moinho*, etc. A este negócio, de tradutor e editor, se dedicava não há muitos anos, na Califórnia, o velho jornalista e panfletário Joaquim Borges de Menezes, co- autor, com Alfredo de Mesquita, de *Os Binóculos* (Angra, 1887).¹¹

Esquecendo John dos Passos, cuja obra nada nos diz da sua ascendência portuguesa, vejamos o que há de autores lusos, em português ou inglês, na colónia. Não é muito e, portanto, a tarefa é fácil.

Garcia Monteiro é, no passado, a figura intelectual mais destacada da colónia portuguesa dos Estados Unidos. Nascido na Horta, onde se estreou como poeta (*Versos*) e fez jornalismo, dirigindo O Açoreano, andou por Lisboa na roda de Fialho, que o estimava e admirava como poeta.¹² Um dia, como qualquer pobre campónio, meteu-se a bordo de uma barca e abalou para Boston, onde, ao mesmo tempo que cursava medicina, trabalhou como tipógrafo e redactor de jornais portugueses. Durante estes anos a sua vida — atestam-no as cartas publicadas por Henrique das Neves em *Individualidades*¹³ e as, ainda inéditas, dirigidas a Manuel Greaves — foi duríssima. Mas as desgraças da vida nunca abalaram o seu espírito vivo e dinâmico. As suas campanhas pela elevação do nível mental da colónia, a sua constante defesa dos valores culturais da velha pátria, merecem ser lembradas. Em Boston publicou Garcia Monteiro outro livro de poesia, *Rimas de Ironia Alegre*, que, com o anterior, lhe dá direito a não ser esquecido.¹⁴ O seu verso é elegante; como satírico e ironista não há, na literatura de expressão portuguesa do seu tempo, muito quem o ultrapasse.

Guilherme Silveira da Glória, que na América abandonou a vida eclesiástica, foi também um jornalista de mérito, dirigindo durante muitos anos na Califórnia o bissemanário *A Liberdade*. Deixou dois volumes de versos: o poema heróico *Cabrilho*, em que canta a descoberta da Califórnia pelo português João Rodrigues Cabrilho, e *Poesias*. Longe de ser um extraordinário poeta, demasiado preso a modelos e gostos ultrapassados, é de louvar-se nele, todavia, a correcção da linguagem. Foi também um notável orador.

Joaquim Rodrigues Leite, natural da Nazaré, é outro homem de letras que sempre pleiteou a defesa da língua nacional na sua colaboração dada à imprensa noticiosa e na *Lusitânia*, revista literária que fundou e dirigiu, em San Francisco.

Alfred Lewis, nome americano do açoriano Alfredo Machado Luís, advogado numa cidadezinha californiana, parece ter obtido recentemente certo êxito com o seu romance *Home is an Island*, editado por uma casa de Nova Iorque. José Rodrigues Miguéis, grande escritor da modernidade portuguesa que vive em Nova Iorque, ali publicou, há uns dez anos, uma novela — «Casa de Ricos» —, e em

¹¹ *Os Binóculos* tiveram um número único, datado de Dezembro de 1887. Menezes publicaria um pouco antes *Revista Angrense*, com 7 números de 4 de Agosto a 3 de Novembro de 1887, e algum tempo depois, e sempre em Angra, 18 números do jornal *A Reacção*, entre Setembro de 1890 e Março de 1891. Tais periódicos não estão ainda disponíveis em-linha, como seria desejável que estivessem.

¹² Escreveu Urbano Bettencourt no *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* de 2014: «Fialho terá sido o único grande intelectual português a “reparar” no poeta açoriano; fê-lo no *Correio da Manhã*, a 4 de Maio de 1885, a pretexto do volume *Versos* (Horta, 1884) e acompanhando o seu texto com os poemas “Na miséria” e “Pai da Pátria”, segundo informação que Pedro da Silveira me forneceu em carta particular dos anos 90 do século passado. O texto de Fialho de Almeida, recolhido por Henrique das Neves no seu *Individualidades* (Lisboa, 1910) e incluído por Carlos Lobão na miscelânea de poesia e prosa de Garcia Monteiro, *A Trança* (Horta, 1989), não se circunscreve a questões poéticas, mas adianta um conjunto de informações de natureza física, psicológica e comportamental do poeta, que resultarão do convívio com Garcia Monteiro nos anos em que este viveu em Lisboa (1881-83)» («Garcia Monteiro — Autógrafos e algo mais», pp. 361-72).

¹³ *Individualidades* saiu pela Parceria António Maria Pereira em 1910. Nascido em 1841, Henrique das Neves faleceu cinco anos depois. O trabalho sobre Garcia Monteiro encontra-se às pp. 57-81.

¹⁴ Uma escolha destas *Rimas* foi publicada por Carlos Jorge Pereira, numa parceria editorial Civilização e Contexto em 1997. Mas desde então, nada mais foi feito.

contos (por exemplo, «O Cosme de Riba-Douro»)¹⁵ e crónicas¹⁶ tem-nos dado o resultado da sua experiência de emigrante e dos seus contactos com gente lusa do chamado East.¹⁷

Neto de portugueses dos Açores é o erudito Francisco Miller Rogers (Rodrigues), autor de estudos de filologia sobre os arquipélagos portugueses do Atlântico.

A colónia encontrou o seu historiador num estrangeiro, o suíço Leo Pap, que sem qualquer ajuda vem realizando obra notável da qual já estão publicados, creio, dois volumes.¹⁸

O grande livro que seria de desejar-se, o romance da adaptação do português no meio americano, está por fazer-se. Quererá José Rodrigues Miguéis um dia escrevê-lo? Ninguém melhor que o contista de «O Cosme de Riba-Douro» poderá dar-nos tal romance.

A Imprensa

A imprensa de língua portuguesa surgiu nos Estados Unidos, como disse, no último quartel do século XIX. Houve alguns diários, dos quais só um, o *Diário de Notícias*, de New Bedford, conseguiu vingar, e muitos semanários e bissemanários. Em 1884 já havia um semanário na Califórnia, *A Pátria*, se não erro. Em Hawaii, cerca de 1890, Neves de Almeida publicava outro semanário, *A União*.

Com a cessação da corrente emigratória após a primeira Grande Guerra, a imprensa portuguesa foi decaindo, principalmente depois de 1930. Presentemente, à parte os *Boletins* das várias associações fraternais, a colónia conta com um diário, o aludido *Diário de Notícias*, de New Bedford, e quatro semanários: o *Jornal Português*, de Oakland (Califórnia), *A Luta*, de Nova Iorque, *O Colonial*, de Fall River (Mass.), e *O Luso Americano*, de Newark (NJ). Todos vivem, à excepção de *A Luta* (de propaganda do culto de Fátima), essas sérias dificuldades. E, sem verdadeiros jornalistas, o português que as suas páginas exibem é mais um factor de descrédito que de salvaguarda da nossa língua.

De entre os jornalistas, mortos e vivos, que nos Estados Unidos exerceram ou exercem as suas actividades, devem destacar-se: Mário Bettencourt da Câmara, Borges de Menezes, Padre Abílio Greaves, Camilo Câmara, Manuel de Freitas Trigueiro, Cândido Costa Nunes, Constantino Cândido Soares, Guilherme Silveira da Glória, Pedro Laureano Claudino da Silveira, Bernardo Teixeira, etc.

A um destes, Pedro L. C. da Silveira, se deve, a par de mais de quarenta anos de actividade como redactor e director de jornais, um notável Dicionário, em dois volumes, de inglês-português e português-inglês.

Bibliotecas, Livrarias e Associações

Presentemente, além de secções anexas às bibliotecas das universidades, existe nos Estados Unidos uma só biblioteca portuguesa, a Luís de Camões, iniciativa de uma senhora açoriana do núcleo de Oakland. Terá pouco mais de 1000 volumes e, por dificuldades financeiras, já não possui sede própria. Em 1923 e 1924 o governo português ofereceu-lhe alguns volumes dos nossos melhores autores, a última oferta oficial que lhe foi feita.

Nunca se pensou, talvez por ignorância da sua existência, em conceder-lhe um ainda que modesto subsídio. É um acto de heroísmo, à margem de todas as protecções.

¹⁵ Incluído em *Gente de Terceira Classe*, por exemplo na edição Estúdios Cor, Lisboa (1962).

¹⁶ Por exemplo, «Como se ama na América», in *Ver e Crer* (1947).

¹⁷ A este propósito ver, entre outros: Nancy T. Baden, «The immigrant voice in the stories of Miguéis», in *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan* (1984).

¹⁸ Referência muito provável a *Portuguese-American Speech. An outline of speech conditions among Portuguese immigrants in New England and elsewhere in the United States*, (1949). Pap também publicou *The Portuguese in the United States: a Bibliography* (1976) e *The Portuguese-Americans (The Immigrant Heritage of America)* (1981).

Alguns jornais tiveram secção de livraria. Hoje ainda se vendem livros em língua portuguesa nas duas costas dos Estados Unidos, mas fornecidos pelas editoras brasileiras.

São várias e algumas ricas, como a Sociedade do Espírito Santo, a União Portuguesa Protectora e Beneficente e a União Portuguesa do Estado da Califórnia, as associações fraternais portuguesas dos Estados Unidos. Algumas tiveram a sua actividade cultural, promovendo serões musicais e espectáculos de teatro, mas hoje a acção delas pode dizer-se adstrita unicamente ao campo da assistência mútua aos sócios.

Artes Plásticas

Que eu saiba, além do retratista de celebridades bonitas Henrique Medina, até hoje três artistas plásticos lusos exerceram a sua actividade nos Estados Unidos: os irmãos Augusto e Álvaro Açores, que tiveram *ateliers* em Boston, e o escultor madeirense Agostinho Fernandes. O primeiro, principalmente, foi um notável pintor de marinhas, respeitado nos meios artísticos americanos. Os quadros de ambos os irmãos encontram-se dispersos por colecções particulares e em museus dos Estados Unidos. Da actividade de Agostinho Fernandes não tenho notícias.

* * *

É, como se vê, escassa de valores a Colónia Portuguesa dos Estados Unidos. Tal não admira, sabendo-se que os velhos emigrantes, idos dos Açores, de Cabo Verde, da Madeira e, em escala muito reduzida, da Metrópole, eram em sua esmagadora maioria analfabetos ou pouco menos. Outra triste verdade é esta: a mãe pátria nunca lhes deu, de forma aceitável, a mínima assistência cultural. Abandonados a si mesmos, explorada a sua boa-fé pelos pistoleiros a fingir de doutos e protectores do bom nome português, o que marca é o seu esforço de homens de trabalho. Bons agricultores, são igualmente óptimos operários industriais, marinheiros, comerciantes, etc. Em todas as suas actividades marcam posição que honra sobremaneira o nome de bom colono do lusíada.

O elemento português nos Estados Unidos andarà por 800 mil indivíduos: portugueses e luso-descendentes, dos quais cerca de 200 mil ainda falam a língua mãe. Cerca de metade são oriundos dos Açores; da outra metade, cabe a parte mais importante a Cabo Verde e à Madeira. Cada um destes agrupamentos mantém-se mais ou menos à parte dos outros, hostilizando-se não poucas vezes. Ao fim e ao cabo, em pouco modificaram essencialmente a sua maneira-de-ser: as qualidades e defeitos que se lhes assinalam nas terras de origem proliferam na América. É o que pode constatar quem se der ao trabalho de ler dois livros notáveis: *Two Portuguese Communities in New England*, do prof. Donald R. Taft (Longmans, Green & Co., Nova Iorque, 1923),¹⁹ e *Os Portugueses na Nova Inglaterra*, do cônsul Eduardo de Carvalho (ed. de «A Leitura Colonial», Rio de Janeiro, 1931).

Dentro de vinte, no máximo trinta anos, poucos vestígios nítidos restarão destas comunidades. Os stocks humanos não se renovam com a ida de novos emigrantes ou, pelo menos, o seu número é extremamente reduzido. Ao contrário do que se dá entre gentes de outras origens, os filhos dos portugueses geralmente não falam a língua dos seus pais, que consideram bárbara. Será ainda possível remediar este estado de coisas? Creio que vale a pena tentar fazê-lo.

Pedro da Silveira

¹⁹ Com edição fac-similada em 1969 pela Arno Press & *New York Times*, nunca foi traduzido em Portugal.

Referências

- Ashe, T., & Haydn, J. (1813). *History of the Azores: Or Western Islands; Containing an Account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants: And Demonstrating the Importance of These Valuable Islands to the British Empire*. Sherwood, Neely, and Jones.
- Baden, N. T. (1984). The immigrant voice in the stories of Miguéis. Em O. T. Almeida (Ed.), *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan* (115–127). Gávea-Brown.
- Bettencourt, U. (2014). Garcia Monteiro—Autógrafos e algo mais. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 23, 361–372.
- Kerr, J. A. (1977). *Miguéis—To the Seventh Decade*. Romance Monographs.
- Lewis, A. (1951). *Home Is an Island*. Random House.
- Mencken, H. L. (1919). *The American language: A Preliminary Inquiry into the Development of English in the United States* (First edition). Alfred A. Knopf.
- Miguéis, J. R. (1946). Um novo dialecto: O luso-americano? *Seara Nova*, 1011, 281.
- Miguéis, J. R. (1947). Como se ama na América. *Ver e Crer*, 24, 33–41.
- Miguéis, J. R. (1962). O Cosme de Riba- Douro. Em *Gente de Terceira Classe*. Estúdios Cor.
- Miguéis, J. R. (1983). *Onde a Noite Se Acaba*. Editorial Estampa.
- Monteiro, G. (1977). *Rimas de ironia alegre* (C. J. Pereira, Ed.). Civilização e Contexto.
- Pacheco, M. das M. (2020). *Viajantes nos Açores. O olhar estrangeiro sobre as Ilhas desde o século XVI*. Artes e Letras.
- Pap, L. (1976). *The Portuguese in the United States: A Bibliography* (1st ed). Center for Migration Studies.
- Pap, L. (1981). *The Portuguese-Americans*. Twayne Publishers.
- Pap, L., & Rogers, F. M. (1949). Portuguese-American Speech. An Outline of Speech Conditions among Portuguese Immigrants in New England and Elsewhere in the United States. *Hispania*, 32(4), 553. <https://doi.org/10.2307/334429>
- Rosa, V. (n.d.). Aos Açores, “por prazer”: Um guia para viajantes das Américas. *Observador*. Recuperado em 16 de setembro de 2024, em <https://observador.pt/2021/08/07/aos-acores-por-prazer-um-guia-para-viajantes-das-americas/>
- Rosa, V. (2022). Silveira e Miguéis. *Diário dos Açores*, 7.
- Santos, A., & Belém, V. (Eds.). (2022). *Pedro da Silveira: Da casca ao cerne*. Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro.
- Silveira, P. da. (2022a). Para quando uma história da emigração açoriana? Em V. Rosa (Ed.), *Só o Esquecido é Passado: Vol. I* (pp. 497–501). Instituto Açoriano de Cultura.
- Silveira, P. da. (2022b). *Só o Esquecido é Passado: Vol. I* (V. Rosa, Ed.). Instituto Açoriano de Cultura.

John Dos Passos on the Brazilian Migration: Analyzing *Brazil on the Move**

Miguel Oliveira

Abstract

This article aims at analyzing in what manner John Dos Passos portrayed migration in *Brazil on the Move*. Our text starts by showing the writer's interest in Brazil's development ever since the Portuguese settled the country. We then look closer at how Dos Passos reported on internal migrations that were being stimulated to settle Brazil's interior during the late nineteen forties. The article also analyzes how the construction of Brasília is interrelated to the migration problem. Furthermore, Dos Passos wrote on the *favelas* (slums), suggesting that people had to move out of the big cities and get themselves some virgin land to work on. He believed that agriculture could free the Brazilian people from poverty.

Keywords

John Dos Passos, Migration, Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Slums

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma John Dos Passos retratou a migração em *Brazil on the Move*. Começamos por descrever o interesse que o escritor teve pelo desenvolvimento do Brasil desde a sua colonização pelos portugueses. Em seguida, evidenciamos como Dos Passos relatou as migrações internas que estavam sendo estimuladas para povoar o interior do Brasil durante o final dos anos quarenta. O artigo também analisa como a construção de Brasília esteve inter-relacionada com o problema da migração. Além do mais Dos Passos escreveu sobre as favelas, sugerindo que as pessoas tinham que sair das grandes cidades para encontrarem trabalho no campo. Ele acreditava que a agricultura poderia libertar o povo brasileiro da pobreza.

Palavras-chave

John Dos Passos, Migração, Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Favelas

* This article was first published in 2013 as part of a chapter of my dissertation: *From a Man without a Country to an American by Choice: John Dos Passos and Migration*. For the publication herein, the text was slightly rearranged, undergoing minor changes.

John Dos Passos's many travels took him to Brazil. His two trips in the late nineteen fifties and early nineteen sixties were rich in subjects which went into the writing of *Brazil on the Move* a collection of material that starts with a look into the Portuguese settlement of the country in its colonial days.

Whereas Dos Passos had felt negatively about the Portuguese during his early years, he now (in the late 1950s) started to reflect on them appraisingly. In *Brazil on the Move*, he asked how it was possible that

a handful of settlers from tiny Portugal, a country which during the great period of Portuguese colonization numbered at most a couple of million souls, [managed] to occupy and assimilate one half of the South American continent. (1991, p. 2)

He further questioned how it befell “that the Brazilians, of all the South American peoples, [seemed] furthest on the way towards producing a civilization of their own” (Dos Passos, 1991, p. 2). With the last question, Dos Passos seemed to imply that the Portuguese had sown a seed more successful than had the Spaniards in their American colonies. For Dos Passos the explanation for “the success of the Portuguese as colonizers” lay in the fact that they were

made up of more various cultural strains than the other colonizing nations of Europe. The northern Portuguese had a lot of Celt in them. Many of the landowning families were the offspring of blueeyed Visigoths. There was a strong infusion of Burgundian French during the period of the establishment of the monarchy. In the south there was Arab and Berber blood (Dos Passos, 1992, p. 2).

In stating this, Dos Passos inferred the Portuguese had been a thriving people, because they had amalgamated with other peoples ever since Portugal's early history, interpreting this racial mixture as beneficial. Naturally, amalgamation also occurred in the colonization of Brazil. But for Dos Passos, in the colonization process, the use of force and the subjugation of the natives were as important as the mixing with the original inhabitants. Rather deferentially, he stated that the “Portuguese patriarch dominating the Indians by sexual prowess, by strength of character, by the possession of firearms and the knowledge of how to make gunpowder, became a prime factor in the colonizing of Brazil” (Dos Passos, 1969, pp. 362-3). To colonize Brazil in an orderly way, the country had been organized in captaincies. The Portuguese settlers “suffered various fortunes. At Ilhéus a colony was set up without difficulty by treaty with the local Indians” (Dos Passos, 1969, pp. 362-3). As put by Dos Passos, the settlements were successful in the end, even if some backlashes also occurred as when, for instance, “colonists who tried to plant a town near the mouth of the Northern Paraíba River were driven off.” To undercut these Indian rebellions, the Portuguese governors had “encouraged the colonists to marry into the native population,” as they had done before, in their possessions in “India and the Orient” (Dos Passos, 1969, p. 374), recognizing that “racial [admixture]” was the best way “to conquer the tropics” (Dos Passos, 1991, p. 44). Hence, in Brazil too, “intermarriage became [...] a fact of nature” (Dos Passos, 1969, pp. 374-5). Even in rural agricultural practices, Dos Passos discerns the presence of cultural intermingling. Although the “Portuguese strain was dominant,” “stock raising and agriculture, [...] was carried on by the old Indian system of burning off the forest [...], planting a crop or two of maize or manioc and, as the soil became exhausted, moving to another virgin tract” (Dos Passos, 1969, pp. 374-5). This was the case, because “chemical fertilizers” were “unobtainable and even if they could be” arranged the “rainfall would wash [them] away with the first tropical downpour” (Dos Passos, 1991, p. 121).

Looking back at colonial history, Dos Passos addresses the issue of the urgent need of labor hands. Even though the Portuguese colonists were mixing with the natives, more settlers were needed to help to work on the “*fazendas*” (plantations) “of enormous extent” (Dos Passos, 1969, p. 375), where “enough sugar” was produced “to yield an income to the royal exchequer in Lisbon” (Dos Passos, 1969, p. 364). “Negro slaves” were imported, and these “were considered part of the family” (Dos Passos, 1991, p. 9), too. “The master’s mulatto children,” Dos Passos thought, “enjoyed a certain status. Halfbreeds, whether of Indian or Negro blood, tended to be drawn into the dominant culture, instead of being discarded into an outcast class as they were in English-speaking America” (Dos Passos, 1991, p. 9). Dos Passos seems to have been proud that the Portuguese had recognized their “part Indian or part Negro” “half-breeds” as belonging “to the family group.” Approvingly he wrote:

The patriarch recognized his bastards. No obstacles were placed in the way of their rising to any situation they were capable of. The slaves were at the bottom of the heap but their lot was often alleviated by the fact that they too were thought of as relations. (Dos Passos, 1969, p. 375)

To be sure, even though Dos Passos seemed to subscribe to a somewhat benign view of the slavery system in Brazil, he was not oblivious to the fact that there were striking differences and a stratified social order. Slaves occupied the lowest rung in society, whereas “the mixed breeds [...] cared for the stock, furnished the skilled and semi-skilled labor and the overseers and the minor officials” (Dos Passos, 1969, p. 375).

Brazil was rich, not only in exported raw materials (such as gold and silver), but in farmland as well. Rapidly, the name of the colony came to be connoted with “affluence.” As a result, “[i]mmigration from Portugal increased. By eighteen hundred the population of Brazil counting Negroes, Indians and whites and mixed breeds was reckoned at three million. This was considerable more than the population of the mother country” (Dos Passos, 1969, p. 376). Before long the Portuguese monarch determined “under royal charter” that immigration was to be “controlled,” to impede Portugal’s depopulation (Dos Passos, 1969, p. 376). Ironically, the king himself soon had to leave for Brazil. When Napoleon Bonaparte invaded Europe, and was already subjugating Spain, John VI, fled for Rio de Janeiro: “John and his whole court embarked on a fleet, sometimes described as consisting of a thousand ships, for Brazil. [...] Rio de Janeiro suddenly found itself the capital of the Portuguese world” (Dos Passos, 1969, pp. 378-9). King John’s emigration was to last from 1808 to 1821. Only then did John VI return to Lisbon “to try to restore the family fortunes in the home country. [...] John left his son Pedro I as prince-regent in Rio” (Dos Passos, 1969, p. 379). Pedro had no intention of accepting that Brazil, a territory that largely outsized Portugal, would continue under the latter’s dominion. In “1822 young Pedro was proclaimed constitutional emperor of an independent Brazil” (Dos Passos, 1969, p. 379).

When John Dos Passos visited the country in 1948, the building of the infrastructure to the hinterland was in a developing phase. In Dos Passos’s opinion, Brazil’s progress had “been held back by its inconvenient geography” (Dos Passos, 1991, p. 1). It was difficult to build roads; since “distances were immense,” and “transportation hazardous” (Dos Passos, 1969, p. 376), and “half the land area of South America” was still “empty” (Dos Passos, 1991, p. 68). The government understood that only “[r]oads meant settlers” (Dos Passos, 1991, p. 80). Money was spent on the construction of highways, long “before housing” was erected for colonists in Brazil’s interior (Dos Passos, 1991, p. 80). In an interview, a Brazilian tried to explain to Dos Passos, why it took so much longer in Brazil to settle its backlands than it had taken in North America.

“During your pioneer days,” he said, “you North Americans always had the Pacific Ocean for a goal to lure you on across the mountains. That’s why you populated your part of the continent so quickly. Our way west has been barred by impenetrable forests.” (Dos Passos, 1991, p. 69)

Although slowly, Dos Passos concluded, they now “were peopling Brazil” (Dos Passos, 1969, p. 381). The new infrastructures to the hinterlands were attracting people, willing to move further into the country, hoping to find themselves a farm.

Wherever a new road opens in Brazil a band of settlement spreads out along it. Here settlers are encouraged to build themselves houses and to clear small farms on six and a half acre tracts [...]. If the planting meets the requirements the settlers are supposed to get title to the land with the lapse of a year. [...] [Nevertheless, clearing] a small patch is long and tedious, [...] in most cases, a man has only his own two arms and an axe and machete, about the best he can do is burn the underbush and let the big trees lie where they fall. (Dos Passos, 1991, p. 121)

Commonly, those who were willing to engage in an internal migration were people from “the droughtstricken regions of eastern Brazil and from Bahia and from the baked out of towns in the backlands of Minas.” Some of them “seemed to have brought a little money with them, enough to buy some building materials.” Meanwhile, before the houses were finished, the “settlers lived in shelters of palmettoleaf thatch” (Dos Passos, 1991, pp. 90-1).

Dos Passos noted that internal migrants also came from São Paulo, and the federal states Paraná and Pernambuco to the “western river valleys of Goiás” (Dos Passos, 1991, p. 89). Whereas

[p]ublic officials travelled by air [...] the working farmer sort of people travelled by truck, jolting over endless miles of wilderness trails. These were the trucks called *pau d’arara*: parrot perches, because to keep from being jolted out you had to hold on to poles slung overhead. People who could not raise the truck fare had to walk. [...] In all they must have walked a thousand miles with their poor possessions on their heads, through tropical rain and scorching sun. (Dos Passos, 1969, p. 380)

For John Dos Passos these people “were true pioneers”; they “came buoyed up by the certainty that nothing they found in the new settlements could be worse than the poverty they had left behind.” Progressively, villages and cities were developing. Some recently founded cities, as Dos Passos reported, had already “eight thousand inhabitants, with an estimated fifteen thousand in the environs, schools, a newspaper, a hospital, and twentytwo banks” (Dos Passos, 1991, pp. 89-99).

During the first visit Dos Passos paid to Brazil, he interviewed Bernardo Sayão, a Brazilian politician (vice-governor of Goiás), commissioned by the government to build the roads to the interior and support logistically the settlements (*colônias*) alongside the constructed roads. In *Brazil on the Move* Dos Passos explained how the settlements functioned:

“The first year is hard,” [Sayão] explains. The newly arrived often camp out under a tree. Next they’ll put up a bamboo shelter thatched with palm. In the Brazilian backcountry there’s a mutual aid system [...]. By the end of a year you are beginning to get enough food out of the crops of beans and rice and manioc you planted. Maybe you have something left over to sell, enough to buy shoes with. A couple of more years, if it’s a hardworking family

with plenty of children to help, you'll clear a little more land and sell the timber. [...] "When they get a little cash they'll buy bricks and build themselves a better house [...]. Then they'll clear more land and sell the timber to the sawmill and buy cattle... Coffee does magnificently here. We are planting Colombian type coffee for the American market. I want my settlers to plant coffee to tie them to the soil. A coffee plantation is a longterm investment... Brazilians are nomadic. They drift all over the continent. They'll clear a piece of land and plant a couple of crops on it and move on. I want my people to stay." (Dos Passos, 1991, pp. 54-5)

Dos Passos, as well as Sayão, were well aware that Brazil, like the United States, needed immigrants for its development. It was necessary to entice them and to make them settle down. To attract colonists and end their nomadic life, hospitals and schools also had to be constructed near the settlements. Although one road already existed, Sayão believed additional roads had to be built to better interconnect the settlements, for instance, to "the city of Belém" (Dos Passos, 1991, p. 56). Sayão argued that no agricultural settlement "would do [...] good without roads to bring" the peasant's "products to market" (Dos Passos, 1991, p. 58). In the *colônia*, Dos Passos noticed that not only other Brazilians (internal migrants) were settling down, but also foreigners who had immigrated to Brazil. Russians, (see Dos Passos, 1991, p. 46) Austrians, Hungarians, (see Dos Passos, 1991, p. 49) Germans, (see Dos Passos, 1991, p. 108, 133)—some of them speaking still their mother tongue, (Dos Passos, 1991, p. 95)—Greeks, Spaniards, Portuguese (see Dos Passos, 1991, p. 99), Hollanders, (see Dos Passos, 1991, p. 73), Lithuanians,—who were successfully producing paper (Dos Passos, 1991, p. 95)—and Japanese had joined the settlements in the country's hinterland. Among the latter group, were people growing pepper, (see Dos Passos, 1991, p. 123), whereas others worked as gardeners (see Dos Passos, 1991, p. 99). Dos Passos also found people of Polish (see Dos Passos, 1991, p. 95) and of Scottish ancestry in Brazil (see Dos Passos, 1991, p. 138).

Some of these immigrants were "engineers and technicians" (Dos Passos, 1991, p. 96) and must be approached as brain gain, such as "[y]oung Germans from Siemens," who "were putting through the last tests on [...] two freshly installed generators" (Dos Passos, 1991, p. 134). Yet, as Dos Passos was told, the majority of these engineers "would rather work in the cosmopolitan regions of Rio and São Paulo" (Dos Passos, 1991, p. 120) than in the country's backlands. Among these immigrants as well were learned agronomists from Switzerland, contacted by the "Brazilian Government" (Dos Passos, 1991, p. 49).

Dos Passos proudly recalled having interviewed two Brazilians of great importance, whose ancestry was distinctly foreign: Juscelino Kubitschek, "one of the leading politicians," and Oscar Niemeyer, "their best-known architect" (Dos Passos, 1991, pp. 9-10), who had all "sorts of European strains" that "[made] up his family tree" (Dos Passos, 1991, p. 82). Their prominence led, Dos Passos to conclude that it was possible for any descendant of an immigrant to become a leading public figure in Brazil. Kubitschek had even succeeded in becoming President of the country. He "was the son of a middle-European immigrant and a Brazilian mother" (Dos Passos, 1991, p. 64). Although he "had no money behind him," he achieved success because he was a "hardworking eager young man," and "managed to get himself into the medical school in Belo Horizonte" (Dos Passos, 1991, p. 64). Later, Kubitschek studied in Paris and became upon his return one of Brazil's "leading urologists" (Dos Passos, 1991, p. 65). In no time, "he was appointed mayor by Cetúlio Vargas"; and from "mayor of the state capital it was an easy way to governor of the state" (Dos Passos, 1991, p. 65). It was Kubitschek who "promoted" Niemeyer. He had a "novel style" (Dos Passos, 1991, p. 66), which did not always earn acclaim (see 1991, p. 81). "Kubitschek stood by his architect." Not even "the fact that Niemeyer [called] himself a Communist while Kubitschek [...] defended] private enterprise did [...] interfere with their collaboration" (Dos Passos, 1991, p. 66).

Even though Dos Passos admired Niemeyer on the one hand, he criticized his communist attitude on the other. Dos Passos wrote:

About politics he is disconcertingly naïve. Though he claims to be a Communist and contributes to the Party war chest he designs churches and yachtclubs and gambling casinos with as much enthusiasm as he does worker's apartments. (Dos Passos, 1991, p. 82)

John Dos Passos admiringly remarked that in Belo Horizonte, the capital of Minas Gerais, “shone the angular construction of glass and concrete designed by Niemeyer” (Dos Passos, 1991, p. 42). Dos Passos considered these some of “Niemeyer's most original and imaginative works” (Dos Passos, 1991, p. 42). Yet, upon observing one of Niemeyer's houses of worship, Dos Passos could not suppress his judgment, finding it “odd that a professing Communist should have designed such a pretty church” (Dos Passos, 1991, p. 42). In the late nineteen fifties, President Kubitschek “offered Niemeyer the post of Supervisor of Construction of Brasília at a salary which amounted to only a few hundred dollars a month,” while Lúcio Costa, (Niemeyer's teacher) became responsible for the working out of a city plan (Dos Passos, 1991, p. 66). To construct Brasília, Niemeyer had to move from Rio to the region, where the future Brazilian capital was to be located. The problem was that Niemeyer had a “dread of travel” (Dos Passos, 1991, p. 83). Dos Passos had interviewed him shortly before he moved:

During his last days in Rio he seemed to be thinking more about how much he hated to leave his family and the pleasant dwelling he designed for himself, [...] than about the glorious opportunities the Brasília project offered him as an architect. He cried out how hard it would be not to see his grandchild every day. He has a horror of airplanes. The six hundred and fifty miles between Rio and Brasília will be a tough trek by car until the new road is finished. Once he tears himself away from Rio and settles in Brasília he seems to expect to stay there for the full two years (Dos Passos, 1991, p. 83).

Not only the architect had to move. The future city needed workers in order to be constructed.

Fortyfive hundred people were unloaded from trucks almost overnight into the wilderness. They had heard about the new capital. They believed in Brasília. They wanted to settle there [...]. The authorities of Novacap¹ had plans drawn up to build what they called “satellite cities” to accommodate the populations they knew would be attracted to the scene and to keep their capital city from becoming a rural slum before it was ever completed. (Dos Passos, 1991, pp. 89-90)

Many workers were settled just around the future town, and a “bus service was set up to take them back and forth.” People from all over the country moved to the satellite cities. There, “[w]ages were better than they were accustomed to” elsewhere in Brazil (Dos Passos, 1991, p. 91). Amongst others, Niemeyer was to design the congress building in Brasília, which Dos Passos considered “a conspicuous failure” (Dos Passos, 1991, p. 130), “inconvenient to operate” (Dos Passos, 1991, p. 163). “The interior,” John Dos Passos wrote, “is cramped and illplanned for its purpose. There is a frivolous ugliness about the exterior hard to explain in a designer with such great talent for sculptural effects” (Dos Passos, 1991, p. 130). Furthermore, Dos Passos criticized Niemeyer's Palace

¹ NOVACAP was the governmental company responsible for the construction of the new capital of Brazil.

Hotel, and the presidential palace in Brasília, when he and other journalists were being guided through the town still under construction.

Niemeyer's strange mania for underground entrances has saddled the hotel with an unnecessarily inconvenient lobby. It surprised us to find in a pupil of Le Corbusier's functionalism so little regard for the necessary functions of a building. In case of fire, [...] how would we ever get out? The presidential palace we found to be a singularly beautiful building of glass and white concrete [...] The inner partitions were glass too. We did ask each other where amid, all those glass walls, the poor President could find a spot to change his trousers or a private nook to write a letter (Dos Passos, 1991, p. 77).

Overall, Dos Passos thought the country was improving in economic terms (as he expressed through the title he had chosen for his book). However, he did not overlook Brazil's poverty, and also wrote about the *favelas*, which "in Brazilian Portuguese means slum" (Dos Passos, 1991, p. 30). There he stated:

People are poor all right. [...] In North Carolina the solution was textile mills. Here it might be small industry. It might be resettlement on virgin lands to the west. Cutting the throats of the landlords isn't going to help. It's so much easier to appeal to envy, hatred and malice than to work out rational solutions: therein lies the success of the Communist play for power. (Dos Passos, 1991, p. 188).

Dos Passos uses the comparison with a poor region of the U.S. to once more take the opportunity to criticize the communists, whose approach, in his view, was bringing no real improvement to the country. John Dos Passos sees the communists as hate promoters. The communists accused the great landholders of possessing all the good land, leaving the poor with no other choice but to work for the property owners, almost as slaves. In contrast, Dos Passos trusted capitalism, i.e. "small industry," or internal migration, suggesting that people could move westwards to virgin tracts. Concerning the *favelas* themselves, Dos Passos considered they were the outcome "of the population explosion which [had] resulted from the success [...] of public health measures" (Dos Passos, 1991, pp. 30-1) introduced in Brazil. He argued "the growth of industry" (Dos Passos, 1991, pp. 30-1) was another reason for people to crowd "out of the back country into cities and towns" (Dos Passos, 1991, pp. 30-1), finding there that they still had to draw on ways they were familiar with in the rural areas they had left:

In the back country, they had lived a barefoot life as ungarnished in every aspect as the little huts with dirt floors they were born in and dwelt in and died in, but at least they had space about them and air to breathe. Except in very bad droughts the rural economy had furnished sufficient food. [...] In the cities the immigrants find no housing ready for them, so they picked themselves out a back lot and put themselves up a shack out of whatever materials are cheapest and handiest just the way they would back up in the hills. [...] They cook on charcoal. They can't read and write so they don't need much artificial light. The women and children fetch water in gasoline tins from the nearest pump that may be a mile away, just as they would have gone down to the river back home, and they deposit their excrement behind the fence and throw their garbage out on the path just as they always did. The shacks agglomerate into rattletrap settlements [...]. In Rio—this was in 1948—there were said to be three hundred thousand people living in favelas. Today there are nearer a million. [...] The

main trouble is lack of water and light. There is no garbage disposal, no sewerage. (Dos Passos, 1991, pp. 30-1)

These were the conditions in Brazilian slums, where the police did not even “dare penetrate” (Dos Passos, 1991, pp. 30-1). Crime rates and drug abuse were always said to be high among the dwellers of the slums. But according to Dos Passos, the authorities tried to help these poor people, as the writer observed at Guanabara. There the government was trying to furnish these *favela* people with building materials.

The governor furnishes cement, lumber, and technical help for these projects, but the heavy work is done by the faveladwellers themselves [...through] *mutirão*, mutual help. Since most of the squatters are recent immigrants² from the backland they are used to the old peasant system. If a man is building a house the neighbors pitch in to help. They work the same way in the favelas. The governor’s plan is to give the squatters title to the little plots they have already built their houses on, and gradually to draw them into the benefits and responsibilities of citizenship. (Dos Passos, 1991, p. 171)

Although occasionally critical, we may conclude that on the whole Dos Passos was approaching Brazil full of hope, and believed it could soon become a prosperous nation of international influence. The title *Brazil on the Move* expresses that and the many migrations that took place to settle and construct in the country.

² We consider that these people are not immigrants but rather internal migrants.

References

- Dos Passos, J. (1969). *The Portugal Story: Three Centuries of Exploration and Discovery* (First edition). Doubleday & Company, Inc.
- Dos Passos, J. (1991). *Brazil on the Move*. Paragon House.

A Língua “Porigui” - Dicionário Antigo inventário de palavras da L(USA)lândia

Duarte M. B. Mendonça

Abstract

Research carried out in the old Portuguese newspaper *A Voz da Colónia* allowed us to discover a small linguistic treasure long forgotten in the form of an inventory of terms used in the 1920s by Portuguese emigrants in America. We rescue them from oblivion and make them known, in the hope that they will be useful, both for linguists and for those who study our emigrant communities in the United States.

Keywords

Voz da Colónia, “Porigui”, Portuguese-Americans, Immigrant language

Resumo

A pesquisa realizada no antigo jornal português *A Voz da Colónia* permitiu-nos descobrir um pequeno tesouro linguístico há muito esquecido na forma de um inventário de termos utilizados na década de 1920 pelos emigrantes portugueses na América. Resgatamo-los do esquecimento e damos-os a conhecer, na esperança de que sejam úteis, quer para linguistas quer para quem se debruça sobre o estudo das nossas comunidades emigrantes nos Estados Unidos.

Palavras-chave

Voz da Colónia, “Porigui”, Luso-americanos, Linguagem emigrante

Quando, há dois anos, fomos à América com o intuito de recolhermos dados para elaborar a biografia de João José Vieira Júnior, ilustre emigrante madeirense, oriundo da Boaventura, na costa norte da ilha da Madeira, os nossos passos levaram-nos até à Rhode Island Historical Society, situada a dois passos do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, a entidade que publica a revista *Gávea-Brown*, especializada no estudo da realidade luso-americana e não só, com o intuito de pesquisarmos o microfilme do antigo jornal *A Voz da Colónia*, fundado em Bristol, RI, em 1926, pelo pastor metodista João Cristiano da Rosa, e transferido para Providence dois anos volvidos.

Ao depararmo-nos com a série de artigos subordinada ao título em epígrafe, recolhemo-la de imediato, pois sabíamos que era importante para os linguistas que se dedicam ao estudo do linguajar, assim como para os estudiosos das vivências dos nossos emigrantes na América. Publicados nas edições de 16, 23 e 30 de Julho e de 6, 13 e 20 de Agosto de 1931, não apresentam o nome de quem a coligiu; contudo, um olhar atento a um artigo de opinião Vieira Jr., publicado alguns anos antes nesse semanário, mais precisamente a 28 de Junho de 1928, intitulado “A nossa língua”, dá a entender ser ele o seu autor. Nesse texto, afirmou o seguinte:

“O que é mais provável é que no decorrer dalguns anos se vá falar em idiotismos como “fazer o faidante”,¹ “fazer o figa”,² o “da-se olraite”,³ o “é muito naice”,⁴ e até já há “naicesinho”⁵ e “tafinho”,⁶ e muitas outras expressões que dariam para fazer um dicionário. E muitas vezes estas expressões mistas são quase inevitáveis, especialmente entre as pessoas menos cultas, cuja vida associativa lhes faculta tais influências perniciosas sobre a sua língua materna.”

Conforme é deveras perceptível, neste parágrafo o ilustre madeirense apresentou alguns exemplos do falar dos nossos emigrantes, acrescentando que essas e *muitas outras expressões (...) dariam para fazer um dicionário*. Ora, dicionário, é precisamente o termo que subjaz ao título escolhido pelo autor do inventário que se segue, sendo os termos analisados e declinados como se duma obra desse tipo se tratasse. Mais, na introdução à sua listagem, que abaixo apresentamos, o seu autor menciona que os recolheu *há uns bons meia dúzia de anos*, o que nos remete para meados da década de 1920, portanto, na vizinhança temporal da publicação do artigo supramencionado. Por isso inferimos, sem muitas margens para dúvida, que este inventário linguístico será da autoria desse preclaro emigrante, que se notabilizou pela vasta colaboração na imprensa luso-americana da costa leste e oeste, e ainda por ter obtido formação superior, na Boston University, como meio de seguir a sua opção de vida como pastor protestante na América.

Após este preâmbulo, passamos a apresentar o levantamento dos termos outrora empregues pelas nossas gentes nas terras do Tio Sam, que resultam da amálgama entre as línguas inglesa e portuguesa, e que são o espelho fiel duma época. De modo a evitar a repetição dos títulos, juntamos os seis artigos num só.

¹ Talvez se trate duma gralha, porque deveria ser “fazer o faindaute”, ou seja, “fazer o *find out*, isto é, descobrir ou averiguar.

² “Fazer o figa” ou “fazer o figure”, tem origem no *figure out*, ou seja, arranjar maneira de descobrir ou averiguar.

³ Esta expressão significará “está-se bem”.

⁴ É muito bom.

⁵ Bonzinho.

⁶ Com origem no termo *tough*, esta expressão significa um bocadinho duro, ou difícil.

A Língua “Porigui”

DICIONÁRIO

Desenvolveu-se no nosso meio colonial um curioso fenómeno linguístico, a que, à míngua de melhor expressão, damos o nome de “Porigui”, do qual, em baixo, alguns exemplos, publicamos, dos quais o leitor pode, sem esforço, ajuntar uma infinidade de termos, como tivemos a ocasião de fazer há uns bons meia dúzia de anos.

Escusado é dizer que as amostras que seguem não obedecem a ordem alguma.

Vão ao acaso, mesmo nas definições, que acompanham essa aravia. Não pretendemos ter incluído tudo quanto se podia e devia incluir.

Amónia, ou **namónia**, s. f., pneumonia, catarral. Pronúncia influenciada pelo ingl., que não soa o p. de pneumonia (pronúncia fig. **numounia**).

Areche, adj. bif., irlandês.

Becasso, s. m., sentina, o que muitos chamam retrete, algo à francesa. Esta expressão colonial é privativa dos colonos de Fall River, e resulta da confusão na pronúncia do inglês “Beck-house”, que é uma casita construída antigamente atrás da respectiva casa de habitação, de que os moradores se serviam para despejos, etc.

Bábechape, s. m., barbearia. Do inglês “Barber Shop”.

Babo-chapo, s. m., o mesmo que **Babe-chape**.

Boque, s. m., pacote, caixa, caixote. Do inglês Box.

Reporto, s. m., relatório, relação, comunicado. Do inglês report.

Aice boque, s. m., caixa de gelo frigorífico. Do inglês Ice Box.

Saide boque, s. m., passeio da rua. Do inglês Sidewalk.

Suto, s. m., fato. Do inglês suit.

Tiquete, s. m., bilhete. Do inglês ticket.

Estima, s. m., vapor, fornalha. Do inglês Steam.

Cona, s. f., esquina ou canto da casa ou rua, ou junção de qualquer objecto que tenha esquinas. Do inglês corner.

Bóda, s. f., incómodo, inquietação, arrelia, inconveniência. Do ingl. Bother.

Bader, s. bif., o mesmo que **Bóda**.

Bisnas, s. f., plural, negócio, comércio, estado de saúde, dever, disposição moral. Ingl. Business.

Daibitas, s. m. pl. do inglês pron. disvirtuada Diabetes.

Naice, adj. e adv., belo, esplêndido, admirável; bem. Do ingl. Nice.

Chápe ou **Chapo**, s. m., oficina, fábrica, atelier. Do ingl. Shop.

Suíde, s. adj. bif., sueco ou sueca. Do inglês Sweed, Swedish.

Bordo, s. m., hospedagem, pasto. Do inglês, Board.

Casa de Bordo, sub. comp., hospedaria, casa de pasto, pasto. Do inglês, Boarding House.

Bordar, v. i., hospedar-se, hospedar.

Charape, ou **charapu**, inter. Silêncio, calar a boca. Do inglês, Shut up!

Purápo, ou **purape**, v. i., suportar, haver-se com. Do inglês, Put up.

Juste-seime, adv., o mesmo, idem, idêntico, semelhante, igual, igualmente.

Chôa, adj. e adv., certo, decerto, certamente. Inglês, Sure.

Anô, interj., sim, sei. Ingl. I Know.

Côrte, s. f., tribunal. Inglês, Court.

Maquêta, s. f., talho, estabelecimento de carne, peixe ou de mercearia, bolsa. Inglês, Market.

Groçaria, s. f., mercearia. Inglês, Grocery.

Sandei-school, s. f., aula de catequese, doutrina (entre protestantes portugueses) aula bíblica. Do inglês Sunday School.

Basquete, s. m., cesto, canastro, açafate. Ingl. Basket.

Pêlo, s. m., marmita, rancho, refeição entre as horas de trabalho, balde. Ing. Pail
Conebife, s. bif., carne salgada. Do inglês, corn beef.
Pôco-chape, ou **porque chope**, s. m., costela de porco. Do inglês Pork Chop.
Bía, s. f., cerveja. Ing. Beer.
Canecar, ou **conecar**, **fazer conekchin**, ligar, estabelecer contacto. Ing. To connect, make connection,
Djabinho, s. m., dim. Trabalhinho, pequeno serviço. Inglês job, mais inho do port.
Djabo, s. m., trabalho, emprego, serviço, tarefa. Ing. Job.
Gueroute, inter. ou excl, saía. Do inglês Get Out.
Gouane, inter. ou excl., segue, gira-te, vai-te embora. Do ingl. Go on.
Camóni, inter. ou excl. despacha-te, vem! Ing. Come on.
Wél, adv., bem, pois. Inglês, Well.
Mémé, s. f., Maria, Maricas, Maricota (bras.) Do inglês, Mary, May, Mamie.
Rumo, s. m., quarto, acomodação, lugar. Inglês, room.
Queice, s. m., caso, pleito. Ing., case.
Ita ou **hita**, s. m., aquecedor. Ing. heater.
Papel, s. m., jornal, documento, requerimento. Ing. Paper.
Pices, s. m., trecho poético ou musical, alocução. Ing. piece.
Sumara, int., que tem?! Que há? Ing. What is the matter.
Sóra, s. f., limonada, laranjada, gasosa. Ing. Soda.
Côcô, s. m., cacau. Inglês Cocoa.
Departamento, s. m., repartição, secção, jurisdição. Ing. Department.
Lara, s. f., banha de porco derretida, manteiga de porco. Ing. lard.
Loia, s. m., advogado, doutor em direito. Ing. lawyer.
Rabeto, s. m., coelho. Ing. rabbit.
Meimi, s. f., o mesmo que Mémé e Mini.
Sér-assim, s. m., naturalizado, cidadão dos Estados Unidos. Ing. citizen.
Brava, s. m., o mesmo que Caboverdeano.
Lisbôa ou **Lisbaua**, s. m., natural de Portugal propriamente dito.
Guirapo, interj., forma impva. Levantar-se. Ing. Get up.
Stanapo, interj., forma imp., pôr-se em pé, levantar-se, assomar-se. Ing. Stand up.
Levamaine, interj., forma impva. Não fazer caso, deixar estar. Ing. Never mind.
Fazer fainauto, vt., buscar, procurar, interrogar, perguntar. Ing. find out.
Pôrsimente, s. f., prop. p., Portsmouth, nome de muitas cidades anglo-americanas, etc.
Taquete, s. f., prop, do ingl., Pawtucket, uma cidade de Rhode Island.
Brista, e **Bristil**, s. f. próprio. Do ingl. Bristol.
Fô Rive, s. f. prop., Fall River.
Betefote, s. f. prop., New Bedford.
Quepe, s. f. prop., do Ing., Cape Cod.
Barrelão, s. m. prop., Auburn.
Bossa, s. f. e m., patrão, patroa, capataz, oficial superior numa fábrica ou oficina. Ing. Boss.
Orraite, interj., está bem, bom, ótimo. Ing. All right, all-right.
Sécas, s. f. pl, exibição de animais ferozes e outros, feira de animais treinados. Ing. circus.
Ariapo, interj., depressa. Ing. hurry up.
Tantin, s. prop., Taunton, cidade do Estado de Mass.
Cela, s. f., cave, loja duma casa. Ing. cellar.
Escola Alta, s. cif. comp., liceu, escola secundária. Ing. High School.
Colégio, s. m., escola superior de letras e ciências, universidade. Ing. college.
Representativo, s. m., deputado às câmaras, legisladores, delegado, representante. Ing. representative.
Caboverdeano, s. m. e adj., preto, negro. Descoberta original portuguesa e (**porigui**).

- Jogar faite**, s. com., lutar, jogar o soco, combate pugilístico. Ingl. fight.
- Brincar piano**, s. comp., tocar ao piano. Ingl. Play the piano.
- Bridge da cambada**, s. comp. f., a ponte que atravessa o rio de Providence, ligando a rua Point com Fox Point. Ingl. Point Street Bridge.
- Rua das latas**, s. f. comp., uma rua de Fox Point, Providence, habitada por portugueses. Ingl. Trenton Street.
- Canerca**, s. f., nome do Estado mais meridional da Nova Inglaterra. Ingl. Connecticut.
- No Porto ou Nuporto**, s. f. prop., nome de várias cidades dos Estados Unidos. Ingl. Newport.
- Ofas**, s. f., pl., escritório, consultório, redacção. Ingl. Office.
- Lemu-lono**, excl. forma impva., largue-me da mão, deixa-me. Ingl. Leave me alone.
- Esporin**, s. m., mola enxerga de arame. Ingl. Spring.
- Raivar**, v. t., guiar, conduzir, escorraçar. Ingl. to drive.
- Ravar o carro**, comp. do verbo raivar mais s. carro (automóvel), guiar um automóvel, camioneta, etc. Ingl. to drive a car.
- Mechin**, s. m., máquina, engenho, veículo movido a vapor ou a gasolina, carro, automóvel, camionete, etc. Ingl. machine.
- Ringar o belo**, expressão composta, o mesmo que ringar.
- Ringar**, v. t., tilintar, repicar sino, tocar o sino.
- Printar**, v. t., imprimir, estampar, gravar graficamente. Ingl. to print.
- Fazer o bite**, expressão comp. do v. post. Fazer, art. def. o e deturpação do s. inglês beat; (pancada), significando toda essa açorda vencer, exceder, ultrapassar, derrotar, ganhar, etc.
- Ecurim**, s. m., rede de arame. Ingl. Screen.
- Cantoria**, s. f., país, terra, campo. Ingl. Country.
- Capote**, s. f., tapete. Ingl. carpet, rugs.
- Mira**, s. f., contador, registo do consumo de electricidade ou do gás. Inglês, meter.
- Bói**, s. m., rapaz, menino, garoto. Ingl. Boy.
- Iar**, s. m., Quintal, espaço aberto em volta da casa. Ingl. Yard.
- Fábrica Nova**, s. prop. comp., “Crown Manufacturing Company”, em Valley Falls – Attleboro.
- Fábrica do Repuxo**, s. f. comp., “The Royal Weaving Company”.
- Fábrica do Relógio**, s. f. prop. comp. Uma fábrica de Pawtucket.
- Fábrica Vermelha**, s. f. prop. e comp., “American Printing Company” de Fall River, Massachusetts.
- Fábrica das Linhas**, s. f. comp. prop., “American Thread Company” de Fall River, Massachusetts.
- Fábrica da Barateza**, s. f., prop. comp., “The United States Cotton Company”, de Central Falls, R. I.
- Fábrica dos Ovos**, s. f. prop. comp., uma antiga fábrica de tecidos de algodão, em Taunton, Massachusetts. Ingl. The Cohasset Mill.
- Massachusa**, s. f. prop., um dos principais Estados da Nova Inglaterra. Ingl. Massachusetts.
- Rodaila ou Roraila**, s. f., prop., o nome do mais pequeno estado da Nova Inglaterra. Ing. Rhode Island.
- Salvar dinheiro**, s. comp., economia; e. v. i., economizar, poupar, reduzir os gastos. Ingl. Saving Money.
- Lastico ou lastique**, s. m., elástico. Ingl. Elastic.
- Apustez**, s. f., sobrado, o andar dum prédio superior em que se encontra o indivíduo. Ingl. Up the stairs.
- Frente rumo**, s. m. comp., sala de visitas. Ingl. Front Room.
- Doitor**, s. m., dentista, veterinário, médico. Ingl. doctor.
- Fochintéla**, s. m. ef., cartomante, benzedeiro, clarividente. Ingl. Fortune teller.
- Sampla**, s. f., modelo, figurino, ideal. Ingl. Sample.
- Vaqueixa**, s. f., férias, descanso, repouso periódico do trabalho, licença. Ingl. Vacation.

Taia, s. f., pneumático, gravata. Ingl. Tires, neckties.
Introduzido, adj. e prt. p., apresentado. Ingl. Introduced.
Incha, s. f., polegada. Ingl. inch.
Vordo, s. m., hóspede. Ver **bordo**.
Vorda, s. f., o mesmo que **bordo**.
Nicle Meles, s. m., Lincoln Mills, Fall River.
Carocinho, s. m., Crescent Mills, Fall River.
Estafete, s. m., Stafford Mills, Fall River.
Vacia, s. m., encarregado dum estabelecimento fabril. Ingl. Overseer.
Tourêna, s. m., o 3.º capataz duma fábrica. Ingl. Third hand.
Sacanana, s. m., o segundo oficial duma fábrica. Ingl. Second hand.
Rasbane, s. m., marido, esposo. Ingl. Husband.
Uaifo, s. f., mulher, esposa, consorte. Ingl. Wife.
Meu fala, mê falá, s. m., meu namorado. Ingl. my fellow.
Minha guéla, minha gala, s. f. comp. minha namorada, minha pequena. Ingl. My guirl.
Minha rapariga, mnha pariga, o mesmo que **minha guéla**.
Gama, s. f., uma espécie de rebuçado aromático e adelgado que as americanas incultas e crianças mascam. Ingl. Gum ou chewing gum.
Côcas, s. f. pl., uma espécie de bolo doce, que os ingleses chamam Cookies.
Jó, s. prop., José. Ingl. Joseph, abrev. Joe.
Rói, Roy, s. prop., Rui, Raul.
Scruzes, s. pl., parafusos. Ingl. Screws.
Scru’riva, s. f. e m., chave de parafusos, desatarrachador, Do Ingl. Screwdriver.

Notas finais

Muitos destes termos ainda se usam nas comunidades portuguesas da costa leste dos Estados Unidos, tão disseminados que estão no seu seio, passando de geração em geração, pois fazem parte da herança linguística.

No decurso das nossas várias visitas a New Bedford, ao longo de mais de 20 anos, fomos tomando conhecimento desta terminologia específica, que andava naturalmente de boca em boca e, por ser de fácil apreensão, sem que nos dessemos conta, também demos por nós a empregar alguns destes termos no contacto com os nossos emigrantes e luso-descendentes.

A primeira listagem de termos deste género parece ter sido feita por Nunes da Rosa num dos contos de *Gente das Ilhas* (Sinos da Aldeia, 1925). Esta que ora damos a conhecer, recolhida d’*A Voz da Colónia*, será contemporânea dessa, assim como um dos primeiros inventários destas expressões idiomáticas, dado que foi elaborado a meados dos anos de 1920 e publicado em 1931, portanto, há quase um século.

Cinco crónicas californianas

João Bendito

A caverna

Ontem, quando me sentei para degustar o delicioso jantar que a Alice preparou, olhei de relance pela janela, em direção ao meu horizonte visual.

Estávamos naqueles momentos de transição, quando ainda não é noite, mas o dia não desiste, resiste, agarra-se desesperado à luz; a Lua, em Quarto Crescente, mas já próxima da Lua Cheia, parecia prateada, sobre um fundo azul macio, aveludado. Rasgadas e disformes, nuvens espaçadas, cor-de-rosa, fugiam a esconder-se por detrás das copas das árvores, agora pintadas de um verde-dourado outonal. Interrompi a refeição e levantei-me, abeirei-me da janela. Espantada, a minha companheira inquiriu da razão do meu movimento. “Nada, nada, estava só a ver a luta entre a luz e as trevas”, respondi. Devia ter descrito o quadro completo, mas como a minha resposta lhe deve ter parecido mais uma das minhas esquisitices, ficou encerrada a conversa.

Não é só naquela hora do dia que gosto de olhar os astros, quando tenho oportunidade de o fazer. Acontece o mesmo em muitas das madrugadas, dos três ou quatro dias da semana em que vou trabalhar. Àquela hora é a noite que não se quer afastar, embora o dia queira romper os mantos negros que o embrulharam durante o sono; é um consolo olhar o firmamento e contar as estrelas e as constelações, admirar as cores das pinceladas com que as nuvens rabiscam o céu e perseguir com o olhar a rota dos gansos canadianos. Tanto numa altura como na outra, misturam-se-me os pensamentos, dou conta da minha pequenez e inquieto-me com a minha ignorância. Como é que isto “nasceu”, como é que todo este sistema se desenvolveu e como é que estas roldanas da Natureza se movimentam sem atropelos? E, principalmente, qual é o tamanho disto tudo, como foi o seu princípio e qual será o seu fim?

Não sou eu que vou dar as respostas as estas perguntas. Nem vou recorrer aos ensinamentos religiosos para satisfazer a minha curiosidade. A História está cheia de casos em que as descobertas científicas sofreram reveses às mãos das cúpulas religiosas. Basta ver o que se passou com os trabalhos publicados, há séculos, por Copérnico e Galileu. Contudo, gosto de ler sobre estes assuntos, ainda há pouco tempo devorei um excelente livro, da autoria do conceituado cientista Neil deGrasse Tyson, intitulado “Starry Messenger”, título esse que é nem mais nem menos do que a tradução do Latim do título de um dos livros de Galileu, “Sidereus Nuncius”. O senhor Tyson tem um jeito muito escorreito de explicar as coisas difíceis com exemplos acessíveis aos leigos como eu. Aprendi que, se o Sol fosse oco, caberiam dentro dele tantas como um milhão de Terras! Apenas um exemplo do real tamanho das estrelinhas que vemos na imensidade do Universo, para mais se tivermos em consideração que o nosso Sol é uma estrela pequenina. Sobre o tema do tempo de existência dos humanos neste calhau rolado, diz o senhor que, se usarmos o tamanho de um campo de futebol para compararmos esse tempo com a idade da Terra, nós, os seres inteligentes, ainda estamos apenas a um centímetro da linha da baliza de onde começámos o “jogo”.

Porque somos inevitavelmente curiosos, aprendemos, desde tempos imemoriais, a olhar para cima, a tentar adivinhar o que se passa para além daquilo que vemos à vista desarmada. Os mistérios celestiais vão sendo desvendados a pouco e pouco, mas, devido a essa tal imensurável dimensão, ainda há muito para descobrir. E, aqui na Terra, continua a luta entre os que querem esticar as pernas (e os cérebros) para além do desconhecido e os que afirmam a pés juntos que, em vez de se gastar dinheiramas em foguetões, estações espaciais e astronautas a passearem no vácuo, se devia atender primeiro à resolução dos problemas que nos afetam. Nesse sentido, o autor do livro que mencionei, torna a escrever uma metáfora interessante. Fala-nos numa daquelas cavernas onde os nossos antepassados pré-históricos se refugiavam. Imaginemos que dois ou três desses indivíduos propunham aos seus chefes que se deviam aventurar a seguir para mais longe da área da sua caverna, ver que montanhas, rios ou lagos existiam para além do que eles já conheciam. Os velhos chefes achavam que isso era uma perda de tempo e um desperdiçar dos poucos meios que possuíam. Contudo, os teimosos e irrequietos resolveram sair da caverna, foram explorar o Mundo, descobriram novos frutos, mais animais para caçar, melhores terras onde viver, outros materiais para as suas construções e com tudo isto, desenvolveram melhores técnicas, acharam remédios mais potentes, melhoraram as suas vidas e asseguraram melhores futuros para os seus descendentes.

Penso que a mesma analogia poderia ser aplicada aos nossos tempos. Aliás, sabemos que durante milhares de anos, sempre houve fome, guerras e pestilências e os governos nunca acharam modo de controlar esses problemas, até pelo contrário. E sabemos que, de uma maneira mais ativa, só de há sessenta anos para cá é que saímos da nossa caverna e nos lançámos na aventura espacial. E, por último, sabemos que, se realmente houvesse vontade por parte dos governos, não era o orçamento da NASA ou outra qualquer agência científica, que seria o empecilho para acabar com a fome e com as guerras. Por outro lado, o esforço e as ideias, que pusemos em prática com a exploração do Espaço, permitiram o desenvolvimento de um vasto leque de novos produtos, de novas técnicas que a todos têm beneficiado. Quando tomamos a iniciativa de ativar o sistema de GPS no nosso telefone para nos indicar o modo de chegarmos ao consultório médico onde vamos fazer exames; quando, por ordem da enfermeira nos estendemos dentro do cilindro do MRI que nos vai fotografar os interiores do nosso corpo; quando usamos esse mesmo telefone para enviar uma mensagem aos nossos filhos a dizer-lhes que estamos bem ou quando tiramos uma fotografia dos netos e a empastamos no Facebook, estamos, então, a usar sistemas e produtos resultantes dessa corrida espacial que alguns querem fazer parar por ser esbanjadora dos nossos recursos.

A Terra, vista do Espaço, é um espetáculo impressionante. Assim o dizem os poucos que tiveram a sorte de o ver. Todos eles exprimiram a ideia de que tal visão lhes modificou a sua maneira de pensar, quando se aperceberam melhor da magnitude da idade cósmica e do infinito tamanho do Espaço. Afinal, somos muito pequeninos... Mas o Mundo pula e avança, como bola colorida nas mãos de uma criança, como dizia o poeta.

Desculpem-me, vou ali à porta da minha caverna, ver o que se passa no meu burquinho do Universo.

Lincoln, Califórnia, Novembro 5, 2022



Figure 1 “... Como bola colorida nas mãos de numa criança.”
Image courtesy of the author

“Sô fá, sô gu!” (Coisas de velhos)

Mister Chen é um dos poucos vizinhos que vive nesta rua há mais tempo do que eu. Ele faz parte do grupo de ocupantes originais, que inauguraram o novo bairro em 2006, eu e a minha Maria só cá chegámos em 2011.

Vive numa casa de dois andares, com cinco quartos de cama, só com a sua esposa, a simpática Miss Milanda. Disse-me um outro vizinho, que mantém alguma relação com eles, que “são gente de posses, tiveram negócios em Nova York”. De facto, assim deve ser, atendendo aos luxuosos carros que praticamente nem saem das três garagens da casa.

A ele, vejo-o quase todos os dias; à senhora Milanda, nem por isso, desde que fomos enrolados na epidemia de Coronavírus, nunca mais lhe pus a vista em cima. Pergunto ao marido e ele responde que “she is OK, thank you”, mas não oferece mais pormenores nem eu insisto. Encontro-o nas minhas idas ao fim da rua, para recolher o correio na caixa comum, e por vezes, quando levo o neto Tiago a passear no trilho da lagoa. Mister Chen, homem para cima dos oitenta anos, costuma dar umas voltas, vai sentar-se num banco, de frente para a ribeira, a ver os ganços canadianos e a fazer ginástica. Na sua calma, a que poderei chamar *calma chinesa*, ele movimenta os braços e as pernas mesmo sentado e acompanha os gestos com exercícios respiratórios. Quando regressa a casa, vem ainda a circular os braços, tipo moinho de vento. Cumprimento-o a saber como está e apanho sempre com a mesma resposta: “Sô fá, sô gul”

Espero que o meu vizinho mantenha este espírito durante muitos mais anos. Escrevi a frase dele da mesma maneira que a ouço, não num sentido de gozo, o senhor Chen (e a sua cultura milenária) merecem-me todo o respeito; apenas acho engraçado que ele responda daquela maneira, sempre igual. Deve ser pessoa de hábitos, que demonstra também pelo modo de fazer a sua ginástica. Não sei nada da vida dele, para além do que vejo nos nossos esporádicos e rápidos encontros, não sei se passou vicissitudes na sua juventude, se enfrentou privações, se teve ou tem problemas de saúde. O que me dá a entender é que o senhor mantém ainda uma atitude positiva, quase de agradecimento, até mesmo de esperança, como quem diz: “até agora, está tudo bem; vamos a ver se não aparecem problemas daqui para a frente”.

Claro que nem toda a gente pode pensar assim. Meu pai dizia de um seu cliente, pessoa famosa no burgo angrense, “aquele é um cramazão, por tudo e por nada tem que cramar, e sem razão”. Por feito, há gente que nunca está contente, que nada os satisfaz. Os outros é que estão sempre melhor, dizem. A eles, só o azar lhes bate à porta. Com certeza que, infelizmente, a sorte não bafeja a todos, a lotaria, quando sai, é só a um de cada vez. E, se eu virar as agulhas desta bússola para o campo da política, então é que vemos a hipocrisia chegar à tona. Quando o nosso partido (o vosso, eu não tenho nenhum) está na oposição, só vemos os governantes fazerem asneira a seguir a asneira; mas, quando somos nós a segurar as rédeas, não admitimos que nos apontem o dedo ao nariz.

Nunca falei com o Mister Chen em assuntos profundos, como seja o estado da economia ou a alta do custo de vida. Por isso, não sei se ele e a sua esposa *cramam* da subida dos preços dos ovos ou do carrossel que é o comportamento do preço da gasolina, ora para cima, ora para baixo, embora sempre suba mais do que o que desce. Se calhar os meus vizinhos, pelo pouco uso que dão aos seus carros, ainda têm o depósito atestado desde a década passada. E, neste carrossel – para manter a metáfora – quem toca a música são as desavergonhadas das companhias petrolíferas e suas amantes, as distribuidoras. Se lhes perguntassem, essas sim, teriam toda a razão para responder, “So far, so good!”, em correto e repenicado inglês. Vergonha é o que elas não têm, continuam a meter nos cofres biliões de dólares de lucros à custa dos pingos de gasolina que nos vemos forçados a comprar-lhes. Bem faz o outro vizinho, o senhor filipino que vive ao lado da casa do Mister Chen, que resolveu comprar um

Tesla. Afinal, talvez quem tenha alguns motivos para *cramar* sou eu, que não posso comprar carros elétricos nem tenho rendimentos de proveitosos negócios.

Mas, não, não o faço. Não me posso queixar, por enquanto. E nem se devem queixar muitas das companhias americanas, já que os negócios devem estar em alta, como mostram as estatísticas do emprego e as da inflação. No primeiro mês deste jovem ano, criaram-se mais de 500 mil novos empregos, fazendo a taxa de desemprego descer para 3.4%, o nível mais baixo desde 1969. Contudo, a inflação continua alta, embora com tendência para descer. Tudo isto é muito confuso, pelo menos para uma cabecinha pouco inteligente como a minha. Na companhia onde (ainda!) trabalho, ouço com admiração o que diz o manager, na pequena reunião antes da loja abrir, às 6 da manhã: “ontem foi um dia bom, vendemos bastante, tanto e tanto por cento de aumento em relação aos dias anteriores”. Mas, pouco tempo depois, um colega, descoroçoado, reclamava que tinha ido pedir um aumento de salário e tinha sido rejeitado, disseram-lhe que “a economia não está a favor!”. Pois, não está a favor de uns, talvez está sempre é a favor dos mesmos.

Não sei se poderei usar a loja onde trabalho como bitola para medir esta economia saltitante. Desde que me admitiram, há oito anos, já vi centenas de trabalhadores entrarem e saírem, muitos deles sem sequer terem aquecido o lugar ou deixado saudades. Todas as semanas encontro caras novas, jovens em idade de frequência universitária a tentarem colmatar as despesas de propinas, e idosos (como eu), que procuram uma ajuda aos cheques de reforma (como eu) ou uma maneira de ocupar o tempo e de se sentirem úteis à sociedade onde vivem (como eu). Espero é que eu também tenha forças e disposição para continuar a vender pregos, parafusos e ferramentas e dar o meu contributo.

Quando me sentir sem motivação para me levantar da cama e ir trabalhar, vou combinar com o senhor Chen e sentar-me com ele no banco do trilho, a fazer ginástica. Uma espécie de calma *luso-chinesa*. Se passar alguém que pergunte como vai o nosso dia, vou ensinar o meu vizinho a dizer, em português escorreito: “iste tá mêm a desbancá!”

Lincoln, Califórnia, Fevereiro 5, 2023



Figure 2 Mister Chen na sua caminhada diária. Image courtesy of the author

CONVIDADO ao isolamento

É uma festa a que eu não tinha interesse nenhum em participar. Dispensava bem este convite, de certeza que ia ficar muito mais contente se não se tivessem lembrado de mim.

Depois de quase três anos a fugir às garras deste dragão, depois de ter passado meses a fio a escrever quase duzentas crônicas – o meu “Diário da Epidemia” – em que relatei o modo como esta pestilência nos envolveu, tanto no que se refere à minha vida familiar, mas também numa visão global, agora vem este desavergonhado bater-me à porta!

Talvez será mais certo dizer que eu é que sou culpado, como me fez entender o meu doutor, numa conversa via vídeo. “O vírus ainda anda por aí, nós é que não podemos descuidar os meios de defesa”, lembrou-me o Dr. Brown, antes de me informar que também ele já tinha sido convidado para este baile. Tenho sido cumpridor das regras de convivência... até há pouco tempo. Não vou a ajuntamentos, nem sequer tenho ido a restaurantes; nos supermercados, noto que, na maioria das vezes, sou o único mascarado. No trabalho, eu e a minha colega Mary, uma septuagenária tal como eu, éramos os únicos sobreviventes com a cara tapada. Contudo, relaxei o meu capote defensivo nas últimas semanas. Não por vergonha de ser visto como um tolo cismado, mas apenas porque me fui convencendo que já estávamos fora de perigo de contaminações.

Bem, para ser correto, nem posso afirmar que fui infetado no trabalho. É possível, com a quantidade de gente que entra diariamente na loja, muitos deles trabalhadores da construção, que pensam que são super-homens, que nada os bota-abaixo; mas também vejo a hipótese de ter acontecido noutra lugar, até mesmo nalguma reunião familiar com participação de outras pessoas com quem não convivo no dia-a-dia. Acho que nunca vou desvendar o mistério, nunca vou descobrir o quando e o como, o preciso momento em que o vírus se aproximou de mim e esfregou as antenas de contente, satisfeito por finalmente se infiltrar no meu sistema respiratório. “Este espertinho pensa que não lhe ponho as mãos em cima, mas enganou-se bem”, terá dito aos outros seus companheiros, em caminhada louca em direção aos meus pulmões. Instalaram-se bem, estenderam os raios e começaram a sua obra incomodativa e destruidora.

Tudo começou com sintomas de uma ligeira constipação, uma raspadura na garganta, um ténue corrimento nas narinas; a seguir, uns arrepios que não eram de frio, mas assim como que uma comichão, uma persistente irritação na pele, sobretudo nas costas; e, por fim, a sensação de febre. Claro que a abelha-mestra cá de casa ficou logo ouriçada e fez-me espreitar as narinas com a vareta do teste. Vocês nem querem imaginar as facadas que eu levei, as farpas que os olhos dela atiraram diretamente aos meus. E com toda a razão. Bem, mas depois de passada a estupefação, foi tempo para começar o combate contra estes miseráveis e invisíveis animalitos que nunca deveriam ter sido inventados. Se realmente houve um Ser, uma Força, que criou o Céu e a Terra e tudo o mais que gira à nossa volta, a criação desta espécie de bicharocos fui uma enorme perda de tempo.

Estou mesmo a ver a cara de gozo e regozijo de alguns amigos, quando lerem esta crônica. Aqueles que sempre tentaram convencer-me que seguir as regras de distanciamento social e de proteção individual era uma tolice, que os cientistas estão enganados, que quem mexe os cordelinhos para impingir vacinas são as grandes companhias farmacêuticas, esses devem estar a esfregar a barriga de contentes. Poderei argumentar que seguiria de novo o mesmo processo e que nunca me arrependi de o fazer, mesmo até pela confirmação que encaro de que, se não tivesse sido vacinado, a infeção que me apoquentava agora teria sido, porventura, muito mais violenta e debilitante.

As alterações temporárias no meu ciclo de atividades não são coisa de maior. Dormir uns dias no quarto extra, evitar circular pela casa, não me vão matar; não ir trabalhar durante uma semana é coisa que não me incomoda; ter pequenas conversas em forma de gritos através do corredor e acostumar-me à cacofonia de tosses meio-roucas é algo que se suporta. O que me perturba o juízo é ter de ficar

afastado das filhas e dos netos, um impasse que me fez recordar os não muito longínquos tempos do início da Epidemia. Para castigo pela minha falta de cuidado ou pelo involuntário azar de ter caído vítima, paguei o pesado preço de não poder assistir ao espetáculo teatral onde a neta Olívia fez o seu debut artístico. E vou ficar sem gozar da companhia do irreverente Tiago que, dois dias por semana, me enche a casa com as correrias dos seus carros de brinquedo e não me vai agarrar pelas orelhas e dar-me marradinhas na testa, a cantarolar “Mé! Mé! Carneirinho!”

De resto, não mudei em nada o meu modo de gastar o tempo. Tenho lido bastante e dedicado uns minutos a ver os rodopios dos músicos e dançarinos dos bailinhos do Carnaval Terceirense. E futebol, tenho engolido jogo atrás de jogo, golo atrás de golo. Ao ver estádios cheios até ao teto e plateias de salões a abarrotar de gente desmascarada, ainda fico mais zangado com o meu azar. Milhares de pessoas para aí aos magotes e a mim é que me saiu o prémio? “Ó braba sorte!”, diria o Ratão da Dança, se é que ainda existisse algum. Mas dá-me para lembrar os outros milhares que pereceram vitimados por esta epidemia, muitos até abandonados ou desprotegidos por políticos desonestos. Dos que se deixaram enrolar por teorias falsas, desses não tenho muita pena.

Agora é tempo de tentar voltar ao normal. Felizmente tenho filhas preocupadas que nos oferecem ajuda e apoio cada cinco minutos. Os sintomas já vão melhorando, pese a quantidade de lenços de papel que gastei e os frascos de xarope que já esvaziei. Estou a ficar meio enojado com o gosto do mel, mas há coisas piores. Se não tivesse aparecido este Covid há três anos, pois esta teria sido apenas mais uma constipação, embora um bocadinho a tender para o forte. Ou, se eu fosse a uma consulta ao Dr. Solnado, ele confirmaria o seu famoso diagnóstico: “O que você tem é TOSSE!”

Brincadeiras à parte, há que continuar vigilante, o vírus não se distrai com bailinhos ou com jogos de futebol, está sempre pronto a actuar.

Protejam-se!

Lincoln, Califórnia, Fevereiro 20, 2023

A bliquinha do David

Já não é a primeira vez que tal me acontece: tentar encontrar esta palavra num dicionário e nunca dar com ela, mesmo escrevendo-a de formas diferentes.

Quando andava na recruta no Convento de Mafra – recruta do exército, não para ser ordenado frade –, éramos apenas dois açorianos no meu pelotão: eu e o Zeca M. Ávila, um praiense que, infelizmente, nos deixou muito novo. Acontece que tínhamos um colega de caserna, alentejano de nascença, que era um tipo brincalhão e espirituoso. Não me lembro o nome dele, lembro-me é que esse fulano tinha amigos micalenses com os quais ele aprendeu que *blica* era um termo muito em uso nalguns lugares dos Açores, de forma que, quando se queria referir a mim ou ao Zeca, ele chamava-nos os “Blicas”. Por sorte nem chegámos a completar a recruta, portanto a alcunha que o alentejano nos atirou perdeu-se nos corredores do convento.

Não quero que os meus leitores se ofendam com esta brincadeira, acho que não estou a ser insolente ou mal-educado. A minha dúvida, e até já andei à volta dela numa crónica escrita há muitos anos, é descobrir qual é a maneira correta de escrever a palavra em questão, e isto se realmente ela existe no léxico português. Só a encontrei num pequeno livrinho de termos e expressões populares da Terceira, compilados por Ana Rita Carvalho. Mas lembro-me perfeitamente de a usar e de a ouvir da boca de outros desde mesmo a minha meninice, quando jogava às bolinhas de vidro e havia que declarar que “Blicas dá Palmo!” ou quando algum amigo se zangava comigo e me mandava ir “brincar com a blica prá areia!” Nessa crónica anterior eu até pedia ajuda para que me indicassem o modo certo de escrever, seria blica, bilica ou belica, como pronunciavam uns amigos biscoitenses. Assunto que deixo de novo à vossa consideração, já que estamos a atravessar tempos conturbados para a anatomia do David.

Ora, o David em questão é fulano duro e maduro. Duro porque foi esculpido num bloco de mármore pelo famoso artista Michelangelo, que terminou a sua obra por volta de 1504. Portanto, o David, ao longo dos seus quase 520 anos de idade, já teve tempo de se transformar numa “pessoa” mais do que madura, habituado aos olhares de milhões de humanos, que lhe vasculham as formas e as gretas. Desde a nascença que nunca viu o seu corpo coberto por roupas, sejam esculpidas na pedra ou de tecidos iguais aos que protegem muitas das estátuas de deuses e santos que nos enchem as igrejas. Se o Michelangelo decidiu que o David estava muito bem assim, há que respeitar a opinião dele; aliás, há uma outra versão do mesmo herói, esculpida em bronze, anos antes, pelo não menos famoso Donatello, em que o David tem como vestuário apenas um capacete e umas botas altas, portanto também com a pombinha a descoberto.

Estas obras de arte, assim como muitas outras que mostram o corpo humano (feminino ou masculino) a nu, sejam estátuas, estatuetas, pinturas ou desenhos, são isso mesmo, obras de arte onde a beleza das formas é mais do que evidente, não são trabalhos pornográficos. Misturar as duas coisas é sinal de falta de educação e de respeito pelo trabalho dos artistas. Tenho ali bem guardado, fora dos olhares dos meus netos, uma relíquia da loja do meu pai, esse sim um Santo António malcriado, que não tem nada a ver nem com religião nem com artisticidade e permanece reduzido à sua insignificância, desde que saiu das Caldas da Rainha, há quase cem anos. A estátua do David não merece andar envolvida no problema criado numa escola da Florida, só porque um senhor administrador achou que os protestos de três pais de alunos eram bem fundados e.... rua com a professora que teve o descaramento de, numa aula de arte clássica, trazer o trabalho do Michelangelo para assunto a discutir.

Desculpa-se o administrador com o argumento que há três meses foram introduzidas novas regras que determinam que os pais devem ser informados com duas semanas de antecedência quando *assuntos controversos* fizerem parte do plano das aulas. Parece-me que o problema apenas reside na definição de “assunto controverso”. Os professores deixarão de ter autonomia no que vão ensinar e sujeitam-se a seguir à risca o que lhes é politicamente imposto pela direção da escola ou do distrito escolar. Não é

de admirar que o caso veio à tona no Estado da Florida, onde começam a despontar situações semelhantes, resultado do empenho de forças conservadoras que têm como principal objetivo tomar o controlo de tudo o que diz respeito ao ensino, desde as escolas primárias até às Universidades. Sabem que têm as costas bem protegidas pelo governador do Estado, um sujeito bem-falante que está a preparar a sua candidatura à presidência do país. Entre ele e o Destarelado, que venha o Diabo e escolha.

Dizia um articulista a semana passada que as próximas eleições nos EUA serão decididas precisamente nas discussões das direções das escolas. É aí que se aquecem os ânimos, que se tomam atitudes muitas vezes antissociais ou antidemocráticas com vista a derrotar tudo o que seja progresso. Mais recentemente, acentua-se a luta contra o que consideram “Woke”, um papão que os conservadores hasteiam para assustarem os seus possíveis apoiantes. Tal como acontece com o definir o que é *assunto controverso*, também aqui tudo está pendente do modo de definir o que é considerado “Woke”, um conceito que poucos entendem o real significado, mas que é o cavalo de batalha de muitos candidatos republicanos. Vi outro dia um repórter pedir a um desses papagaios que lhe explicasse o que é isso de “Woke”; o interpelado papagueou e andou à roda a meter os pés pelas mãos, sem fazer sentido no seu discurso. É possível que eu também tivesse feito figura de parvo, esses conceitos modernos – o Wokismo, ou o “cancel culture” – são temas a que ainda não me habituei e me enriçam os neurónios.

Os tempos são de mudança. E não é só na Florida que se vêem estas cenas tristes. Noutros Estados, principalmente nos de maioria conservadora, as assembleias legislativas não têm mãos a medir, é um tal desbaratar o que está estipulado e propor leis que refletem o andar do caranguejo, seja em medidas para limitar a interrupção voluntária da gravidez, dificultar o direito ao voto a certos segmentos da população ou introduzir regras estúpidas no ensino, chegando ao ponto de abolir das estantes das bibliotecas escolares livros de autores clássicos e que já andam em circulação há dezenas ou centenas de anos, alguns até tão antigos como a estátua do David.

Caso para dizer que, gente como esta não interessa nem à pombinha do Menino Jesus!

Amén!

Lincoln, Califórnia, Março 27, 2023

Fazer canela e tirar alinhavos

Vi por aí, nas redes misteriosas da internet, a fotografia de uma máquina de costura antiga.

Tenho quase a certeza de que a da minha mãe era muito parecida com a que encontrei, embora não possa precisar agora se era da marca Singer ou Husqvarna. Tenho de confirmar com a sabichona da minha irmã, que é pessoa que nunca se esquece de nada. Recordo, contudo, que aquela máquina era uma fonte de exploração para mim, para além de ser um dos lugares preferidos para me esconder, debaixo da estampada coberta que a tapava quando não estava em uso. Sentava-me no pedal e para ali ficava em ligeiro balancear, a navegar nas ondas da imaginação. A comprida gaveta no centro e as outras quatro nos lados não serviam só para os carros de linhas e para guardar os pacotinhos com agulhas e alfinetes. Numa delas havia “a boneca dos alfinetes”, que me era proibido tocar, para não picar os dedos; noutra estavam depositados os carretes da canela; e ainda havia lugar para botões, colchetes e demais tralha própria para a costura, para além de quinquilharia avulso.

A senhora minha mãe passava horas sentada a pedalar. Fazia vestidos para as minhas irmãs, acertava as bainhas nas calças dos homens da casa, adaptava roupas dos maiores para os mais pequenos e modificava peças que vinham nas sacas de roupa da América. Cortinas, reposteiros, lençóis, toalhas de mesa, tudo passava pelas mãos dela e pela sapata da agulha, aquela peça que me impressionava no seu movimento de sobe e desce, a marcar passo no mesmo lugar. O processo de enfiar a linha nos diversos buraquinhos da cabeça da máquina trazia-lhe algumas arrelias. Um “Óh Nosso Senhor!”, seguido de um “Óh, mas que coisa!” enchia-lhe a boca, de onde nunca ouvi palavrão ou vulgarismo. Contudo, o maior problema era quando a correia de cabedal rebentava e tinha de ser emendada ou substituída por uma nova.

Nunca fui muito de me dedicar a afazeres daqueles mais indicados para as meninas. Mas, confesso, havia duas atividades que eu até implorava para as fazer: gostava de tirar alinhavos, entretinha-me, com uma tesoura pechinchinha, a desfazer os pontos; e consolava-me a fazer canela! Depois de muito pedinchar, ela deixava-me ajudar nessa tarefa de encher os carretes de linhas. Eu até sabia instalá-los naquele lugarinho da engrenagem, por debaixo da patilha. Mas não era só à roda da máquina da costura que eu gostava de dar uma mãozinha. Aliás, dava as duas mãos, estendidas, de modo a segurar as meadas de lã, a fim de serem enroladas em novelos. Não, nunca aprendi a fazer malhas, não venham agora vocês com perguntas atrevidas.

Por falar em malhas, tenho de dedicar uns parágrafos a uma modernidade a que a minha mãe não resistiu, já que era moda na altura. Imagino que o meu pai não foi fácil de convencer, era uma despesa avultada, mas ela tinha um jeito especial de conseguir os seus intentos. Cismou e foi comprar uma máquina de tricotar, da marca Orion. Para começar, ia a lições à loja do Sr. Raul Aguiar, na rua da Palha. Depois, mandou fazer um móvel de propósito para instalar o diabo da máquina. Chamo diabo à máquina porque ela tirou anos de vida à minha mãe. Era uma coisa bem mais complexa do que a velha Husqvarna – sim, a Eulina confirmou a marca – que não foi abandonada, mas passou a ter muito menos uso. Lembro-me até que o sr. Aguiar deve ter excomungado a venda, várias vezes subiu a Miragaia para ir à nossa casa resolver situações complicadas.

De facto, a máquina de tricô era complicada. Pelo menos assim parecia, para uma criança da minha idade. E, parece-me, a santa da minha mãe penou os olhos da cara a bem de ter mão para dominar a maquina: eram muitas farpas, requeriam ferramenta especial para as manobrar, havia umas barras de metal com mais farpas, onde a peça de malha se ia esticando, assim como uns pesos especiais, para pendurar nas barras. Depois, para dar forma à obra em execução, havia que reduzir as farpas, descontar pontos, eu sei lá, era um bocado confuso. Na verdade, deixem que vos diga, ela sempre conseguiu fazer algumas peças com jeito, blusas e pulôveres para cada um de nós, alguns até bem bonitos.

Com o passar do tempo, o uso da máquina de tricô também entrou em decadência, fosse por desinteresse da mestra ou por falta de tempo, devido ao acréscimo de trabalho doméstico. Para mim, aquelas peças metálicas e os pesos passaram a servir para brincadeiras diárias, inventava situações para os usar, como se fossem elementos de um jogo. Não sei que fim levou a máquina das malhas, se enferrujou ou se foi dada a alguém ou vendida. A da costura sobreviveu, ainda está na casa da Miragaia, embora eu duvide que tenha sido usada por outra pessoa que não a minha mãe.

Andei para aqui a fazer canela por causa de uma fotografia e a tirar alinhavos das recordações de infância. Alinhavei frases nas bainhas da memória e preendi botões nas camisas da saudade. Desenriccei fios de lembranças e vesti camisolas feitas de amor e dedicação. Recordei pessoas, revi as suas faces, segurei as mãos que me ensinaram pequenas tarefas, até respirei os cheiros, os aromas da casa onde cresci e onde me ensinaram a ser gente. E tudo por culpa da fotografia de uma máquina de costura!

Talvez toda esta prosa tenha sido uma desculpa, já vi tantas fotografias de máquinas e não me levaram a esta viagem. Mas, desta vez, caí no poço da saudade. É que... amanhã faz 25 anos desde que a minha mãe partiu.

Imagino que deve andar a brigar com as agulhas e com as malhas celestiais. Eu continuo com os braços estendidos, não para fazer romances, mas à espera do abraço da minha mãe.

Lincoln, Califórnia, 7 de Março de 2024

Construtores de ninhos em terra alheia

Aida Batista

A minha vida são estas raízes de névoa e sobre as quais passo,
sem pressa, farejando o mundo.

Eduardo Bettencourt Pinto, in “A cor do Sul nos teus olhos”

Sempre afirmei que, no meu percurso profissional, há um Antes e Depois de Toronto. A missão de Leitora de Português na Universidade de Toronto continua a ser o marcador que determina a página a partir da qual, no livro da minha vida, se inscreve uma forma diferente de olhar o mundo, no que toca à nossa diáspora. Em 1998, vivi pela primeira vez a experiência de chegar a um país onde se podiam ver representações culturais dos mais variados grupos étnicos que, em liberdade e sem preconceito, afirmavam as suas origens. Entre eles, os portugueses, dispersos pelos vários “Little Portugal” por onde me fui movimentando.

Tendo o mar como fronteira, desde cedo percebemos que teríamos de passar outros Bojadores, para - além da dor da travessia, da separação e da ausência -, irmos em busca de um futuro promissor por terras e “mares nunca dantes navegados”.

Quase cinco séculos nos separam do poeta citado, mas a motivação continua a ser a mesma: a de encontrarmos noutras pátrias aquilo que a nossa nos negava. A diferença é que o poeta cantou epopeias à custa de muitas perdas humanas – quer em terra, quer em mar – na descoberta e conquista de territórios, onde as fortalezas serviam de atalaia ao desígnio de “se mais mundo houvera, lá chegara!”

Hoje, as histórias de vidas da emigração portuguesa (pesem embora alguns casos de fracassos) incorporam outra gesta, feita de sucessos dos que souberam superar a adversidade para darem “novos mundos” ao mundo das suas vidas circunscritas a pouco mais do que o perímetro de vizinhança das aldeias de pobreza e fome onde habitavam.

Eu pertença ao grupo dos retornados de Angola, a que se associa sempre a ponte aérea entre as colónias e Portugal, nos dias que precederam a independência, como tão bem descreveu o polaco Ryszard Kapuściński, mestre do jornalismo literário, em “Mais Um Dia de Vida-Angola 1975”.

Salvaguardadas as distâncias temporais e as particularidades de natureza histórica, quando visitamos o Arquipélago dos Açores, fica-nos a sensação de que um outro tipo de ponte aérea existiu sempre entre as ilhas e a América, numa debandada pela busca das terras de abundância, descritas nas missivas dos que já lá estavam, e comprovada pelas barricas de fatura e novidades que enviavam aos familiares.

Estive presente na apresentação de um livro de poemas do açoriano João de Melo, “Longos Versos Longos”, e ouvi-o dizer: “Somos nove irmãos, mas apenas eu sou português”. A frase caiu com o estrondo de uma peça de chumbo no silêncio perplexo de um público mais alheio a estas realidades, mas logo percebemos que a emigração os tornara cidadãos de outros países. Esta afirmação pode ser proferida por quase todas as famílias que, de geração em geração, deram filhos aos caminhos que

buscaram as Américas (a de cima e a de baixo, assim chamadas), para fugirem à miséria averbada no enxoval de nascimento.

Passadas poucas décadas, podemos agora ouvir numerosos nomes (alguns mantendo a sua forma original, outros, fruto da corruptela imposta por uma nova fonética) dos que ocupam cargos políticos e académicos, são investigadores, escritores, pintores, juizes, advogados, empresários de renome, numa forte afirmação da capacidade de, em terra alheia, entrar e subir no elevador da mobilidade social. Não cito nomes, porque correria o risco de esquecer muitos, desde que estes deixaram de ser contabilizados pelos dedos de mais que uma mão. Se atingem o topo da pirâmide do sucesso, é porque lhes é reconhecido o mérito de estarem nos lugares cimeiros a que chegaram.

No entanto, após um breve contacto, rapidamente se conclui que apenas vestiram a roupagem americana que os quotidianos do mercado laboral exigiam. Dentro de portas, nas suas casas, nas associações e clubes, continuam a manter a alma das suas origens, mesmo que tenham já nascido em território americano. Como diria Cristóvão de Aguiar “: (...) existem valores culturais que da matriz trouxemos, em insondáveis porções, e que podem e sobretudo devem ser transmitidos, num acto fraterno de daimosidade, àqueles que nos rodeiam, que connosco têm laços de magma ou os cultivam por afinidades eletivas”.

Convivem com as duas culturas, sem constrangimento algum, porque, nisto de amor aos lugares, o coração tem sempre espaço para mais um. E as raízes, passadas gerações, continuam a alimentar o tronco de onde, mais tarde, começaram a ganhar forma copas hifenizadas, numa urdidura de trocas que enriquece a mundividência das novas famílias.

Foi preciso dar o salto para um outro Portugal fora do mapa, para perceber que, tal como uma planta transplantada, o país soube acrescentar ao pedaço de raiz e caule iniciáticos todo um conjunto de ramos nascidos da interpretação de novos códigos, que lhes permitiu crescer à dimensão de quem os acolheu. Com os novos ramos, cada um fez o seu ninho, a que chamamos lar, por nele percorrermos o roteiro inconfundível das nossas rotinas e tatearmos às cegas o odor de todas as coisas e espaços.

Passei uma semana em Ponta Delgada, S. Miguel, de 21 a 27 de abril. A casa que aluguei tinha um alpendre e um pequeno jardim. De manhã, quando nos sentávamos para tomar café, diariamente nos visitava um pássaro para recolher pequenos galhos do chão, da folhagem seca de uma palmeira ou por entre a relva que atapetava um canteiro. Observávamos a forma seletiva como o fazia: escolhendo uns e recusando outros, agrupando-os de acordo com a textura, tamanho e fase do ninho em construção.

“Os olhos das aves alcançam muito para além/do que vemos” é o verso primeiro de um poema de João de Melo. Ao lê-lo, não pude deixar de, imediatamente, estabelecer uma comparação entre o ninho de um pássaro e o de todos os emigrantes que, ao longo dos anos, foram construídos nas Américas onde se fixaram. E concluo que a memória que os sustém continua a ser a trave-mestra com que os fizeram, enquanto escutavam a canção de ninar do berço onde foram embalados.

Cravos em New Bedford: do mensageiro invisível a *Moby Dick*

Dora Gago

Na minha ideia, Ernesto Salamida continuava imóvel no fervor pela noite memorável, não porque tivesse investido mais do que os outros, nem porque tivesse corrido mais riscos do que algum dos cinco mil, mas pela associação do seu gesto de atrevimento ao mundo mágico da música. (...) Salamida havia sido o mensageiro invisível, o instrumento que ligara o objeto mágico ao desencadear do movimento.

Lídia Jorge, *Os memoráveis*, 2014, pp.189-190

Há um frio escuro feito carícia húmida que nos acolhe na saída do aeroporto de Boston, entre confusões de autocarros, malas esquecidas, incerteza no transporte a tomar para chegar a New Bedford, onde ficaremos alojados para participar no congresso Internacional sobre os Cinquenta Anos da Revolução dos Cravos- sob múltiplas perspetivas, organizado pelo Centro de Estudos Portugueses Ferreira Mendes, sediado na Universidade do Massachusetts, Dartmouth. A chegada é sempre aquele momento único, independentemente de ser a primeira vez, ou uma revisita, pois, a novidade habita sempre o confronto com esses não-lugares (segundo Marc Augé) que são os aeroportos.

Depois disso, ultrapassadas as peripécias, os desafios, há neste tipo de viagem, o outro momento forte que é o do cumprimento da missão que nos trouxe a este lugar. E, independentemente de tudo, ver este nosso dia “inicial e limpo” (citando Sophia de Mello Breyner), celebrado deste modo nos Estados Unidos, como tem acontecido noutros pontos do mundo, provoca uma enorme alegria, aliada a um orgulho muito próprio.

Entre painéis de Ciência Política, História e Sociologia, a Literatura ocupa um espaço mais reduzido. Apesar disso, está presente, bem representada e isso é o que importa, para que se relembre a sua importância para todas as outras áreas do conhecimento, o seu papel matricial para alimentar o pensamento, a criatividade, a imaginação, a sua capacidade de fornecer lentes para se ver mais longe, de nos fazer viver tantas vidas, de nos fornecer asas de cera que nenhum sol destruirá. A sessão decorre no Museu Baleeiro, onde paira a sombra de Melville, a ornamentar com as suas palavras os ossos de baleia flutuando ao redor. Falo sobre Salamida, o mensageiro invisível de *Os memoráveis* de Lídia Jorge. Esta obra localiza-se temporalmente em 2004, quando a jornalista Ana Maria Machado, a trabalhar em Washington, é convidada a fazer um documentário para o programa televisivo “A História acordada”, sobre a Revolução de 1974, considerada pelo embaixador americano à época em Lisboa como um momento histórico único. Por conseguinte, ela regressa para, juntamente com dois antigos colegas, entrevistar oito intervenientes e testemunhas do golpe de Estado, com um intuito de revisitar os mitos e protagonistas da Revolução. Esta revisitação constitui um alicerce de uma poderosa reflexão sobre as sementes do 25 de Abril, os caminhos trilhados pela sociedade portuguesa, o poder

transfigurador da fábula. Nos quinze minutos concedidos, centro-me na questão do esquecimento, da manipulação da memória (usando os contributos de Paul Ricoeur), delineando-se Ernesto Salamida, na sua pureza, desprendimento e olhar “guevarista”, como símbolo destes heróis esquecidos, visto ser a transfiguração, no romance, do responsável pela difusão da senha, ordem de avanço das colunas militares – senha difundida pelo jornalista louletano, Carlos Albino, no programa “Limite” da Rádio Renascença, às 00h20 minutos do dia 25 de Abril de 1974.

Por conseguinte, Salamida surge na obra como uma metáfora dos marginalizados pela História, que permaneceram íntegros, impolutos -e que serão cada vez menos nos tempos que correm, onde os holofotes atraem egos como as lâmpadas seduzem mosquitos, Ícaros queimados em brilhos ilusórios. Em contrapartida, inadaptado, exilado no seu reino de música, como um eterno adolescente, o sarcástico, inquieto, Salamida, procura incessantemente uma nova senha para uma nova revolução.

No final da apresentação, divulgo alguns minutos da gravação original, oferecida por Carlos Albino e Manuel Tomás à fundação Mário Soares. “Grândola, Vila Morena” ecoa, devidamente “embrulhada” em poemas de Carlos Albino para iludir a censura. A emoção desce sobre a sala, trespassando as ossadas das baleias, a letra aflora baixinho nos rostos, nos lábios. Canto de fraternidade, de resistência, de libertação, a acender esperança em tempos adversos, por entre o grito vermelho de um cravo.

O frio escuro da chegada, da incerteza, rasgado pela luz desses cravos, dessa canção, da qual Melville haveria de gostar – é que também conheceu a invisibilidade, tendo falecido em 1891, sem ter visto o sucesso da sua *Moby Dick*, metáfora de uma busca incessante, da coragem de desafiar o desconhecido, de viver a liberdade.

La Sapienza

Alexis Levitin*

Joseph had no illusions, or so he thought. He knew he was getting old. But when he looked at the past, he felt no bitter taste of regret. His only regret, he mused, was that the past was indeed the past. It would not come again. But at least his silo was filled with the gathered grain of memories. That was his harvest.

Though he avoided looking into those evasive eyes in the mirror, he managed to shave quite successfully every day, his attention focused narrowly on the particulars at play. He could handle the neat cut below the sideburns, the smooth sweep along the jaw and down the cheeks on either side. The area above the upper lip, where if he were more daring a moustache might have flourished, remained the greatest challenge. But somehow, he dealt with it all. Even the irritation he still felt after more than sixty years, peering at the less illuminated left side of his face. He wondered if all men shared his problem, suffering a similar asymmetry, leaving one side of their face half in shadow, no matter how fine the lighting above the bathroom sink. Maybe we are all like Picassos, he managed to chuckle. In any case, keeping his sagging face as presentable as possible, he managed somehow to deftly avoid an encounter with that other who haunted any mirror before him. Of course, full-length mirrors on the inside of bathroom doors in better hotels were an even greater threat to his equanimity. He loved zoos and he especially loved the noble silverback gorillas that would stare back at him from beneath their deeply furrowed brows, but he was not happy at all when an inadvertent glance as he shambled, wrapped in a large white towel, from his bathroom at the Hilton would reveal to him, momentarily, his deep kinship to that well-muscled and contemplative cousin. It was, of course, the belly, not the muscles, that they shared.

Yes, aging was a bitter-sweet experience. Remembering was, of course, a greater pleasure than ever and, except for proper nouns here and there, his memories came readily, well-textured with the past. However, the present was a problem. Retired from the classroom, he had come to Porto to work on what would probably be his last research project, an examination of the sources for a little known late medieval Portuguese romance. But the lithe bodies of youthful women adorned with tattoos and nose rings filling the bars and overflowing into the cobbled streets of the old European city brought forth in him a mixture of ancient excitement and sobering despair. He knew what his role in life had become and he knew it was inevitable. Yes, he could putter away at his research, but his real role now had defined itself in precise, stark terms, as if beneath an implacable noonday sun. He was just the observer.

For half a century, he had been going for refreshing short vacations to Sagres, the southwestern tip of Europe. He loved the fresh wind, the orange cliffs, the cicadas screeching in the heat of day, the translucence of the icy Atlantic rolling ever new towards the sandy beaches tucked beneath towering

* Alexis Levitin's half century of translations have resulted in fifty books to date, including Clarice Lispector's *Soulstorm* and Eugenio de Andrade's *Forbidden Words*, both from New Directions. His own short stories, many of them set in Portugal and Brazil, came to him during the fear-tinged isolation of the pandemic.

faces of naked rock. It was his favorite place, he thought, in the world. Yet something strange had happened there, something both natural and as inexplicable as a nightmare. For over fifty years the bodies growing tanned on the beaches remained young, vibrant, slender, unchanged, in fact, eternal. The only one in Sagres who had changed in all that time, or so it seemed to Joseph, was he himself. He continued to visit paradise, but he understood that he was no longer an inhabitant, but rather an outsider, a neutered observer, tolerated, but quite reasonably ignored. It reminded him of the flight of ducks and geese each fall and spring, making their eternal journey south, then north, always the same V-shaped formations, the same chorus of honking, like the sound of a distant kennel of dogs high in the air, year after year. The geese and ducks were eternal, or so it seemed. Only he, Joseph, was subject to change, invaded by time. Everything remained beautiful, the Canada geese and the mallards of New England, the young girls in their bikinis on the beaches of Sagres, and at the same time his own position, confronted by all that beauty, was a nightmare. Life was eternal. He was not.

This last essay, the study of the sources for what, in truth, was a rather unremarkable late medieval text, no longer held his interest. But abandoning it would be worse than slogging on. He realized he had become a kind of workaholic, despite retirement five years earlier. Work had become the barrier between himself and the void. He just wished his studies still carried the flavor of meaning they once seemed to have. But they no longer did. And yet he plodded on. What, after all, was the alternative? T.V.?

When he looked up from the computer screen, as was happening more and more these days, he could see in the evenings through the gauze of his curtains a blinking sign across the street: *La Sapienza*. The name wasn't even Portuguese, but he imagined the proprietors considered their new nightclub more sophisticated with the Italian name. It was very modern, very modish. He walked by it almost every day, but never had the courage to enter. It was a place for the young, he was certain, despite the irony of the name. No, he was sure he would never enter.

But as he sat gazing at the blinking sign through his gauzy white curtain, he began to grow uneasy. He suspected that it was not just the night club he would never enter. In fact, he understood more clearly than ever, that *La Sapienza*, wisdom, was beyond him. Though he had some lingering faith in his intelligence, he knew that wisdom itself would always remain beyond his grasp. And reluctant to admit it, he even knew why. In order to enter the door to wisdom he would have to acknowledge that the individual geese and ducks flying north and south in V-formation were not immortal, that the beautiful girls on the beaches of Sagres in fact grew older every year, that their thighs thickened and their breasts began to sag, that they finally stopped appearing on the white sands beneath the red cliffs, growing stiff in their limbs and stout in torso, safely at home before their television sets, that everything and everyone shared the same fate. Everyone. It was the way of the world. It was the nature of things. We were all in the same boat and the boat had an irreparable leak. He knew it, but could not accept it. The only eternity was in the past. His gaze returned to the monitor on his small desk. He would putter on, but he would never enter *La Sapienza*. That was a step he could never take. He knew it wasn't for him.

Sete poemas

Rose Angelina Baptista

Das palavras portuguesas

Chama-me por palavras quando vão conjuntas
duas línguas a cada monção do entre-saia do Tejo.
Palavras que só vivem
enquanto se fala a língua.
Palavras mareantes doutras Nações
que se tornam tudo para todos.
Palavras de dicção peregrina
e hábitos pardos
de quem se despiu a sujeitar-se
às leis duma nova terra.
Chama-me por palavras de feição amena,
suave como espuma, com cheiro de caju
e gosto de ananás, goiaba, papaia.
Palavras do popular idioma pátrio
ipsis literis et sensu.
Peixe bigodeiro, pássaro de sol,
flor de sapato, bicho de palmeira,
bailéu, pano pintado,
pedra de sol, cobra cuspideira,
fruta estrelada, lagarto d'água,
enjangado e pagodento.
Pra quê esse desmascarado desprezo
pela certidão dum vocábulo estrangeiro?
A língua, quiçá, escrevo sem corrupção
do protótipo ao se pronunciar.
Chama-me além das inexatidões
de palavras desfiguradas, descabidas,
deficientes de som e significado.
Ora, dá-me uma canja Indiática
com gosto dravidiano, e deixa-me em paz
com esse ukulelê das canas do Havaí e Madeira.
Chama-me ao silêncio
do luminífero éter,
estado de pura presença,
o nadir neural, hiperespaço

Onde não há linguagem
que represente qualquer
forma de sofrência.

Algo do ar

Essa água do mar tão quente,
sobe às alturas
pra descer seu ofurô,
e dar coça
nas costas de tanta gente.
Essa água do mar,
pulcritude
outrora
transparente,
vestia saíote anágua
para guardar sua safira
de qualquer ebuliência.
Essa água do mar
a ferver como um bule
para um chá bem quente
Anunciado por tropel
de ventos em rajadas
de adagas, que sai da frente!

Ilha de nuvens

Elegia ao poeta Almeida Firmino, 1934-1977

Pacífica,
a cachalote
boia nas águas açorianas
coberta por um parassol
de ilhas de nuvens caiadas
que degolam a cabeça do Pico.
Pois que não estavam
a viver bem
a cachalote com os botes.
Feito o desespero dum
Poeta que chega à pensão
das docas só com sua mala
por ter sido
mandado embora,
por dar cabo a tudo,
desarrume de casa,
partir de vasos.
Do nada,
teve aquele pico
de sopro de baleia.
No cais, ancorado
um armazém com par
de chaminés de pedras apita
ao pátio de desmanchos.

A lição do tempo

Ode às Cagarras das Ilhas Portuguesas

Na lida pelos confins do mar, as aves da procela com feições e gestos nobres,
prontas para o tranco das encruzilhadas do ar, para pairar onde converge o ar,
no olho da tempestade. Onde cessa o vento e o céu é limpo. Calma igual dum Samadhi.
Esse olho de ciclone, feito um círculo Ensō, é um olho bem apertado
visto por robóticos seres como ponta de alfinete, mas na verdade tem um cento de milhas
envoltos de rodopios em bandas de tempestade, vagalhões e trovoadas chibateando com
lambadas cintilantes por toda parte.

As aves da procela, juradas e nascidas em cima do mais escuro enleio, noite de furtivas, lívidas
estrelas. Por seu destemor a estes ventos truculentos, por serem amantes de buscar seu centro, acaso
tem alma de marinheiros devassos ou devadatas?

De onde vem esse seu voo Luso, calmo e longo sobre o mar a deslizar à plumadas?
Mas, chega o dia, cada dia mais raro ainda, em que as aves da procela vêm em jangadas às costas,
nos regos das rochas em noite apartada de luar, seus pedregosos pagodes, suas covas ululam
estardalhaços, espalhafatosas doses de aleluias!

Ao lume do dia exaustas do baluarte e folganças, se entregam aos duros ninhos nas serenas alcovas.
As aves da procela no céu do mar, seguem os astrolábios da grei, asas de dobradiças feito remos, e
outras como duplas soltas velas.

Acostumadas aos sinais de más nuvens, com seus escuros, baixos capelos.
Nuvens de pás viradas não tiram seu capelo pela força dum pé de vento, nem pela força
dum outono acalento.

Aves da procela sem saber nomes de barcas ou canoas se acolhem em busca
de refugos e nas carrancas das proas, onde os homens que marciam
contam lendas de santos mouros boiando sobre peixes grandes
que chegaram às terras novas à caça de Jonáticas baleias.

Aves da procela por conhecerem o olho do ciclone, podem violar
a ideia do espaço,

Aves da procela, têm no coração, compasso e mastro
como um navio, tem sua agulha e lastro.

Aves da procela, nada as arranca do destino de ascender
para transformar o mortiço tempo, essa hora enervada à contenda.

Eia, pois a seguir essa viagem pela Grande Noite Escura que vela a certeza entre ficar e partir,
Aves da procela que aprendem a partir sem deixar rastros provando ao coração
a dádiva de controlar seu vento, esse coração sem dúvida pode largar os ossos dentro do claustro de
seu próprio tempo.

Matriarca

Santinha viera pequenina da Ilha da Madeira.
Chegara à Bahia em meio a fretes,
sortimentos de gentes,
numa veleira barca de carreiras.
O nome legítimo,
seu nome corria o mundo,
um trem de aliança entre pais e colaterais,
arcanjos e imagem do divino.
Maria Francisca Marta Josefina
Antonia Graça Isabel Vitória Joaquina
Miguela Gabriela Rafaela do Espírito
Santo de Andrade Oliveira.
Dona de cismas sobre o fim dos tempos
como se vivesse numa casa em chamas
alimentada pelo vento.
“Ai meu Jesus, Maria José
minha alma vossa é!” — assim
retomava a seu alento.
Preocupada com o coração,
seus desencaminhamentos
que pesam sobre o espírito,
rodas de vidas em tormentas.
Mulher de feição mouro-hirsuta
miúda e meiga,
voz fina cantada como música ladina
nariz esculpido retilíneo,
cabelo preto liso e longo
carapito preso
num grampo de osso de baleia.
Olhar possuído
de uma atenção sem lapso
palpável como as contas de azeitonas
de meu turco rosário.
Crucifixo ao trancelim
no aparador do peito,
mania de querer se apagar
em trajes simples e pretos.
Santinha jamais trouxe à baila,
para o bem ou mal do mundo,
causos de jorros de vulcões,
queimando num maremotear.
Tudo que perdeu, tudo que achou
Ela deu aos pássaros náuticos
dos navios que foram ao mar.

Bem haja

Olhos
De contas de lótus,
encanto que arrebenta os trompetes lilases
e realça o junho de Lisboa.
Bem sabes,
olhos de lótus!
Esse lilás do jacarandá brasileiro
que te cobre em copas,
com teus bis- bisavós
chegou e partiu em naus,
entre bons e maus.
Sementes que vieram
de rogo, fogo e rendas
do bilro de Itabaiana.
Do amargo da cana de Tarumã.
Da rua Padre Paulo e seu cheiro
de café moído na hora do Angelus.
Vieram das brumas do Itapeti
Que caem como um rosário
de sementes de lágrimas de Nossa Senhora
sobre o meu peito e memória.
Martina,
Sê bem-vinda!

Das joias portuguesas

Baleinha,
um alfinete no peito,
do peso dum
medalhão derretido.
Uma presilha d'ombro
nas espáduas
dum mar de retalhos,
ali boia um baleião.
Eia, sol, topázio-rei
Amarelo feito óleo.
A baleia pia
viaja à boleia
na extra d'água que cria
Viajante do dia,
frota de safira, in pera azul.
Viaja de noite
prateada lira
aos botes da lua.

Sete poemas ilustrados

poemas de José Francisco Costa
ilustrações de Conceição Lopes



Anjos de água

Deixem-me ficar assim:
mergulhado no sonho
que gera anjos de água,
com olhos de céu
feitos da terra
nossa e fresca,
húmida de felicidade,
com raízes da certeza
mais verde que a conteira
chorando o silêncio.

Anjos de água,
venham embarcar-me
num mar de futuro,
onde as vagas são
instantes semeados
na breve eternidade
dos meus olhos ...



Legenda

Quem me dera,
Montanha,
escrever um verso
da tua sombra iluminado.

Mas tal seria
desvendar teu segredo
de amores perdidos
em silvados de cinza,
com encontros adiados
por nuvens de estanho.

E
matar o sonho de
encontrar-te a alma
do fogo que te queima
em línguas de silêncio,
numa paixão de beijo
entre mar e sol.

Montanha,
quem me dera
desencantar um verso
do teu silêncio repassado.

Mas tal seria
aniquilar um poema
à sombra morna da luz,
na comoção prenhe
da transparência do tempo
donde nascem tuas cores.

E
ferir de morte
os mistérios vivos
em teu seio concebidos
por deuses de néctar,
com baleias embarcadas
no nunca mais do regresso.

Dizer de ti um verso
seria perturbar
em alvoroço sísmico
velhas chamarritas novas,
dormindo serenas
no teu destino de água.

Remos e velas

Cheguei a este lado.
Já tenho vontade de regressar
a uma ilha qualquer
porque sei que lá
o mar é diferente.
A gente chega aqui,
ao país do tudo,
e
sente logo falta
das coisas simples:
O saco do pão deixado à porta
no alegre bom dia de um amigo.
A cachaça com mel a meio da tarde
num cálice de mãos abençoadas.
O inhame com linguiça frita,
oferta irmã do bolo quente,
em toalha aberta de sorrisos.
Os serões de vinho e cordas
de guitarra afinada pela noite.
E o canto da cagarra invisível
que às sombras aumenta o silêncio.
O cão e a vaca em passo absortos
à espera que o tempo se acabe.

Quero regressar na próxima canoa
num sonho de remos e velas.



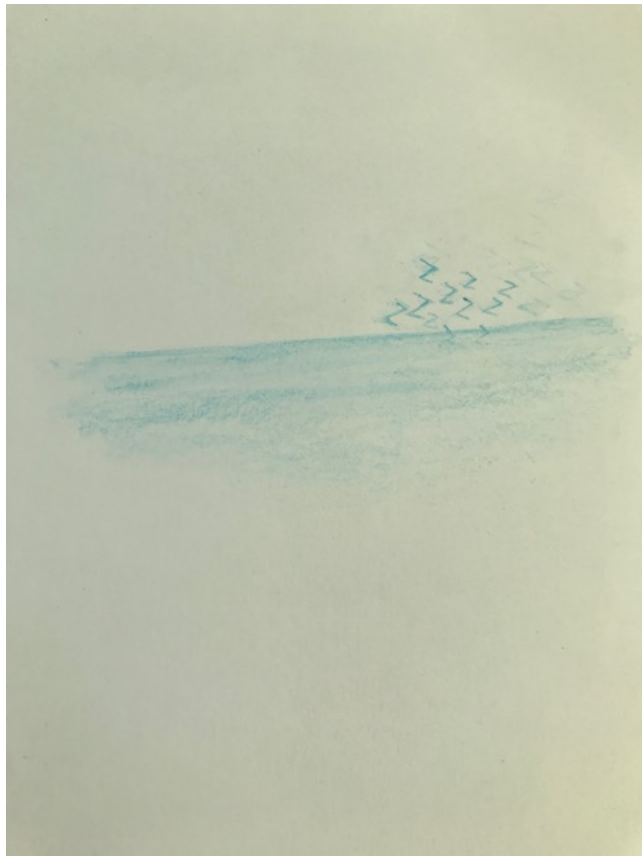
*Oxalá*

Ai, olhos duros
semicerrados, negros.
Sempre fixos,
tristes por um nada.
Mais tristes por outras razões
de ausência ou dor.
Alegres? Só por distração.
E, sem dizer nada,
somos um único gesto,
eu e os meus olhos,
eloquente inquietação.
Ai, olhos negros.
Paixão de lábios
em caras fechadas
que beberam da rocha
a frieza da alma.
Sorrir? Oh, valha-me-deus!
Só quando o rei,
já morto, fizer anos.
Ai, olhos de olhar a terra.
Mas, se o mar deixasse
mais areia branca
e menos pedras negras,
veriam meus olhos,
a brincar sorrindo,
com tranças, pezinhos
em pocinhas de água.

*Entrada em diário*

E fui à pesca.
(O peixe manda saudades)

Botei-me a ler a manhã
que a terra dava
à luz
filha de um disco
incandescente
ouro
encrustado no
plúmbeo lombo do mar.
Que perfeito nascimento!



Serenidade

O mar manso
dormindo
num
alguidar de barro
com
os desejos da terra ...



Hálito da festa

Fui às portas da cidade
Espreitar se o divino
Era o mesmo que ali voa
Nesta altura da estação.

Desdobrava-se o paráclito
Nas mil funções que lhe cabe.
E o pasmo dos bois refletia
A paciência de Deus.

Baco andava de mãos dadas
Com outros santos vermelhos,
Em batismo avinagrado
Da gente que os aclamava.

A toada da folia
Misturava-se com o chiar
De carros, cabras e bodes
Em ébrio vivódivino.

E querubins de antanho,
Tisnados de vento e sal,
Com ferrinhos e rabecas
Aclamavam outras deidades.

Da carroça da despesa
Mãos de luvas já suadas
Semeavam pão-por-deus
Na marginal de vermelho.

Grinaldas, pombinhas, cetros,
Bocas de massa sovada.
Um beijo a saber a vinho:
Ai que festa abençoada

Que ali terminou sem fim,
Quando o sonho me acordou,
E os olhos do boi pediram
Que eu fosse adorar o sol.

As palavras que não cabem na boca*

Words that don't fit in the mouth

Stuart Blazer

An Azorean in Bermuda
Shipwrecked on land, a
Terceirense in Sacramento, slave
To cows who milk his blood,
Lucky to have one stomach
To be hungry in instead of four.

*Um açoriano na Bermuda
Náufrago na terra, um
Rabo torto em Sacramento, escravo
Das vacas que mungem o seu sangue,
Afortunado em ter um só estômago
Faminto em vez de quatro.*

An Azorean aboard the “Autonomia”,
Francisco Barreto Côte-Real
Set sail at dawn in May, 1895
From the bay of Angra bound for
Ponta Delgada, doing his hometown
Justice: Praia de Vitória, Victory Beach.
He brought with him bread, water,
Aguardente. A heroic arrival,
Celebrated by *90 Milhas Num Barco de Papel*,
A book charting his triumphant solo voyage
From Terceira to S. Miguel.

That paper boat (newsprint pressed then glued
Onto a canvas-sheathed wooden frame) is now
Afloat in Angra’s museum, sparking a memory
Of a Russian poet, among other things:
“The ship of love has crashed
against the shores of daily life.”

* Courtesy of the Azorean theatre company Cães do Mar, based in Terceira

*O barco de amor naufragou
contra os baixios da vida quotidiana.*

...

Domingos Rebelo's painting *Os Emigrantes*
Done in 1926 presents such a complete
Picture of departure, so much world
Condensed into so little space.
A tenderness that can be felt.
As can the weight, the textures
Of farewell.
And the mystery
Of arrival.
Since *photography* has its root in
Writing with light I had to look up
The Latin for *dark*: passing by *obscurum*,
Tenebris, before settling upon *caligo*,
Which offered *caligraphy*, writing with,
Into, the darkness.
Emigration is a kind of writing
With a spastic hand, the stressed body
Repeating *I am the man, I suffered*,
I was there until it makes its way
In a new world, a home
Built from earth and water and fire and air.

...

I don't know but I been told
The streets of heaven are paved with gold...
American sky, not its land.
Note the frequent signage: *Merdadouro*.
So much depends upon...which movie we're watching.
When you wish upon a starfish...
Does hope grow back?
So many faces become coins, worn
By resigned disappointment.

We leave war and poverty and hunger
To discover a new language
Saying the same things in *Pinglish*
As we chew words like hard bread,
Crumbs of Portuguese dangling
From American lips.

...

I'm here, meaning still
 There, wandering Jew
 Though Catholic for generations.
 Sometimes even at home
 I felt a stranger
 On this earth, so alone
 —only me and God.

Só eu e Deus.

Caught in the net of being
 While longing
 Asking *where do I belong?*
 To be is to long: for the past
 That's never past, the struggling now,
 The not yet.

Hei careca!

Caressing a bald man's dome
 From the inside—with ideas—
 Now that's *saudade*,
 thoughts that no longer fit in the head,

os pensamentos que já não cabem na cabeça.

And love?

Desamorfizado.

...

Deportagees sent back
 From where they came, island
 Or continent, an enzyme
 For local crime to flourish,
 A kind of human phylloxera
 That thrives like sourdough
 In any atmosphere.

In S. Miguel I had to use a corncob
 To wipe my ass—we slept on straw—
 No one could afford a mattress.
 Now I live in a mansion
 Nearly the size of my loneliness.
 When I look in the mirror
 I can't tell if it's tears or laughter,
 The way cold from hot
 Can be hard at first
 To distinguish in the shower.

The South has things to teach the North.
An Indian word for money, *takiin*,
Means *shit of the sun*.
And “when shit used for money
the poor will be born without assholes.”

*Quando a merda for usada como dinheiro
o pobre nasce sem cu.*

No matter where we land
We’re left with the immensity
Of the sea—just little me—
Alone in boat or car or plane or house
So alone that the Bible gets turned
Inside out (only the faithful explore
sacred doubt)
—*só eu e Deus*—

The whale inside Jonah.

A baleia dentro de Jonas.

Três poemas de Dana Gioia sobre o tema do luto*

Dana Gioia

Traduzido para o português por Rose Angelina Baptista**

Plantando uma Sequoia

Toda a tarde trabalhamos no canteiro, meus
irmãos e eu,
Cavando o abrigo, deitando-te nele, firmando o
solo com zelo.
A chuva escureceu o céu, mas ventos frios
barraram-na ao mar
E o azul sobre nós virou um cinza embotado
De um velho ano chegando ao fim.

Na Sicília, um pai planta uma árvore celebrando
o nascer do primogênito,
Uma oliveira ou figueira, sinal de que a terra
tem mais vida a sustentar.
Teria feito o mesmo, com brio deitando um
novo cepo no pomar de meu pai,
Uma muda verde se erguendo entre os
contorcidos galhos da macieira,
Promessa de novo fruto noutros outonos.

Mas hoje nos ajoelhamos plantando a ti, nossa
gigante nativa,
Desafiando os costumes de nossos pais,
Embalando nas raízes, cacho de cabelo, coto
umbilical dum recém nato,
Tudo que resta sobre a terra de um primeiro
filho,
Alguns átomos soltos de volta aos elementos.

Planting a Sequoia

All afternoon my brothers and I have worked
in the orchard,
Digging this hole, laying you into it, carefully
packing the soil.
Rain blackened the horizon, but cold winds
kept it over the Pacific,
And the sky above us stayed the dull gray
Of an old year coming to an end.

In Sicily a father plants a tree to celebrate his
first son's birth—
An olive or a fig tree—a sign that the earth has
one more life to bear.
I would have done the same, proudly laying
new stock into my father's orchard,
A green sapling rising among the twisted apple
boughs,
A promise of new fruit in other autumns.

But today we kneel in the cold planting you,
our native giant,
Defying the practical custom of our fathers,
Wrapping in your roots a lock of hair, a piece
of an infant's birth cord,
All that remains above earth of a first-born son,
A few stray atoms brought back to the
elements.

* “Planting a Sequoia,” “Special Treatments Ward,” and “Majority” from *99 Poems: New and Selected*. Copyright © 2016 by Dana Gioia. Translated with the permission of Graywolf Press, Minneapolis, Minnesota, www.graywolfpress.org

** Como pediatra e poetisa bilingue luso-americana, tentei através desta tradução, uma aproximação dos mundos luso e anglófono. Procurei realçar ao leitor de ambas as culturas, quão inefável é o abrigo e a ternura que o texto poético de Dana Gioia nos oferece ao contemplarmos o selo universal da temporalidade que pesa sobre a condição humana.

Vamos dar-te o que podemos, trabalho e solo,
Água extraída da terra quando os céus
falharem,
Noites olorosas de névoas marinhas, dias
suaves via rotas d'abelhas,
Plantamos a ti no canto do pomar, banhado
pela luz ocidental,
Um esguio ramo contra o ocaso.

Quando a família não mais existir, irmãos não-
nascidos, mortos,
Cada sobrinho e sobrinha apartados, a casa
demolida,
E a beleza de tua mãe se tornar cinzas no ar,
Quero-te ativo entre os estranhos, todos
jovens e efêmeros a ti
Silenciosamente guardando o segredo de teu
nascimento.

We will give you what we can—our labor and
our soil,
Water drawn from the earth when the skies fail,
Nights scented with the ocean fog, days
softened by the circuit of bees.
We plant you in the corner of the grove, bathed
in western light,
A slender shoot against the sunset.

And when our family is no more, all of his
unborn brothers dead,
Every niece and nephew scattered, the house
torn down,
His mother's beauty ashes in the air,
I want you to stand among strangers, all young
and ephemeral to you,
Silently keeping the secret of your birth.

Ala de Tratamento Especial

I

Então é aqui onde as crianças vem morrer,
escondido no andar mais alto da Santa Casa.
Elas usam bandagens como uniformes
e puxam suportes de soro nos corredores
com passos lentos. Ou calvas, pálidas,
se deitam com vivos pijamas em seus leitos,
observando um outro mundo num écran.

As mães passam as noites dentro da ala,
dormindo em cadeiras que viram camas,
tão pequenas para conforto. Elas se achegam
ao lado de seus filhos, como se pudessem
unidas
aos corpinhos feridos, retorná-los a sua carne.
Instintivamente, sentem quão forte o amor
imanta um filho. Cada manhã diz o contrário.

Ninguém escolhe estar aqui. Cumprimos papéis
que nos são dados – por mais penosos que
sejam.
Tentamos representá-los bem, seja lá o que for.
Carecemos falar, mas falar quebra os corações.
Os médicos vêm e vão como oráculos,
seus modos frios, oniscientes e evasivos.
Há uma palavra que jamais é dita.

II

Deixei este poema de lado há doze anos
porque não podia suportar a lembrança
dos rostos que ele evocava, e cada verso
parecia, e ainda o faz, tão inadequado, sombrio.

Que direito tinha eu, cujo filho havia partido,
de falar por aqueles que morreram? E admito
que preferia esquecer. Eu perdera uma criança
e não aguentaria ver uma outra morrer.

Special Treatments Ward

I

So this is where the children come to die,
hidden on the hospital's highest floor.
They wear their bandages like uniforms
and pull their iv rigs along the hall
with slow and careful steps. Or bald and pale,
they lie in bright pajamas on their beds,
watching another world on a screen.

The mothers spend their nights inside the ward,
sleeping on chairs that fold out into beds,
too small to lie in comfort. Soon they slip
beside their children, as if they might mesh
those small bruised bodies back into their flesh.
Instinctively they feel that love so strong
protects a child. Each morning proves them
wrong.

No one chooses to be here. We play the parts
that we are given—horrible as they are.
We try to play them well, whatever that means.
We need to talk, though talking breaks our
hearts.
The doctors come and go like oracles,
their manner cool, omniscient, and oblique.
There is a word that no one ever speaks.

II

I put this poem aside twelve years ago
because I could not bear remembering
the faces it evoked, and every line
seemed—still seems—so inadequate and grim.

What right had I, whose son had walked away,
to speak for those who died? And I'll admit
I wanted to forget. I'd lost one child
and couldn't bear to watch another die.

Não só o quieto guri que dividia nosso quarto,
até as figuras magras, mal-vislumbradas
movendo-se de forma desordenada
como inveterados soldados pós-desfile.

Qualquer força vital `a tarefa, eu não contava.
Sem fios de palavras a coser essas feridas.
E então eu parei...
Mas há poemas que não escolhemos escrever.

III

As crianças me visitam, não só em sonho,
surgindo de repente, silentes—
insistentes, sem razão, inestimadas.

Elas tiraram suas ataduras leitosas,
mostram os estigmas, ainda tintos.
Transcendidos, curados, mas reaparecidos.

Algumas as reconheço, intocadas pelos anos.
Não posso nomeá-las, rostos pálidos e griz
como cinzas caídas de um fogo distante.

Qual minha utilidade a elas, quase um estranho?
Não posso acordá-las de seus acetinados leitos.
Porque me procuram? Elas nunca falam.

E a tristeza erradia não pode abençoar os
mortos.

Not just the silent boy who shared our room,
but even the bird-thin figures dimly glimpsed
shuffling deliberately, disjointedly
like ancient soldiers after a parade.

Whatever strength the task required I lacked.
No well-stitched words could suture shut these
wounds.
And so I stopped...
But there are poems we do not choose to write.

III

The children visit me, not just in dream,
appearing suddenly, silently—
insistent, unprovoked, unwelcome.

They've taken off their milky bandages
to show the raw, red lesions they still bear.
Risen they are healed but not made whole.

A few I recognize, untouched by years.
I cannot name them—their faces pale and gray
like ashes fallen from a distant fire.

What use am I to them, almost a stranger?
I cannot wake them from their satin beds.
Why do they seek me? They never speak.

And vagrant sorrow cannot bless the dead.

Maioridade

Agora você teria três anos,
Eu disse a mim mesmo,
vendo uma criança nascida
no mesmo verão que você.

Agora, teria seis,
ou sete, ou dez.
eu o observei crescer
em corpos diferentes.

Saltando numa piscina, todo em riso,
ou franzindo a testa num patins de roda,
mas sempre erguido,
cada vez mais alto.

Quão esplêndidas me pareciam
suas ações mais cotidianas
nessas alegres representações.
Eu muitas vezes contive as lágrimas.

Agora que você completa vinte e um,
Finalmente, faz sentido
que você tenha ido
para sua morada na ultravida.

Majority

Now you'd be three,
I said to myself,
seeing a child born
the same summer as you.

Now you'd be six,
or seven, or ten.
I watched you grow
in foreign bodies.

Leaping into a pool, all laughter,
or frowning over a keyboard,
but mostly just standing,
taller each time.

How splendid your most
mundane action seemed
in these joyful proxies.
I often held back tears.

Now you are twenty-one.
Finally, it makes sense
that you have moved away
into your own afterlife.

Six Poems from *A ilha e o mundo*

Pedro da Silveira

Translated into English by Scott Edward Anderson

Island

Just this:

The dense sky, a yellow-legged gull¹
hovering. Open Ocean. And a boat in the distance:
his hungry eyes divining, at the bow,
lost Californias of plenty.

Ilha

Só isto:

O céu fechado, uma ganhoa
pairando. Mar. E um barco na distância:
olhos de fome a adivinhar-lhe, à proa,
Califórnia perdidas de abundância.

¹ *Larus michahellis atlantis* — Monteiro translated ganhoa as “heron,” but this makes no sense given the context of the poem. Rather, as the Dicionário Priberam has it, the bird should be this “species of gull (*Larus michahellis*) with yellow legs and a gray back and wings.” Until 2007, the species was formerly considered a subspecies of the herring gull (*Larus argentatus*), but DNA evidence reveals it is more closely related to the great black-backed gull (*Larus marinus*) and the Armenian gull (*L. armenicus*). Hence, I’ve gone with yellow-legged gull, although this species is also known as the Atlantic gull. Its scientific name honors the German zoologist, Karl Michahellis. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, n.d.)

*Steamer Day**To Manuel Lopes*

When the steamer arrives
It's like a holy day on the island

—the holy day of Saint Steamer...

The bank clerks,
the mayor,
the keeper of the Land Registry,
the delegate and the judge
and those gentlemen who are the village
nobility,
butter and whale oil merchants,
put on their Sunday suits and their overcoats
and go aboard to drink beer and smoke
foreign-brand cigarettes
in the First-Class bar...

But there are also
—I was one of them—
the crowd that stays on land,
eyes eager for every detail of this monthly event

—the motorboats that come and go,
the unloading boats,
the cattle embarking for Lisbon,
the yellow bags of mail,
a traveling salesman who undoes
himself in gestures and words
or some calafona² that comes to visit...

With an open parasol,
Mr. Antonico Valadão waits for someone
to tell him how much the dollar is worth.

Oh, the holy day of Saint Steamer,
awakening old travel plans,
filling with expectations and news,
the people of my island!...

*Dia de vapor**Ao Manuel Lopes*

Quando o vapor chega
É como se fosse dia santo na ilha

—o dia santo de San Vapor...

Os funcionários de Finanças,
o presidente de Câmara,
o conservador do Registo Predial,
o delegado e o juiz
e esses senhores que são a fidalguia da vila,
negociantes de manteiga e óleo de baleia,
vestem os fatos do domingo e as gabardinas
e vão para bordo beber cerveja e fumar cigarros
de marcas estrangeiras
no bar da primeira classe...

Mas há também
—eu fui um deles—
a multidão que fica em terra,
olhos ávidos para todos os pormenores desse
acontecimento mensal

—as gasolinas que vão e vêm,
os barcos da descarga,
o gado que embarca para Lisboa,
os sacos amarelos do correio,
um caixeiro viajante que se desfaz em
gestos e palavras
ou algum calafona que vem de visita...

De guarda-sol aberto,
o Sr. Antonico Valadão espera alguém
que lhe diga a quanto está o dólar.

Ai o dia santo de San Vapor
despertando velhos planos de viagem,
enchendo de expectativas e novidades
a gente da minha ilha!

² *Calafona* – an Azorean slang term (which I suspect is a bastardization of “Californian”) meaning an emigrant returning to the Azores (especially if coming from the United States) referenced in the Infopédia Dictionary of the Portuguese Language [online].

Village

*To Elisabete Rodrigues-Garcia
and Borges Garcia*

The man arrived at the door of the shop
and looked at the clouds in the sky
(Will the wind come? Will it not come?).
Then
he lingered a few more minutes
following the path of the delegate doctor
and peering through the windows that overlook
the square.

Behind a windowpane
a figure appears for a moment.

Slowly,
an ox cart
passes in the street.

Under the plane trees in the square,
the off-island employees yawn in annoyance.
Mr. Laureano returns to the counter
wiping his hands on his alpaca smock.

... Tomorrow
in all the shops,
in all the stalls of the village,
another hidden love story
will be spread
by word of mouth.

Burgo

*A Elisabete Rodrigues-Garcia
e ao Borges Garcia*

O homem chegou à porta da loja
e olhou as nuvens correndo no céu
(Virá vento? Não virá?).
Depois,
ficou mais uns minutos
seguindo o passeio do doutor delegado
e espiando as janelas que dão para
o largo.

Detrás de uma vidraça
Um vulto assoma por instantes.

Lentamente,
um carro de boi
passa na rua.

Sob os plátanos da praça,
os funcionários de fora da ilha bocejam
chatices.
O Sr. Laureano volta para o balcão
limpando as mãos no guarda-pó de alpaca.

...Àmanhã,
em todas as lojas,
em todas as tendas da vila,
mais uma história de amores ocultos
irá contar-se
de boca em boca.

*Incomplete Poem of the Village Girl**To Castro Soromenho*

Noon has sounded from the bell of the parish
church.

The gentlemen remove their hats.
They shut the doors of the shops

—it's dinner time for the villagers.

A melancholy silence hovers
in the gray and sad sky
of the island.

Mariazinha stands at the window,
her lost gaze,
waiting for a prince charming to come steal her
away
to this life she hasn't dreamed.

—What a monotonous life in the village!...
Without cinema or theater
no electric light
no cars,
nothing of what they say other lands have...

How time passes!
and the prince does not come...
Only
the heart imagines his image
—beautiful as the wonderful heroes
of the novels read on the balcony facing the
channel
sitting in the rocking chair that the emigrant
grandfather
brought from Boston before he married

(rocking chair
like so many there are
in the small lands of small islands
holding dreams and disappointments
of several generations...).

Mariazinha stands at the window,
her distant gaze...

*Poema incompleto da menina da vila**Ao Castro Soromenho*

Soou agora meio-dia no sino da
matriz.

Os senhores tiraram os chapéus.
Fecharam as portas das lojas

—é a hora do jantar de gente da vila.

Um silêncio melancólico paira
no céu cinzento e triste
da terra insular.

Mariazinha fica-se à janela,
o olhar perdido,
à espera de um príncipe encantado que venha
roubá-la
a esta vida que não sonhou.

—Que vida monótona a vida da vila!...
Sem cinema nem teatro
nem luz elétrica
nem automóveis,
nada do que dizem ter as outras terras...

Como o tempo passa!,
e o príncipe não vem...
Somente
o coração lhe adivinha a imagem
—belo como os heróis maravilhosos
dos romances lidos à varanda voltada ao
Canal
sentada na cadeira-de-balanço que o avô
emigrante
trouxe de Boston antes de casar

(cadeira-de-balanço
como tantas que há
nas terras pequenas das ilhas pequenas
guardando sonhos e desenganos
de várias gerações...).

Mariazinha fica-se à janela,
o olhar distante...

(The colorful portrait of her grandfather,
hanging on the wall of the room,
smiles at the little girl's dreams.)

(O retrato colorido do avô,
dependurado na parede da sala,
sorri para os sonhos da menina.)

The silence of the village houses is so heavy!

É tão pesado o silêncio das casas da vila!

The silence of the deserted streets of the village.

O silêncio das ruas desertas da vila.

The silence hovering in the gray village sky.

O silêncio pairando no céu cinzento da vila.

Noon filling the village with silence.

O meio-dia enchendo a vila de silêncio.

Mariazinha leaning out the window,
to look, to look...

Mariazinha debruçada à janela,
a olhar, a olhar...

And a strange light,
comes to her from I don't know where
but it comes...

E uma luz estranha,
vem-lhe não sei de onde
mas vem...

Chamarrita

*To Manoelito de Ornellas,
from the other land of Chamarrita*

1—

In the small hall the music starts.
The caller calls the round.

*Call Rita, call Rosa³...
Oh my love from so far away...*

Longing inherited from parents and grandparents,
brought from Flanders
and Portugal.

*Dear Captain of the boat
wait, please do me a favor...*

To the rhythm of viola music
men and women seem like sleepwalkers
dancing.

2—

The viola is playing.
Frank accompanies on the accordion.
Mateuzinho sings.
But his singing is sad.
It sounds like sorrow.
It sounds like weeping.

The viola is playing.
It sounds like the voice
of a drowning man.
Crying of unfulfilled destinies,
memories of someone who left
and didn't come back.

The round goes on.
But you can hardly hear the cadence
of the steps.

Chamarrita

*A Manoelito de Ornellas,
da outra terra da Chamarrita*

1—

Na sala pequena a música rompe.
Caixeiro manda a roda.

*Choma Rita, choma Rosa...
Ó mei amor de tan longe...*

Saudades herdadas de pais e avós,
trazidas da Flandres
e de Portugal.

*Sinhor capitão da barca
espere, faça o favor...*

Ao ritmo da música da viola
homens e mulheres parecem sonâmbulos
bailando.

2—

A viola está tocando.
Frank acompanha ao còriano.
Mateuzinho canta.
Mas o canto é triste.
Dir-se-ia mágoa.
Dir-se-ia choro.

A viola está tocando.
Parece a voz
de um afogado.
Choro de destinos não cumpridos,
lembranças de alguém que partiu
e não voltou.

A roda segue.
Mas quase nem se ouve o ruído cadenciado
dos passos.

³ I once overheard a waitress at Inner Bay Café in New Bedford, MA, say that a singer once sang the “Chamarrita” as “Call Rita,” which she ridiculed. However, for readers unfamiliar with the original, this translation makes sense, especially in the context of this poem, which is like the old square dances with the caller calling out specific instructions, or, in this case, calling both Rita and Rosa to the dance floor.

Only the sad singing
and the sad music,
wistful, pained,
of the accordion and the viola.

Só o canto triste
e a música triste,
saudosa, magoada,
do còriano e da viola.

Memory of Saint Michael the Archangel

*To Armando Côrtes-Rodrigues
and Diogo Ivens*

I remember you now,
Saint Michael-the-Archangel with rusty sword
and feathered helmet
from when I used to go with my father to
Sunday Mass.

You never spoke to boys your age,
nor laughed when we stared at you;
your lips were always silent
to my insistent childish plea.
Lost in I don't know what cloud-thoughts,
your eyes never opened to life
that my six-year-old naiveté wanted to offer
you.

Every day weighing sins
on the old scales of heaven...

Saint Michael-the-Archangel of my childhood,
oblivious to life in a dark corner of the church,
even you may not exist anymore.
Other voices awoke in my days
and summoned to other paths
the boy I was.

Today, Saint Michael-the-Archangel of my
childhood,
holy boy of juniper wood, insensitive to life,
of you all that remains in me
is the desire I had to shout at your indifference
that you stop being a saint
and come outside and play with me
in the seaside pools.

Lembrança de San Miguel-O-Anjo

*A Armando Côrtes-Rodrigues
e a Diogo Ivens*

Lembrei-me agora de ti,
San Miguel-o-anjo de espada ferrugenta e
capacete emplumado
de quando ia com meu pai à missa do domingo.

Tu não falavas nunca com os meninos da tua
idade,
nem rias quando olhávamos para ti;
os teus lábios ficaram sempre mudos
ao meu apelo insistente de criança.
Abismados em não sei que pensamentos de
nuvem,
teus olhos nunca se abriram para a vida
que a minha ingenuidade de seis anos te quis
dar.

Todos os dias a pesar pecados
na balança velha do céu...

San Miguel-o-anjo da minha infância,
esquecido da vida num canto sombrio da igreja,
nem tu talvez existas já.
Outras vozes acordaram nos meus dias
e chamaram para outros caminhos
o menino que fui.

Hoje, San Miguel-o-anjo da minha infância,
menino santo de pau de zimbros insensível à
vida,
de ti só em mim persiste
a vontade que eu tinha de gritar à tua
indiferença
que deixasses de ser santo
e viesses cá para fora brincar comigo
nas poças da beira-mar.

References

Infopédia. (n.d.) Calafona. In *Dictionary of the Portuguese Language*. Retrieved July 18, 2022, from <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/calafona>.

Priberam. (n.d.) Ganhoa. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)*. Retrieved October 1, 2023, from <https://dicionario.priberam.org/ganho>.

Helena Chrystello*

Eduardo Bettencourt Pinto
Translated by Katharine F. Baker

True humility is intelligent self-respect which keeps us from thinking too highly or too meanly of ourselves. It makes us modest by reminding us how far we have come short of what we can be. —Ralph W. Sockman



Figure 1 Waiting in the Ponta Delgada, São Miguel airport for a flight to Santa Maria on 25 October 2017: From left to right, Helena and Chrys Chrystello, José Soares, unknown passenger, John J. Baker, Urbano Bettencourt, Eduardo Bettencourt Pinto. Photo by Katharine F. Baker.

Humility is a characteristic of nobility without fanfare. Those who display it do not impose credentials or exhibit affectations; it is not an axial energy that orbits around itself like the primary and egotistical instinct of the self-centered. Instead, they take root through their nature and equanimity. They are on-stage but shy from the spotlight because they live in the shadow of their own greatness.

Helena Chrystello was like that – as if she were a reflection of light passing through window glass, an image without artifice on the other side of silence.

She was born in Lisbon but adopted the Azores as her piece of the world, her mountain, her nest. She landed on the coast, and there with her companion Chrys Chrystello set about planting word-roots in the seawater. From that space in Lomba da Maia, vulnerable to rain and the melancholy of its mists, they produced books and their Lusofonia colloquiums. They built a bridge in the wind that has taken them to other places.

Helena smiled. It is her smile I speak of. The books she has left behind do not need my attention, as they have their own voice—they speak to us when we pick them up, are testimony to her commitment, to her magnificent work, and attest in an exceptional way to her love for the Azores.

* Eduardo Bettencourt Pinto's tribute first appeared in Portuguese in the May 1, 2024, *Portuguese Times*. We gratefully acknowledge newspaper director Francisco Resendes' permission to publish this English translation of it. <https://portuguesetimes.com/admin/archive/Edi%C3%A7%C3%A3o%202758%20-%202001%20de%20maio%20de%202024.pdf> (p. 20)

What moved me about Helena's smile was that childlike voice of unblemished signs, her spontaneous—even maternal, I would say—clarity. The warmth of a place, a home, a garden bench in a corner of springtime.

In literary spaces we sometimes encounter anchors, beings who engage us in a dialog with our humanity, centered on a position of sharing. They are solid, permanent, credible in their ethical structure. They do not lose themselves in social artifices, nor flattery to entertain needy egos. Helena Chrystello was part of a special tribe in this literary microcosm. She transcended barriers with a friendly, loyal, humble smile.

If we interpret absence as a lethargy of rain showers between the sky and the earth of our finiteness, and the part of us that ultimately remains besides our books, what greater relevance is there in memory than the kindness of a smile, a smile like Helena's in continuous flowering between the unchanging seasons of time?

In Memoriam: A Tribute to Diana Marcum*

Vamberto Freitas
Translated by Katharine F. Baker

I

The news reached me only a few days later, but it came. Diana Marcum (1963-2023) had died on August 10 in the city of Fresno, with which she was long associated. She used to write for the *Fresno Bee*, the San Joaquin Valley's preeminent daily newspaper, but given the caliber of her journalism she inevitably had moved on to the *Los Angeles Times*, the most powerful voice in all of North America's west—the daily paper that makes its vast market (and even more so Washington, D.C.) tremble at its news and editorials when it writes in defense of the states and communities where millions of its region's daily readers reside.

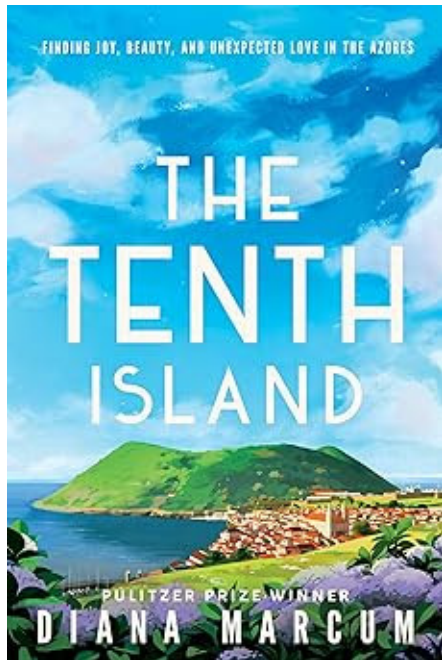
The *Times's* obituary for its great journalist Diana Marcum tells much about her, but for now it suffices to note that she won a Pulitzer Prize for Journalism (a kind of Nobel Prize in that country) for a series of reports on the drought in California's dairying interior in the mid-1980s and '90s, centered on her investigations among Azor-descendants and our immigrants who have long settled and made their lives there. She spoke with them, socialized with them, embraced them for their kindness and then their friendship, ate with them, and persisted in her discoveries even far from their islands of origin. She would not rest until she came to live the Azorean daily lifestyle, particularly on Terceira (where she wanted to buy a home)—and then on São Jorge, an island of additional vacations and rest. All this would result in her exquisite book *The Tenth Island: Finding Joy, Beauty and Unexpected Love in the Azores*, published in the U.S. in 2018. It was this original English version that I read and reviewed, but Francisco Silva Pereira's Portuguese translation would soon appear at Cultura Editora (Lisbon) under the title *A Décima Ilha*.

Among the many things the *Los Angeles Times* published after her sudden death was this passage: "Marcum had traveled widely but said the remote islands and their people had taken a grip on her soul. She described how she loved the languid days, active volcanoes and abundant distance from the larger world. And Marcum embraced the Portuguese concept of *saudade*."

In 2018 I had already written about her Azores book, so was invited by Nuno Costa Santos to interview her in English at the Teatro Micaelense before a large audience as part of the first *Arquipélago de Escritores*. Before and after that, on esplanades and all around Ponta Delgada, our conversation continued—always in moments of happiness and, for me, learning. What follows is part of what I wrote about Diana Marcum and her revelatory book *The Tenth Island*.

* This essay has been lightly edited to combine two columns by Vamberto Freitas about Diana Marcum that were published in his 7 Aug 2018 and 22 Sep 2023 "Border Crossings" of *Açoriano Oriental*.

II



Every book can be read in many ways. Perhaps its informational content brings us nothing new. But a different viewpoint will also always exist in the originality of its pages. When they do not say what we expect or know, that perspective will never cease to be original, and so much the better for it. Ultimately all literature is a repetition of what we have known from the outset. All that remains to be seen is the different way that a people, community and nation are viewed. In almost all writing about the Azores by outsiders, I note a rather strange attitude.

First generation emigrants think they know all about their native islands, after which they distrust those of the second or later generations who write about us in English. Here, it seems to me, there is a certain misunderstanding, as reality will always be things conveyed to them in kitchen conversations, and in what comes to them by way of letters, photos and their pure imagination. This does not mean only the linguistic creativity of these writers and poets, but also the grandeur of their ancestral geography, or even a discovery almost entirely by chance.

I have never seen a comparable commentary from these same voices about the asinities and indeed outright racism in *The Innocents Abroad* by Mark Twain, who called Azoreans from a certain island [Faial] “vermin.” They wrote about us with a certain hostility and ignorance, and quickly sought out the worst, for lack of a better understanding. John Steinbeck is on this list of defamers, not only in *The Grapes of Wrath* but also in another of his novels of no redeeming value. As Edmund Wilson would write about the work of the Scribe of Salinas, a Nobel Prize winner no less, he created “human beings so rudimentary that they are almost on the animal level.”

All this comes from Diana Marcum’s 2018 book *The Tenth Island*, which deals in clear-eyed brilliant prose with our San Joaquin Valley communities—owing once again to the drought that in recent years has afflicted the North American state, this vast expanse in the central interior of California—which consequently led to her two extended visits to the Azores, mainly to Terceira, and for a few days to São Jorge in the company of an American friend.

She wrote for the *Fresno Bee* (I realize I am repeating myself here) and after that for the great and influential *Los Angeles Times*. As I have already noted, she won a Pulitzer Prize for this reporting, and never rested until she saw the “distant and mysterious islands” of our archipelago firsthand. She may not have brought anything new to our existence in the middle of the ocean, but she brought something more precious and relevant: this external look, the way she saw us, lived, and perceived our land.

Her account begins almost surreally. She was sitting at her desk in the *Fresno Bee* newsroom when one of the paper’s photographers came by and handed her a picture of a farmer who I surmise was from the Tulare area, plowing his land during the drought years using a plow with rolling discs pulled by two oxen. The photographer asked her, “Do you think there’s a story here?” She looked, and quickly decided there was.

She set out in search of that cultivator of the land, and succeeded in striking up a conversation with him. From that moment on they became friends, or at least built mutual trust. In her work as a reporter and writer she began embedding herself in our Luso-American agricultural community, getting invited to private parties at one or another person’s home, or to our people’s community *festas* in the area. Then Diana Marcum makes an unusual confession: she does not even know her own

ancestry, as both of her [adoptive] parents died young. Her admiration for our communities takes on such vast proportions that she decides to find out the origins of these strong people, and comes to the Azores for the first time.

Her passion never left her, so some seven years later in 2014 she decided to return, this time for an extended stay. She bought a used car and traveled all over the island, making friends, talking with everyone she met, her eyes always alert to what we here do not, or do not want to, see. Many in our first generation should keep this in mind—we arrived here with set ideas, and our references from childhood or adolescence never let us go beyond our memories. The typical infrequent visitor sees things we never do. We do not notice what others encounter for the first time—neighbors, friends, even places that had never been seen or thought about before. That is exactly what the stranger in a strange land is capable of looking at and registering, giving us another interpretation or placing us universally among everyone else.

Some may say that emigrants never leave here. This is false. They leave here, but only later find themselves again when they return. The mystery of so-called belonging is very mystified, or mythologized. Only those from outside complete us, whether in our way of being, or in the deepest recesses of our origins. There is a complex, let me repeat, that we all suffer from, that without others we can never know who we are. *The Tenth Island* is a mix of memoirs and fiction—the author confesses that she never consults her notes, and reinvents dialogues—all in smooth, direct prose, as if it were a journalistic human interest story. I have heard some criticisms of such writing, but to me that is precisely where its eloquence and reading pleasure reside.

In a few months or in a year, and years later, Diana Marcum was not just a tourist and writer. Rather, she became part of us. Living in and around Serreta, she did not miss even book launches, as was the case in 2014 with Joel Neto's *Da Vida no Campo*—as well as holding long conversations with the great artist Luís Bettencourt, also from Terceira, about the nature of love, art and other human issues.

She made friends with another local who advised her about the island and told her what she should see and absorb. She made friends with neighbors, traveled around the island, tried to create a sense of belonging with those who had arrived and made these islands a second home. This is rare, very rare, in our times. I refer not to the foreigners among us years ago. I speak of a great writer who did not leave unnoted her happy days on islands hitherto unknown to her. In the 19th century these islands were mere objects of opportunism, the wine and orange trades, and diplomatic responsibilities. Those foreigners built palaces and established vast gardens, later laid and maintained submarine cables, and sent their German, British and American children to exclusive schools. Yes, indeed.

But books like this, of pure affection and discovery of the nooks and crannies in our century, simply take us by surprise and for no other reasons than our kindness, the aroma and shape of our nature—and the unconditional friendship of which we are also capable.

“Just being here, at ease, alone in the dark,” Diana Marcum writes in a passage about her stay on the island of Terceira and recalling her California, “made me realize I had been mindlessly maneuvering just-the-way-things-are, accepting that violence was always a possibility, never realizing there are other places where it doesn’t feel that way. Of course, my dad had a saying for this: ‘They might have a different way of doing things across the river.’ Or in this case, the middle of the ocean.”

I must mention here that Diana Marcum has a good Azorean friend who has lived in California for many years, and who throughout her Atlantic planning and travels guided and advised her about both the choice of houses on the island and the idiosyncrasies of its people. Elmano Costa is a Professor of Education at California State University, Stanislaus in Turlock, one of our best-known immigrant communities in that state.

From word to word, from sentence to sentence, the author adapted to the environment, from Angra do Heroísmo to Praia da Vitória and all the villages in between. Once again, few readers will

find in these pages an unknown geography, much less cultural innovations, be they the now-traditional summer festivals or the bullfights, which she classifies as something tragi-comical. A closer reading will bring out the best this book offers us, which is both travel literature and a hymn to another land only now discovered.



References

- Marcum, D. (2018). *The Tenth Island: Finding Joy, Beauty, and Unexpected Love in the Azores*. Little A.
- Marcum, D. (2019). *A Décima Ilha* (F. S. Pereira, Trans.). Cultura Editora.

Translator's postscript

In *The Tenth Island*, Diana Marcum rhapsodized over the *pão caseiro* baked each Friday in the wood-fired oven at Ti' Chôa restaurant in Serreta: "The thick brown crust was chewy, the pale soft interior a beehive of bread and pockets of warm air. There was the faintest whisper of sweetness... [from] an until-now-secret ingredient: sweet potato yeast" (p. 184). Online research for this heritage method proved fruitless, however, so in our paper "The Search for Maria de Fátima's Sweet Potato Bread in *I No Longer Like Chocolates*" (*Gávea-Brown* 48, Fall 2023), my husband John and I related his development of recipes approximating both Ti' Chôa's Friday bread and the *massa sovada* that Álamo Oliveira recalled in his novel from childhood in nearby Raminho—each leavened with a traditional sweet potato wild yeast starter. Diana and I had exchanged several emails after I read *The Tenth Island*, so I looked forward to renewing contact with her to share the sweet potato bread paper (including her influence on it) once it was published. However, she died just days after John and I submitted our manuscript, so we were left to add a dedication in the paper to her memory, in gratitude and sorrow.

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas - 10 de Junho 2018*

Onésimo Teotónio Almeida

Ao aceitar o honroso convite do Senhor Presidente da República para vir aqui ocupar um lugar que tem sido preenchido por figuras nacionais para mim venerandas (estou a lembrar-me, por exemplo, de duas já desaparecidas – Jorge de Sena e Natália Correia - o primeiro, para além de todas as sabidas razões, pelo facto de ter vivido nos EUA, e a segunda por ser açoriana), sinto o peso da responsabilidade. Vou, todavia, evitar deixar-me impressionar por esse sentimento potencialmente inibidor, e assumir um papel de porta-voz de duas comunidades a que pertenço por ter sido por elas moldado ou formatado. Primeiro, a açoriana, onde vivi as primeiras duas décadas da minha vida, decididamente as mais marcantes para qualquer ser humano. Depois, a luso-americana, pois passei já cerca de 2/3 da minha existência, nada menos do que 46 anos, no outro lado do Atlântico. Aliás, desde o início interpretei como sendo precisamente isso o que de mim era esperado neste momento. Assim, não venho falar para açorianos nem para os portugueses da diáspora luso-americana, mas chamar para eles a atenção dos meus compatriotas portugueses e de todos os lusófilos. Hoje é o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, e o Senhor Presidente da República quis colocar no palco duas componentes da pátria – a primeira, os Açores, parte integrante por direito; a segunda, sobretudo pela memória e pelo afecto.

A geografia marca-nos e a minha marcou-me sobremaneira, como fez aos meus patrícios ilhéus. Se geneticamente descendemos quase todos do Rectângulo lusitano, com alguns aditamentos adventícios de proveniência variada, incluindo a flamenga, a nossa história insular moldou-nos em peso equivalente, como muito bem viu Vitorino Nemésio ao afirmar que para nós a geografia vale tanto como a história. Era necessário dar apoio às naus que os ventos e as correntes marítimas faziam aportar aqui na *volta do largo*, que obrigava os marinheiros a semanas e meses à míngua de água e alimentação fresca e por isso havia que, à sua chegada, atender às suas primeiras necessidades. Nessa altura pertenceu a Angra o papel central. Quer dizer, a nossa existência colectiva surgiu do imperativo de desempenharmos uma função vital no grande plano que hoje sabemos resultou na primeira globalização. Foi a nossa primeira razão de viver. Durante o domínio filipino, ainda servimos de entreposto para os navios de Espanha, confirmando esse papel de esteira e de serviço de apoio. Com o esvaír-se da energia que nos levou à Índia e ao Japão, os açorianos começaram a sentir-se sem préstimo. Entretanto, porém, o Reino percebeu a urgência de mandar gente para o sul do Brasil. Lembrou-se então da nossa existência, acertadamente decidindo valer-se do excedente demográfico ilhéu, e enviando colonos a ocupar o terreno que os espanhóis, a partir do Uruguai, almejavam controlar. Essa foi a nossa primeira grande ponte para o outro lado do Atlântico, sobretudo para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XVIII, ponte que nos últimos tempos tem sido refortalecida, permitindo uma saudável circulação nos dois sentidos.

* Discurso na celebrações oficiais do 10 de Junho de 2018 em Ponta Delgada, S. Miguel, Açores, a convite do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa.

É ainda nesse mesmo século, agora já na segunda metade dele, que os barcos da baleação americana, por idênticas razões às que haviam levado os portugueses a usar estas ilhas como base de ligação transatlântica, começaram a aportá-las também, transformando-as em base vital de apoio, bem como em fonte preciosa de mão-de-obra. Os primeiros povoadores, que do interior de Portugal foram trazidos com a missão de cultivar as terras, de modo a se poder reabastecer as naus que ainda demorariam três semanas na viagem daqui para Lisboa, viveram sempre entregues ao cultivo do fertilíssimo solo que a natureza vulcânica lhes proporcionava. Parte dessa gente, tradicionalmente voltada para a terra, fez-se então marinheira nos barcos da baleação norte-americana, e aventurou-se pelas rotas do Atlântico Sul e do Pacífico até ao Alaska. Herman Melville, o grande escritor americano dessa epopeia, rendeu-se, registando no seu clássico *Moby Dick* que *não se sabe porquê mas os ilhéus* (açorianos, islandeses e caboverdianos) *são os melhores baleeiros*. Essa frase está hoje estampada numa sala do Museu da Baleação, em New Bedford, Massachusetts, que amanhã o Senhor Presidente da República e a sua comitiva visitarão, por ele constituir hoje um espaço simbólico que narra essa grande epopeia da primeira ligação açoriana àquela que hoje constitui a Décima Ilha dos Açores. Nos dois séculos seguintes, os açorianos rumaram quase sempre para as Américas, sobretudo a do norte, estabelecendo uma forte ligação hoje secular. Os que emigraram para o Sul deixaram mais fraco rasto, mas felizmente a sua memória começou a reacender-se de há meio-século a esta parte. Durante muito tempo, o Brasil foi para nós a Terra dos Esquecidos. A América do Norte, pelo contrário, passou cedo a integrar o imaginário açoriano. (Tal como em *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, a busca, nos anos Quatrocentos, de uma suposta décima ilha a norte dos Açores simbolizava, para a protagonista do romance, a procura de uma felicidade impossível, pois os açorianos, que na pele sentiram sempre duras privações e carências múltiplas, não acreditavam que as suas terras fossem as Ilhas Afortunadas, ou as da Felicidade, a Macaronésia de que falavam os gregos.) E foi assim que o sonho americano foi ganhando forma - *as Califórnia perdidas de abundância* do poema “A Ilha”, do poeta florentino Pedro da Silveira. Entretanto, passara já a ser a Horta, no Faial, o pólo de ligação intercontinental.

O relacionamento foi-se intensificando quando, na época da navegação a vapor, os navios entre a Europa e a América aqui paravam, mas esse papel só passou a ser de novo vital quando foi preciso conectar por cabos submarinos a América do Norte à Europa e depois à África do Sul. Foi todavia durante a 1ª e 2ª Grandes Guerras que o reconhecimento da importância estratégica dos Açores reforçou fortemente esse nexos açoriano com a América, então de novo a partir da Terceira, mas também de Santa Maria, porque os aviões a hélice, da incipiente aviação comercial, necessitavam de um local de reabastecimento a meio do Atlântico. O último grande momento do sentimento da relevância do arquipélago surgiu quando se tomou consciência de que, num conflito não-nuclear, a importância estratégica dos Açores era vital para os EUA e, consequentemente, para a Europa.

De então para cá, muito o mundo se alterou. Depois do 25 de Abril adveio a União Europeia e a opção açoriana surgiu clara, apesar de momentos difíceis. Tudo acabou sendo colocado no seu devido lugar porque se afirmaram as raízes da personalidade cultural colectiva açoriana, forjada ao longo de 500 anos de isolamento e sujeição à fúria dos elementos, constantemente inconstantes, quando o Governo de Lisboa era longínquo, e só Deus poderia socorrer e segurar esta terra que vomitava lume e volta e meia tremia. Ultrapassou-se esquecimentos e abandonos e reforçou-se a conexão do continente português com as ilhas, agora com novo estatuto, o autonómico.

No fundo, porém, os Açores têm sido uma pirâmide cuja parte superior da camada sócio-económica se inclinou para Lisboa (era no Continente que se formava a elite local), enquanto a base, aliás de longe muitíssimo maior em termos absolutos, era para a América que se voltava, mesmo no que concerne a população que nunca chegou a sair do arquipélago. Tanto pesou o universo norte-americano no imaginário açórico que um dia, ao perguntarem a um homem do Pico se já tinha ido à América, ele respondeu: *Pessoalmente nunca fui*.

(Esta estória não é inventada. Partilho-a aqui por ser uma realidade significativa na história destas ilhas.)

Interpelados por essas duas grandes forças magnéticas, a das raízes culturais no sentido da Europa e a da gratidão das classes menos privilegiadas pela satisfação das suas necessidades básicas puxando para a América (a partir dos anos cinquenta temos de passar a falar de América do Norte de modo a incluir o Canadá), os Açores forjaram uma personalidade colectiva, que nos habituámos a referir como “identidade”, com tanto de profundo como fundo é o mar que rodeia estas ilhas. Nada abala essa solidez, por mais que se queira tentar. E desafios não têm faltado. Momentos houve mesmo em que, tendo a metrópole vacilado, estas minúsculas ilhas fincaram pé nas profundezas da placa oceânica e dispuseram-se a intervir no todo nacional. São realidades difíceis de se compreender, mas impossíveis de se não constatar. E nunca faltaram sequer os contributos ao mais alto nível, sempre que a pátria precisou de um safanão. Antero de Quental é certamente o exemplo mais significativo, porém está longe de ser um caso isolado.

Foi, aliás, Antero quem mais luminosamente alertou o país para a sua filiação europeia. Portugal pode bem estar no extremo do continente europeu, pronto a lançar-se ao Atlântico, como precisamente fez no passado, todavia não deixa de estar colado a essa *terra firma*. Afortunadamente, os ventos da história (e, para nós, sobretudo o 25 de Abril) permitiram o regresso à matriz europeia. Por isso hoje Portugal é – e oxalá assim permaneça por séculos – um bastião do espírito europeu. Felizmente, a Europa conseguiu ultrapassar diferenças milenares, esquecer guerras passadas, e congregar nações de falas diversas em torno de um conjunto de ideais, ao forjar uma União, quase à semelhança da união dos estados americanos, como se o modelo americano tivesse nesse aspecto representado o pagamento de uma dívida de gratidão à Europa. E isso porque, contrariamente ao que muitos europeus estão dispostos a admitir, os Estados Unidos são uma ideia europeia decidida a fazer-se realidade. A modernidade euro-americana foi erguida em torno de um conjunto de valores, noutros tempos referidos como Luzes, ou outros nomes quejandos, consoante as diversas línguas que compõem a complexa manta do tecido europeu. Esses, que têm de prevalecer e será tragicamente prejudicial à Europa, ao Ocidente (que inclui as Américas), e ao mundo em geral, se nos afastarmos deles, ou deixarmos de os ter como ideais norteadores das nossas decisões colectivas. Tais valores são a liberdade, a justiça, o progresso, a verdade (que, na sua vertente natural, significa ciência) e a tolerância. Podem ser frágeis, voláteis, imprecisos, podem não constituir regras sólidas, porque por natureza não são fixos, dependem das circunstâncias, dos desejos, interesses e disposições de cada colectividade, da sua vontade de agir e intervir, de uma miríade de factores, mas são ideais inultrapassáveis e indescartáveis. Como a mítica décima ilha de Fernão Dulmo, podem não ser nunca atingíveis; têm, porém, de ser um alvo, um ponto de mira para onde devem convergir todos os nossos objectivos e esforços. A Europa não pode vacilar. A Europa não pode abdicar do seu papel. Agora, cada vez mais depurada das mazelas que historicamente criou, ou ajudou a criar, e a que nós portugueses não fomos alheios, porque nada humano nos foi alheio (muito embora nos anos da minha formação e na de tantos que me escutam se tivesse procurado convencer-me do contrário), a única saída é olharmos para o futuro, se queremos tê-lo. Reconheço, ainda assim, que uma coisa é o que na prática é possível conseguir-se, e outra o que almejamos atingir. Por isso, prefiro ater-me aqui ao domínio dos possíveis e não ao do já realizado. Fixarmo-nos numa identidade do passado que nos cola ao que fomos é um erro insustentável; há, portanto, que agarrar-nos a outro conceito de identidade, aquele que nos permite unir-nos em torno de um futuro a construir e a deixar como herança aos nossos filhos.

Hoje, infelizmente, as imagens de marca das cinzentas nuvens açorianas pairam densas sobre o Ocidente, e os ditos valores parecem gerar suspeitas e mesmo descrenças. Valham-nos os países com instituições fortes capazes de continuarem a defendê-los. No nosso caso português, a sua força não vem das instituições criadas na modernidade. Mas, felizmente, temos outras ancestrais. Há que

mantê-las sólidas, se bem que abertas ao novo, aos tempos que passarão por cima de nós, e nos cilindrarão se não estivermos atentos e abertos a eles e ao que nos trazem.

É altura de regressarmos a estas terras, as dos Açores e da sua décima ilha, este ano palco da comemoração do Dia de Portugal. Eu, para explicar a americanos o porquê da comoção sentida pela comunidade luso-americana nestas festividades, tenho-lhes dito ser esta data equivalente ao 4th of July, acrescentando que, desta vez é como se o Presidente dos EUA tivesse decidido celebrá-la no Hawaii.

Tenho plena consciência de estar a falar de fora. Ouço com frequência esta crítica, tanto de açorianos como de continentais. Paradigmática, e hoje muito corrente nos Açores, é a afirmação do meu saudoso amigo e escritor Daniel de Sá de que emigrar é a pior maneira de se ficar nos Açores. Respondi-lhe que, se calhar, era a melhor. Na verdade, são dois modos de estar nestas ilhas e ambos proporcionam visões diferentes, porque de ângulos díspares. Mas não posso deixar de falar do meu, que é de fora. Por mais que de dentro me sinta. E eu sinto-me.

Por isso, tendo eu ouvido em 1970 um luso-americano, numa rua de Fall River, recomendar-me que falasse baixinho para ninguém à nossa volta perceber que éramos portugueses, terei necessariamente de fazer notar a longa caminhada que entretanto fizemos. Se bem que sem perder nunca o gosto de se sentir portuguesa, a nossa comunidade, então humilde e envergonhada, cheia do cuidado de não ser percebida como tal, passou a assumir-se como integrada de modo descomplexado no tecido americano. Foi longo, mas sólido, o seu percurso em direcção ao tempo desafiado em que hoje vive, desinibida, a ponto de se sentir em casa num espaço intermédio entre a América e os Açores. Em tempos chamei L(USA)lândia a esse espaço - uma ilha portuguesa rodeada de América por todos os lados. Hoje não é mais assim. As fronteiras diluíram-se e ela sente-se tão confortável na América como na sua relação com os Açores e Portugal. Nem os jovens luso-americanos hoje seriam capazes de me entender se eu lhes contasse que, também na década de 70, um bem sucedido luso-americano de nome americanizado me garantiu que com o meu sobrenome terminado em vogal (como a maioria dos nomes dos europeus do sul), eu nunca iria a lado nenhum. Hoje gostaria que ele fosse vivo para lhe perguntar se sabia soletrar Obama. Está aí o Nobel Craig Mello a contradizer a sua ultrapassada teoria. Aliás, longe de ser caso único, muito embora sobrenomes como os de Ernest Moniz, ministro no Gabinete de Obama, e John Dos Passos, esse de origem madeirense, terminem em consoante. (No folclore americano, o apelido do músico John Phillip Sousa era explicado como sendo de alguém cuja origem étnica era desconhecida e que, por ter escrito marchas muito patrióticas deram-lhe um sobrenome que é uma abreviatura de *Son Of USA*).

Não posso deixar de me regozijar com a dita caminhada que temos percorrido. Nunca na minha vida tinha imaginado que Portugal (sobretudo Lisboa, Porto e Açores) seria um dia tão frequente e encomiasticamente referidos nos media anglo-americanos. De repente, o Portugal tradicionalmente olhado de soslaio pela vanguarda da modernidade que nos precedeu (depois – não esqueçamos - de termos nós aberto espaço para ela em Quatrocentos e Quinhentos) é agora redescoberto como um oásis, como se a tal ilha da Felicidade se tivesse tornado real e encaixasse no litoral europeu mais ocidental. Os portugueses, que sempre gostaram de se lamentar e parecem por vezes não conseguir saborear o que têm, poderão ver na actual invasão mais uma razão de queixa.

* * *

Para respirarmos um pouco, interrompo para uma estória a propósito:

Um cientista social fazia um inquérito junto de portugueses que viveram nos anos antes do 25 de Abril e interpelou um entrevistado: *Como era a sua vida naquele tempo?* O homem respondeu: *Não me*

podia queixar. Então entrevistador pergunta: *E agora, depois do 25 de Abril, como se sente?* Resposta pronta: *Bom, agora eu posso queixar-me.*

Não estou longe de terminar. Tenho a noção clara de estar a demorar-me um pouco, todavia obtive a tolerância do Senhor Presidente da República. Na tradição do que tem sido feito neste dia, cabia-me falar também logo em Boston. No entanto disse ao Senhor Presidente que nos EUA a comunidade portuguesa não me quer ouvir a mim, mas a ele. Então optei por consolidar aqui as duas intervenções previstas pelo Senhor Presidente. Serei, porém, mais breve do que se falasse nas duas ocasiões.)

* * *

Lá de fora, nós sentimos como um afago todo este inusitado interesse por Portugal e pelos Açores em particular. E bem gostaríamos que ele fosse mais do que apenas uma descoberta de Portugal como paraíso de férias e aposentação. Queremos o reconhecimento de um Portugal que abriu rotas para as mais diversas partes do planeta, e agora bem poderá reassumir esse seu papel de rampa de saída de pontes sobre o Atlântico. Transformado em país moderno e aberto, por enquanto alheio aos grandes conflitos que assolam outras partes do globo, o nosso jardim à beira-mar plantado talvez possa constituir esse espaço privilegiado. Talvez se revele uma ágora grega de encontro de culturas, um pólo dinamizador a fortalecer a ligação entre a Europa e a América, utilizando os Açores como trampolim - papel desempenhado pelo arquipélago ao longo de meio milénio. Se o debate sobre os mares actualmente em curso reverter a nosso favor, bem poderemos ver a superfície dos Açores alargada de modo exponencial, e estas ilhas, sempre lugar de pouca terra e muito mar, passarem a ser uma espécie de mapa, um mapa azul, sem os problemas do antigamente chamado mapa cor-de-rosa, antes, ao contrário, de horizontes largos e promissores. Então o oceano envolvente passará a verdadeiro Rio Atlântico.

Não tenho ilusões sobre o português como língua franca, porque esse seu tempo passou, mas vejo ainda assim um lugar para ela. Bom seria que em português nos entendêssemos com os outros países lusófonos, sobretudo os atlânticos, e conseguíssemos ultrapassar preconceitos acumulados ao longo dos séculos, muitas vezes por culpa nossa, pois tanto fomos descobridores como colonizadores e subjugadores. Os tempos são outros e está no próprio interesse de todos nós reunirmo-nos, porque poderemos constituir uma força e uma voz. Não será necessário embarcarmos na preconizada jangada de pedra de Saramago. Podemos continuar fixados nesta geografia onde hoje estamos, e servir novamente de elo de ligação, permitindo a cada país lusófono que segure os seus próprios interesses e descubra a importância da unidade, de modo a não acabarmos todos dominados pelos gigantes mundiais de hoje, sobretudo o anglófono. E aqui de novo a presença açoriana nos EUA pode entrar como um pilar nessa rede de pontes.

Um dia, no início de um ano lectivo, entrou no meu gabinete na Brown um jovem com cara de indiano. Falando português com sotaque brasileiro, interpelou-me em tom interrogativo mas algo frustrado: *Nasci em Goa. Em 1961, com a invasão da União Indiana, a minha família emigrou para Moçambique. Criança que era, não entendi nada. Em 1975, com a independência de Moçambique, deu-se nova fuga, mas para o Brasil. Eram já três continentes e eu estranhamente sempre num universo português. Achei que bastava, que deveria fugir, e quis fazer uma pós-graduação numa universidade americana. Cheguei ontem a Providence; esta manhã, ao abrir a janela do meu quarto, ouvi falar português na rua. Pensando que estava a sonhar, debrucei-me e deparei com um grupo de homens fumando e de facto falando português. Perguntei como era possível eu viver em quatro continentes e não me libertar do espaço português. Um deles, quando soube que eu vinha estudar para a Brown, recomendou que eu viesse ter com você e pedisse para explicar pra mim como é que isso é possível.*

Tal como esse jovem goês-moçambicano e brasileiro, é inevitável a rede em que todos crescemos. Não é a língua que nos molda, como muitas vezes se repete, mas é ela que delimita as malhas das redes em que nos movemos. Esse é outro dado incontornável que os países lusófonos deveriam considerar seriamente. Nada disto tem a ver com neocolonialismo; quando muito, terá a ver com o desejo, ou a necessidade, de se evitar o colonialismo do mundo anglófono sobre nós. Esta é mais uma visão de fora, eu sei, mas impossível não notá-la e lembrá-la aos de dentro.

Não quero minimizar a importância da língua. É ela que nos leva mais fundo nas idas e voltas permitidas por este molho de afectos que nos proporciona a cultura, a grande força que nos une – e refiro-me à cultura no sentido latino, a do todo resultante da intervenção dos seres humanos na natureza. É a nossa e, por ser nossa, é mais doce do que as outras, como eu percebi uma vez quando de mim se veio despedir um emigrante de S. Jorge que, após uma temporada de trabalho duro na América, regressava à sua paradisíaca ilha. Dizia-me ele: *Antes de vir para a América, vivi sete anos em França, mas nunca consegui aprender nada de francês. Dez anos na América ainda foi pior porque o meu ouvido era avesso ao inglês. Não sei porquê, mas o português caiu-me bem.*

Se não me tivesse alongado já demasiado, terminaria lendo o escrito, meio em português meio em inglês, de uma aluna da escola portuguesa de East Providence, Rhode Island, onde tem como professora uma luso-americana que um dia nos apareceu na Brown dizendo que sempre quisera estudar português para poder conversar com a avó. Hoje fala e escreve fluentemente a nossa língua, além de a leccionar. Do precioso escrito dessa sua aluna, a Camilla Watts, citarei apenas a frase *My avós house is my beautiful haven. A casa dos meus avós é o meu lindo aconchego.* Essa casa é, afinal, uma das milhares bases portuguesas espalhadas pela América, da Costa Leste (New Jersey incluída) até à Califórnia e hoje até a Flórida. E, cada vez, mais muitos destes jovens querem reatar a sua ligação com Portugal. O caso mais recente na minha experiência pessoal foi o de um sobrinho meu, nado nos EUA, que, precisamente quando eu escrevia este texto, felicíssimo, me comunicou ter obtido a cidadania portuguesa para si e para a filha.

Tudo o que disse acaba afinal apenas validando a magnífica intuição do nosso muito estimado Presidente da República, aqui simbolicamente representando uma cultura secular de dentro e fora-de-muros europeus, ao decidir celebrar este Dia de Portugal num espaço alargado, o mapa azul português voltado para a sua vocação natural: o mar - o Atlântico e o seu além. Deste lado ilhéu e do lado de lá do rio Atlântico, milhares de portugueses rejubilam, como o Senhor Presidente testemunhará logo e amanhã com os seus próprios olhos. Tivesse tempo bastante e ainda testemunharia mais, porque só vai chegar à América de baixo. Há ainda a “de cima”, como se diz na Califórnia. E o Hawaí. É que agora não se trata de *se mais mundos houvera lá chegara*, do verso de Camões, mas *se mais tempo houvera, mais portugueses encontraria*. Daqui dos Açores, esse espaço para Ocidente vislumbra-se melhor. É vasto, aberto e cheio de promessas e esperanças. Saibamos nós torná-las realidade.

Uma conversa com Francisco Cota Fagundes

conduzida por Onésimo Teotónio Almeida

A sua trajetória académica é fora do comum. Não conheço nenhuma igual. Consegue resumi-la para os leitores como introdução à sua personalidade e à sua brilhante carreira académica?

A minha trajetória académica foi das mais irregulares que conheço para migrantes da Terceira, Açores, da minha geração. Não o digo por vanglória, mas porque as circunstâncias, com alguma ajuda e com muita sorte da minha parte, assim o permitiram e exigiram.

Saí da minha nativa Agualva, Terceira, Açores, em 1963 aos 18 anos de idade, para fugir à pobreza, a um destino igual ao dos camponeses da minha terra e aos infelizes mandados para as guerras coloniais decorrentes em África (Angola, depois Moçambique e Guiné, como é sabido). Levava comigo a velha quarta classe cumprida entre os sete e onze anos, numerosos sonhos inspirados, alguns deles, pelos filmes (péssimos, a maioria) que havia visto no cinema da Agualva e pelos romances americanos, franceses e italianos que tinha lido em tradução; e uns quantos portugueses, de Júlio Dinis; e pelas mil ilusões que, aos dezoito anos, suponho que todos os rapazes e raparigas albergam.

Mas também levava alguns conhecimentos de inglês que havia adquirido em aproximadamente dois anos de explicações com um emigrante de torna-viagem, o Sr. António Santos, residente no Juncal e posteriormente na Canada da Saúde, na Praia da Vitória. Por modestíssimo que fosse o meu *capital humano* ao partir da Terceira, estava aliado a uma vontade enorme de sobreviver. Devo aos meus Padrinhos Manuel e Mariazinha Rocha, que me criaram desde a idade de onze meses, a preparação escolar e cultural um pouco superior à dos meus irmãos, cujo destino estaria, até muitas décadas depois de chegados à América, ligado às vacarias do Vale de São Joaquim.

E aterrei nos Açores do Pacífico, na vilória Tulare, no infernal Vale de São Joaquim, para ser ordenhador de vacas. À época, as vacarias do Vale Central da Califórnia, ainda não sindicalizadas como as vacarias no sul da Califórnia (Artesia, Chino, onde os meus irmãos trabalhariam mais tarde), absorviam quase todos os jovens terceirenses, e muitos jorgenses, que aportavam à Califórnia. Eu não escapei à regra. Encaminhados como íamos a um segundo primo nosso, Fortunato Dinis, que já havia anos residia no Vale e era ordenhador, a nossa iniciação e percurso trabalhista estavam traçados. Acresce que a ordenha de vacas era então o trabalho mais lucrativo para rapazes sem instrução secundária ou outras habilitações comercializáveis. A ordenha de vacas implicava, no caso do emprego que conseguiu o meu irmão, 12 horas por dia, divididas em dois turnos, com dois dias de folga por mês. No meu caso, a compensação era menos vantajosa: eu trabalharia, numa vacaria que ficava a 12 quilómetros daquela em que trabalhava o meu irmão, as mesmas 12 horas por dia divididas em dois turnos, mas não teria dias de folga, a menos que adoecesse. Os dias tirados por doença seriam descontados do meu salário de 300 dólares mensais.

Vivíamos, Manuel e eu, numa casa de campo, localizada numa propriedade do patrão dele, suficientemente espaçosa para acomodar uma família de 8 ou 10 filhos, e que distava uns 5 quilómetros da casa de ordenha, propriamente dita, onde trabalhava o meu irmão. De início, o nosso primo

Fortunato vinha, antes de iniciar o seu próprio turno numa vacaria localizada a 10 quilómetros da nossa casa, para ir levar Manuel ao seu emprego e depois levar-me a mim – regressando depois a casa dele para dar início ao seu primeiro turno do dia. Estas responsabilidades e o tempo que levavam a cumprir todos os dias, duas vezes por dia, eram inviáveis para ele, até mesmo dum ponto de vista da sua saúde. Tivemos, por isso, que comprar um carro – e eu, que nunca havia guiado um carro antes, no mesmo dia em que o comprámos comecei a ser o condutor para o Manuel e para mim. E era eu que fazia as compras, cozinhava, lavava a roupa – pois era eu, “instruído e culto”, o que merecia as honras de dona de casa, como o meu irmão jocosamente gostava de me lembrar.

As horas excessivas de trabalho, acrescidas pelo serviço doméstico, a inexperience com o trabalho relacionado com a ordenha, a estranheza das comidas que eram acessíveis ao pouco tempo de que eu dispunha para as preparar, a falta de tempo para dormir o suficiente, a falta de dias de descanso (no meu caso), o não ter para onde ir ou o que fazer nos seus dois dias consecutivos de folga (no caso do Manuel), tudo isso, acrescido pelo buraco negro em que todo o emigrante se sente sepultado nos primeiros tempos da emigração longe de tudo o que conhecia e emocionalmente o nutria, tudo isso se foi acumulando em mim e arrastando-me para uma exaustão e depressão que mal me permitiam cumprir com os meus deveres.

Quem sabe se foi como resultado desta situação periclitante que, após três meses de esforço para desempenhar todas as responsabilidades que ameaçavam esmagar-me, eu tive a infelicidade de ter um acidente de carro, pois não observei a placa de “Pare” num cruzamento onde raramente se via carros. O meu carro e o do outro condutor ficaram ambos destruídos. Eu, nessa altura, só tinha uma carta temporária que me permitia conduzir com alguém que tivesse carta. E tão-pouco tinha seguro, pois naquela altura o seguro de carro era ainda opcional. O prejuízo que incorri pelo acidente que causei foi de 800 dólares. À beira dum colapso físico e emocional até mesmo antes do acidente, este foi o suficiente para anular todas as minhas boas intenções de continuar o meu trabalho, ajudar o meu irmão e, no meu caso, pagar a passagem ao vizinho dos meus Padrinhos que lhe havia emprestado o dinheiro para eu poder emigrar, acrescido agora pelo prejuízo de 800 dólares do acidente.

Restaurada a saúde, porém, depois de três meses passados em casa dum primo em Escalon, no norte do Vale – onde aprendi a ordenhar vacas, pois dantes havia sido apenas lavador, onde trabalhei, de borla, horas e horas para além da ordenha, onde consegui sobreviver à pouca comida que era servida e à violência que o bruto Antonico dispensava à esposa e às filhas – vi-me de novo nas vacarias de Tulare, embora, desta feita, com algumas melhoras, pois os meus Pais e a restante família haviam entretanto chegado a Tulare dos Açores. Senti, pela primeira vez na vida, o prazer de viver com os meus Pais e os meus irmãos – prazer esse que não estava destinado a durar. Nunca tendo vivido antes com a minha família biológica, não foi fácil o ajuste. Eu era pouco mais do que um estranho para os meus; e eles, pouco mais do que estranhos para mim. O trabalho nas vacarias – pois, entretanto, já havia mudado de emprego várias vezes, esperando sempre melhoras salariais e nas condições do trabalho – ia-me, aos poucos, alienando de tudo e todos. Que faria com a minha vida? Que futuro seria o meu a trabalhar em vacarias – que odiava e a que não me ajustava? As tentativas frustradas de conseguir um emprego que não na ordenha, haviam sido todas frustradas, por falta de “diploma de escola secundária”, alegavam os possíveis empregadores.

Foi uma vaca que me salvou num dia que marcava três anos depois da minha chegada ao Vale – dando-me um couce que pôs termo à minha capacidade física de cumprir as minhas obrigações de ordenhador. Possibilidades de emprego no Vale que não fosse na ordenha de vacas, agora que haviam decorrido três anos após a minha chegada e que o meu inglês havia melhorado muito? As chances continuavam a ser nenhuma, alegadamente sempre por falta de diploma de instrução secundária.

Uma fuga para Los Angeles, para longe de todos e tudo, das vacas e dos seus donos, descendentes, quase todos, de portugueses da Terceira e de São Jorge, e de Tulare e do infernal Vale de São Joaquim, foi a única solução que me ocorreu. (Abro um parêntese para justificar a maneira como qualifico o

Vale, um dos mais belos celeiros do País, como é sabido, mas para mim indissociável do sofrimento.) E acabei por conseguir emprego como lavador de pratos no restaurante Du Par, em Studio City. Não levou muito tempo, porém, para me aperceber que a lavar pratos e a fabricar malassadas (*donuts*) – a que me dediquei, sendo aprendiz de padeiro depois de concluído o meu turno como lavador de pratos – tão-pouco construiria o futuro que antes de emigrar sonhara ser possível na América. Entretanto, a namorada que deixara na Agualva, vendo a mocidade a escoar-se, aceitou a corte de outro rapaz que a levaria ao casamento, cortando assim uma das poucas amarras que emocionalmente ainda me atavam à minha terra de origem.

No Du Par conheci, apesar das minhas habilidades sociais enferrujadas por anos de bovina solidão, várias pessoas com quem travei amizade. Uma delas, Margaret, filha de um realizador de cinema e namorada do cozinheiro mexicano com quem eu partilhava um apartamento, abrir-me-ia os olhos para a possibilidade de estudo e, quem sabe, eventualmente duma carreira académica. A outra, Jeannette, oriunda da Suíça, ex-estrelinha de cinema, alteraria para sempre o curso da minha vida. Viveria com ela seis anos. Seguindo conselhos da Margaret, que frequentava o *college* comunitário Los Angeles Valley College, em Van Nuys, inscrevi-me, depois de fazer e gloriosamente chumbar o exame de admissão (os célebres SAT's), a começar no semestre de primavera de 1967. Segundo leis em vigor no País, porém, qualquer indivíduo de idade superior a 18 anos podia matricular-se num *junior college* ou escola comunitária pós-secundária – e foi assim, e por isso, que eu, que no meu país de origem haveria estado condenado à vegetativa morte-em-vida do semi-analfabetismo, tinha, apesar de ser migrante e apenas detentor de quatro anos de escola primária, direito a frequentar, durante três anos e meio, uma escola comunitária onde cumpri o equivalente da secundária e mais, muito mais, e depois me transferi para a Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde concluiria, seis anos depois, um doutoramento em Línguas e Literaturas Hispânicas (1976), com uma tese subordinada às Quatro Visões do Tempo na Poesia de Fernando Pessoa, depois de haver concluído dois bacharelatos (em Português e em Espanhol, *summa cum laude*) (1972) e um mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros (1974)¹.

Quando se apercebeu que dentro de si havia um professor? Que importância teve o ensino na sua vida?

Em criança, dentro de mim residiam um padre e, embora mais tarde, um professor. Sendo a minha Madrinha uma pequena beata, eu em miúdo frequentava muito a igreja. Lembro-me de umas das minhas atividades de criança ser a “celebração da missa”, a mesa da cozinha servindo de altar. À medida que fui crescendo, esbateu-se em mim a crença, tal como acontece às crianças que, à medida que crescem, vão perdendo o medo do Papão e a crença no Pai Natal. Por volta dos 13 anos, fui violado pelo pároco da freguesia – e daí para diante, embora exteriormente não tivesse outro remédio, por medo ao ostracismo, que ser “crente” e frequentar a igreja, interiormente encetei uma fuga para longe de tudo o que me cheirava a religião e a igreja. Os professores que vim a conhecer na Valley College, sobretudo o Mr. Roy Beaumont, apaixonado de Nietzsche e meu professor de Filosofia, reforçou e acelerou em mim essa fuga... até hoje. Tenho vivido, pois, numa condição de horror-fascínio e repugnância por tudo o que seja de caráter religioso. Tenho lido mais sobre religião, sobretudo história das religiões, disso não tenho a menor dúvida, do que a maioria dos padres; e o

¹ Com a Jeannette vivi os seis anos mais turbulentos da minha vida. Não tratarei aqui essa, e muitas outras, componentes do meu percurso migrante. Quem tiver interesse neles pode ler a minha autobiografia, *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (Providence: Gávea-Brown, 2000). Em português, esta obra em tradução do autor, foi editada em Ponta Delgada com o título *No Fio da Vida: uma odisseia açor-americana* (Ver Açor, 2013). A edição mais recente desta obra é a da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Coleção Comunidades (2021), que pode ser adquirida online, grátis, no seguinte endereço: https://impresanacional.pt/?w3n_livros_pdf=no-fio-da-vida-uma-odisseia-acor-americana

meu primeiro e segundo livro sobre Jorge de Sena focam, em parte ou sobretudo, na religião, como, aliás, praticamente tudo o que tenho escrito, quer isso se perceba ou não; e não deixa de me apavorar, ainda hoje, todo o mal que a religião organizada e a religiosidade individual, a nível económico, social e psicológico têm infligido, por toda a parte, à nossa pobre humanidade. Continuo, porém, a empatizar com e a sentir compaixão pelas pessoas humildes que se apoiam na fé herdada para lidar com as dificuldades da vida e o natural medo da morte.

No último ano que fui aluno do Sr. Santos – para minha desgraça, outro pedófilo de quem eventualmente tive de fugir também – já dava eu explicações de inglês a cerca de 10 alunos, incluindo o meu irmão José, e uns quantos adultos que trabalhavam na Base Aérea das Lajes. Ao meu lado, na aula, a “loja” (rés-do-chão) dos meus Padrinhos que havia servido de sala de aula enquanto a escola primária da freguesia estava a ser construída, sentava-se um amigo meu, Richard Cayton, do Ohio, que estava de serviço na Base Aérea das Lajes e que, naturalmente, integrava um dos serviços militares, não me lembro eu qual fosse. Richard, que vinha a Agualva porque havíamos travado amizade e porque adorava os caldos de couve da minha Madrinha – a troco de guloseimas americanas que lhe trazia e de que eu partilhava – tinha como responsabilidade corrigir a nossa pronúncia quando fosse necessário. E foi assim, suponho eu, que nasceu em mim o professor em que mais tarde me tornei, enterrando para sempre o padrecia da infância.

Já na Los Angeles Valley College, o poder que exerciam sobre mim as lições e a visão humanista do Mr. Beaumont fizeram o resto. Desde essas aulas de Filosofia e das aulas de Inglês, Alemão, Espanhol, de Música, de História da Arte, de História Americana e de Literatura; e das aulas de Química, Biologia, Astronomia... e de várias mais disciplinas de que se compunha o grau de Associado em Artes, e outras matérias que fui tomando apenas por interesse, resultou o primeiro diploma que recebi (em 1970, *magna cum laude*). Não me imaginava, doravante, a fazer qualquer outra coisa na vida que não fosse ser professor. Os professores Eduardo Mayone Dias e Alberto Machado da Rosa, que vim a conhecer e foram meus professores e orientadores na Universidade da Califórnia, Los Angeles, reforçaram, com o seu exemplo de docentes e a sua humanidade, esse desejo em mim – que, anos depois, me proporcionaria mais de quatro décadas magníficas de professor de Língua e Literatura Portuguesa, Brasileira, Espanhola e Lusófono-Africana na Universidade de Massachusetts-Amherst. O pouco ou muito que tenho podido realizar como investigador é secundário em relação à grande honra e prazer de ser professor durante mais de quarenta anos e de ter merecido, para além do respeito dos meus alunos e dos colegas que eu próprio respeitava (que estavam longe de ser todos os que, infelizmente, tive por colegas), o Prémio de Ensino da Faculdade de Humanidades e Belas Artes, em 2014.

O meu trabalho de pós-graduação foi completado com uma rapidez invulgar devido à companhia da minha namorada, e depois minha mulher, Maria Deolinda Silveira, que – iniciava eu então o meu programa de Mestrado – à vida me trouxe a normalidade familiar que havia anos não desfrutava. A ela e ao amor que lhe tenho merecido, e ela me tem merecido a mim, devo o conforto e a paz familiar que me tem permitido ser, profissionalmente, quem tenho sido e sou.

Quatro autores mereceram atenção especial nas suas aulas e na sua escrita: Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio e Miguel Torga. Importa-se de falar sobre eles?

Tanto no ensino como na investigação – dada a liberdade de que se desfruta nas faculdades americanas, sobretudo no Oeste, Norte e Nordeste do país (não tanto no Sul) sempre segui o meu gosto, a minha consciência e o meu coração. Como estudante de literatura, Fernando Pessoa fascinou-me – com o aspeto lúdico da sua obra, o de um poeta que era muitos, com a profundidade e modernidade da sua obra (Álvaro de Campos), com a simplicidade enganadora dessa obra (Alberto Caeiro), com a sua capacidade de ser um poeta de outro século (Ricardo Reis) e a mais doce e suave

lítica pós-simbolista composta em Portugal (Pessoa “ortónimo”). Nunca me importei muito com a *Mensagem*, apesar de a ter lido religiosamente. E havia chegado o momento de me afastar de tudo o que, na literatura portuguesa, me cheirava a bafio de igreja e a halo de beatas, que era muitíssimo. Como não me fascinaria um Fernando Pessoa? E escrevi a minha tese sobre a lírica pessoana – e editei-a, quase toda, a retalho, artigo aqui, conferência acolá. E depois comecei a saturar-me de Pessoa, pois, bem pensadas e sentidas as coisas, Pessoa não vivia, nunca havia vivido, onde vivia eu e a minha gente. Depois do fascínio intelectual, ficara-me um sabor a artificialidade. E eu precisava mais. E Pessoa tornara-se uma indústria, em que sumidades se desunhavam pelo prazer de esquartejá-lo – o Pessoa freudiano; o Pessoa que era diverso-mas-um-só; o Pessoa drama-ontológico; o Pessoa intertextual e dialogante; o Pessoa que, ao dividir-se em tantos, se tornara, ele-mesmo, uma das suas próprias invenções. E mais, muitos mais pedaços de Pessoa na indústria que se expandia e internacionalizava. E fui-me fartando de Pessoa. E fui descobrindo Jorge de Sena.

Fui aluno de Jorge de Sena, um dos principais “esquartizadores” de Pessoa, quando ele lecionou na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, depois da morte prematura, em 1975, do meu professor catedrático, Alberto Machado da Rosa. Impressionou-me a erudição de Jorge de Sena, a sua paixão pelo ensino. Mas teria aproveitado muito mais dessas aulas, e das muitas conversas que tivemos – pois ele, sem carro, apoiava-se em mim para lhe dar boleia e como companheiro de jantar na cantina da faculdade. Que proveito, ainda hoje me pergunto, teria eu derivado dessas conversas com Jorge de Sena – se tivesse tido, na altura, algum conhecimento da sua obra? Seguindo os velhos hábitos portugueses de não lecionar a obra de escritores vivos, Jorge de Sena, todavia bem vivo, ainda não tinha nascido para a literatura portuguesa tal como era lecionada na UCLA. Só depois da sua morte também prematura, em 1978, eu, já na Universidade de Massachusetts-Amherst, comecei assiduamente, apaixonadamente a ler a obra de Jorge de Sena. E cinquenta e tal anos depois ainda a leio e releio; e ainda escrevo sobre a obra de Jorge de Sena, tendo, além disso, orientado três teses de doutoramento sobre essa obra, todas essas teses tendo já sido editadas: a primeira, de José Francisco Costa, dedicada à epistolografia e poesia senianas; uma, de António Igrejas, subordinada aos *Grão-Capitães: uma sequência de contos*; a outra, da autoria de Susana L. M. Antunes, subordinada às Itinerâncias Poéticas nas obras de Jorge de Sena e Cecília Meireles. Acima de tudo, porém, em Jorge de Sena descobri o companheiro intelectual de viagem pela vida fora. Foi ele quem me abriu, com a sua obra e com o meu esforço de tentar compreendê-la, mais portas e janelas à minha visão do mundo e da própria literatura e da inter-relação das artes – e interesse por todas as artes. Foi, depois de morto, o meu grande professor e mentor na vida. Dei continuidade a essas conversas e mentoria com Jorge de Sena iniciadas na UCLA com uma correspondência com a sua viúva, Dona Mécia de Sena, correspondência essa em que durou mais de trinta anos e em que trocámos centenas de cartas e que durou até à morte da D. Mécia, a 28 de março de 2021. Estou, neste momento, a preparar uma seleção das cartas dentre esse espólio imenso para edição.

Depois de Fernando Pessoa e Jorge de Sena, foi Vitorino Nemésio o escritor português que mais me fascinou e de quem mais me tenho ocupado. Devo esse fascínio aos meus amigos e colegas Onésimo Teotónio Almeida e George Monteiro. Aquele, em meados dos anos 90, convidou-me a fazer uma tradução para o inglês de *Mau Tempo no Canal*. Aceitei o convite com uma condição: eu faria a primeira tradução e George Monteiro poli-la-ia com o seu inglês de nativo. Terminada a minha primeira tradução, enviei-a ao George... que me disse que a tradução estava bem e que ele não precisaria ocupar-se dela. Terá sido essa, desde o início, a sua intenção, a de fazer-me aceitar a extraordinária incumbência com a pretensa intenção de nela participar? Terá sido, portanto, tão-só o desejo de me incutir confiança? De qualquer maneira, acabei por fazer, eu só, a tradução. E hoje estou agradecido aos meus amigos uma das mais academicamente e emocionalmente compensatórias experiências da minha carreira.

Tendo já feito, com o poeta americano James Houlihan, traduções da poesia de Jorge de Sena (*Metamorfoses* e *Arte de Música*), *Mau Tempo no Canal* foi a primeira grande obra da literatura portuguesa, para além de *O Barão* de Branquinho da Fonseca, que traduzi por mim mesmo. Não poderia exagerar a dificuldade em fazê-lo; e tão pouco poderia, ou queria, minimizar o proveito que daí derivei. Não só ganhei a confiança para fazer outras traduções, incluindo do inglês para o português, mas fiquei (ou convenci-me de que “fiquei”) a conhecer o romance nemesiano quase tão bem como o próprio Nemésio, passe o disparate. A tradução, a que dei o título *Stormy Isles: An Azorean Tale*, inicialmente editada pela Gávea-Brown, foi há três anos reeditada nas chancelas de Tagus Press e Gávea-Brown e simultaneamente das Letras Lavadas, de Ponta Delgada. E depois de feita a tradução, venho escrevendo ensaios sobre *Mau Tempo no Canal*, culminando no volume *Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio: Tradução, Simbolismo, Escrita, Oralidade, Diáspora*, com prefácio de António Machado Pires (Ponta Delgada: Ver Açor, 2014); alguns artigos dispersos; e, de há uns anos para cá, investigação quase completa para um livro subordinado ao Ludismo em *Mau Tempo no Canal*, que não sei se chegarei a concluir, pois que já há muito que virei a curva da estrada na reta para os 80 e sei lá se para mais além.

Que mais trouxe à minha vida a tradução deste romance do meu conterrâneo Vitorino Nemésio para além de constituir uma pequena mina académica? Alienado como eu há décadas andava da minha *patria chica*, a tradução do romance forçou-me a percorrer os cantos e recantos que não me eram totalmente desconhecidos, embora o romance tivesse sido editado em 1944, ano em que nasci. Eu não terido podido, ainda que quisesse, deixar de percorrer vicariamente experiências minhas conhecidas, outras desconhecidas mas fáceis de imaginar, outras ainda que me eram totalmente desconhecidas – mas todas elas parte integrante da minha terra, das minhas ilhas quase totalmente soterradas em mim por décadas de América, mas agora trazidas à tona pelo grande romance e pelo meu desejo, agora também quase tão grande de compreendê-lo para o recriar numa língua que não era minha, mas que já era quase tão minha como a minha língua natal comprometida, como não poderia deixar de estar, sob camadas geológicas de experiências americanas e uso quotidiano do inglês desde que partira de Tulare para Los Angeles, na primavera de 1966. Vitorino Nemésio, a quem tive a honra e prazer de conhecer em Lisboa, em 1975, não suspeitando ainda, nem eu nem ele, que viria a traduzir o seu bem-amado romance, tem sido, ao longo dos anos, o meu cicerone da minha quase esquecida terra, regressada a mim, reconciliada comigo e eu com ela, mediante o poder da criação e da tradução e crítica literária. Que diria ele, que tinha um primo da Agualva, que chegou a assistir a touradas na Agualva, como me disse em Lisboa, que um rapazinho da Agualva, filho de analfabetos e saído da Ilha como jovem adulto pouco mais que analfabeto, um dia traduziria a sua obra máxima de ficção e escreveria sobre ela? Tudo coisas que a América nos dá, depois da nossa terra no-las negar, colocando-as tão-só ao alcance de uns quantos privilegiados, merecedores ou não. A convite de colegas da Universidade de Massachusetts-Dartmouth, também organizei um volume de ensaios e traduções nemesianas: *Vitorino Nemésio and the Azores* (Guest-edited special issue of *Portuguese Literary & Cultural Studies* 11 [Fall 2003], with an Introduction by the guest editor. Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, 2007).

Fui eu a primeira pessoa a organizar um colóquio internacional sobre Miguel Torga, na Universidade de Massachusetts-Amherst, com o generoso apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e da TAP Air Portugal, realizado em outubro de 1992. As suas atas foram editadas sob o título de “*Sou um Homem de Granito*”: Miguel Torga e *Seu Compromisso* (Lisboa: Edições Salamandra, 1997). Miguel Torga reconduziu-me, de certo modo, à minha infância povoada de contadores orais, num dos quais eu próprio me tornei, como consta da minha autobiografia *No Fio da Vida*.

Colaborei nessas atas com um longo estudo sobre os contos de Miguel Torga, sendo a contística torguiana e o vasto Diário, os dois aspetos da sua obra que sempre mais me fascinaram. A ideia para

um colóquio sobre Torga, porém, não foi minha: partiu de um grupo de alunas de pós-graduação que, empolgadas pelos *Novos Contos da Montanha*, me propuseram a ideia do colóquio. Duas dessas alunas, Emma Rivera Rábago e Alinaluz Santiago-Torres, veriam os seus trabalhos escritos para a aula e apresentados no colóquio editados nas Atas². Eu colaborei nas mesmas com um longo estudo, “Os Novos Contos da Montanha, de Miguel Torga, Como Ciclo de Contos Regionais”, trabalho esse cuja prolongada investigação sobre o ciclo e sequência de contos que a orientou me abriria portas para o posterior estudo da obra contística de Jorge de Sena, Onésimo Teotónio Almeida, da obra novelística de Charles Reis Felix e, mais recentemente, e em parte, para dois livros recém-concluídos dedicados, respetivamente, à história e antologização da literatura da diáspora portuguesa nos países anglófonos do Novo Mundo, um deles todavia inédito, o outro recém-publicado.

Um outro tema de sua predileção foi a literatura da diáspora luso-norte-americana. Ninguém a conhece tanto pois leu absolutamente tudo o que nesse domínio foi publicado neste lado do Atlântico Norte. Quer entrar nesse poço sem fundo?

A essa questão e num breve espaço de tempo, não poderia fazer a justiça que ela merece. Como acabo de terminar dois livros nessa área, um deles prestes a ser publicado, passo a fazer um brevíssimo resumo de cada um deles.

Escrever para (Sobre)Viver: história e fontes primárias da literatura lusa nos países anglófonos do Novo Mundo.
Ponta Delgada: Predicado Inclinado, 2024.

Este livro é a primeira história, ou a história mais ambiciosa, da literatura da diáspora portuguesa nos países anglófonos do Novo Mundo: Estados Unidos, Canadá e Trinidad & Tobago. O seu objetivo principal é identificar os escritores e obras primárias desta tradição literária que remonta a finais do século XIX, mas que só atinge um nível notável, quantitativa e qualitativamente, a partir da década de 1990. Nos Estados Unidos e Canadá, a literatura da diáspora lusa começa por ser uma literatura migrante escrita principalmente em português, embora vários escritores migrantes tenham escrito parte da sua obra em inglês. A literatura da diáspora em língua portuguesa todavia possui bastante vigor, com escritores como Onésimo Teotónio Almeida, José Francisco Costa, nos Estados Unidos, e Eduardo Bettencourt Pinto, Irene Marques e Paulo da Costa, entre outros, no Canadá. Com a diminuição ou cessação do fluxo migratório de Portugal, tanto para os Estados Unidos como para o Canadá, desde meados da década de 1970, porém, a língua predominante da literatura da diáspora lusa é a inglesa. Os seus cultivadores são luso-americanos e luso-canadianos cujas preocupações temáticas continuam a revelar, na maioria dos casos, um forte apego às raízes lusas. Uns quantos escritores migrantes – Alfred Lewis, Irene Marques e Paulo da Costa, Francisco Cota Fagundes – escrevem em ambas as línguas.

A tradição literária dos Estados Unidos e Caraíbas, sobretudo Trinidad e Tobago, também inclui alguns nomes célebres cujas origens remontam, totalmente ou em parte, a Portugal. É este o caso da poeta sefardita Emma Lazarus (1849-1887), cujas origens remontam em parte a Portugal e cuja obra contém uma forte ligação à diáspora dos judeus; do compositor de marchas John Philip Sousa (1854-1942), orgulhoso da sua família portuguesa, embora o seu pai tenha nascido em Sevilha; do romancista John Dos Passos (1896-1970), em cuja obra existem numerosos vestígios da sua origem lusa, embora a sua atitude em relação a Portugal seja bastante complexa e com um misto de atitudes

² Vejam-se, respetivamente, “Celestina de ‘Névoa’: Personaje Enigmático” e “Metamorfoses de un Leproso o el Suplicio del Castigo”. *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e Seu Compromisso* (Lisboa: Edições Salamandra, 1999): 237-244; 245-263.

negativas e positivas. Quatro importantes escritores trinitadianos – Alfred Mendes (1897-1991), Albert Gomes (1911-1978), Olga Cabral (1909-1997) e Elizabeth Nunez – são descendentes de madeirenses, facto esse que é de suma importância nas suas respectivas obras.

Para explicar a interação de fatores em Portugal e no Novo Mundo que explicam o desenvolvimento desta literatura, dividimo-la em seis “gerações,” algumas simultâneas, outras contíguas: *a Geração Pré-Capelinhos*; *a Geração dos Capelinhos*; *a Geração Madeirense das Índias Ocidentais*; *a Geração do Cadinho Americano*; *a Geração Pós-Cadinho Americano ou Contemporânea*; e *a Geração Universitária Pós-25 de Abril*.

Entre os fatores decisivos para a emigração de portugueses, temos, para dar apenas alguns exemplos, a Guerra Civil em Portugal em 1832-1834; perseguições religiosas na Madeira, em meados do século XIX, juntamente com as calamidades associadas ao desastre da batata e dos vinhedos; para o País inteiro, temos os quase ininterruptos fatores *push* que ocasionaram a partida de 3,5 milhões de portugueses começando no século XVII até meados de 1974 – entre os principais, a pobreza endêmica, um futuro sempre adiado, o abandono das massas à iliteracia.

Entre alguns dos principais fatores *pull*, mencionem-se, a título de exemplo, a Lei da Abolição nas Índias Ocidentais, a qual criaria numerosos postos de trabalho, em parte ocupados por açorianos e madeirenses; a influência da indústria da baleia começando em meados do século XVIII e prosseguindo ao longo de todo o século XIX; a subsequente criação de postos de trabalho com a concentração de açorianos e o desenvolvimento das vacarias no Vale de San Joaquin, na Califórnia e na indústria de pescas em San Diego; a indústria do algodão e da lã nos Estados da Nova Inglaterra, seguindo-se-lhe o trabalho em fábricas e na pesca; o acordo entre Portugal e Canadá para a ida de portugueses para aquele país da América do Norte, começando em 1953.

O lento desenvolvimento da literatura da diáspora lusa, sobretudo nos Estados Unidos, é influenciado ainda, e sobretudo, pelo baixo nível de literacia dos migrantes portugueses ao longo de quase todo o grande período migratório, desde meados do século XIX até à década de 1960; as leis da emigração nos Estados Unidos que ao longo dum longo período discriminaram contra povos sul-europeus, incluindo o português. Como é sabido, essas leis discriminatórias só foram suspensas no final da década de 1950, devido à erupção do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, Açores. Só por volta da década de 1980, se dá, nos Estados Unidos, um surto educacional por parte de filhos de migrantes portugueses, que começam a frequentar o ensino superior em números significativos. O surto na literatura da diáspora lusa, em língua inglesa, segue-se em parte a essa geração. O facto de um grupo, de número reduzido mas significativo, de migrantes portugueses enquadráveis na *Geração dos Capelinhos*, vários com cursos superiores ou pelo menos cursos secundários adquiridos no seminário, também vieram engrossar as fileiras de gente instruída que impulsionaria a literatura da diáspora, tendo vários dos membros da Geração dos Capelinhos feito doutoramentos nos Estados Unidos e adquirido colocações em universidades na Costa Leste e Oeste.

Com base na Bibliografia de Obras Primárias aqui reunida, cerca de 200 indivíduos, entre migrantes e seus descendentes, assinaram livros de criação literária, a maioria constituindo coleções de poesia, mas também autobiografias, romances, coletâneas de contos, obras teatrais. Nem todos esses nomes integram aquilo que se poderia designar por um *corpus* literário de alta qualidade estética. A esmagadora maioria desse *corpus* interessa-nos pelo seu valor histórico, social, antropológico – como documentos da nossa passagem por estas paragens como elementos duma diáspora que seria uma tragédia não documentar ou perder. Isto não quer dizer, porém, que não haja entre esse grupo de duas centenas de indivíduos, uns 20 ou 30 por cento que não tenham escrito, e estejam a escrever, obras de qualidade literária. Acentue-se, porém, que o que nos motivou a escrever este livro não foi apenas o valor estético que essa literatura possa possuir, embora estejamos convencidos que parte dela a possui. Interessou-nos, sobretudo, o seu valor documental e humano.

Margins/Margens: A Pedagogical Anthology of Portuguese Diaspora Literature in the Anglophone Countries of the New World. Main Editor and Author of Pedagogical Texts, Francisco Cota Fagundes; Colloborators José Francisco Costa e Sílvia Oliveira. Dartmouth: Tagus Press (no prelo)

O que chamaremos, aqui também, de “literatura da diáspora portuguesa nos países anglófonos do Novo Mundo” inclui obras literárias produzidas por migrantes e seus descendentes nos Estados Unidos, Canadá e Índias Ocidentais, especialmente Trinidad e Tobago. Embora esta literatura não compreenda um grande conjunto de obras, e a esmagadora maioria dos cerca de 200 escritores que a produziram não sejam nomes conhecidos, ainda assim, acreditamos, vale a pena preservá-la, ensiná-la e estudá-la. As razões para isto não são meramente estéticas; elas também são históricas, sociológicas e antropológicas. Os destinatários deste livro são principalmente estudantes do ensino secundário e universitário interessados na história da migração portuguesa para as áreas acima listadas; no entanto, o público em geral que deseja adquirir ou refrescar a memória sobre um grupo étnico, os portugueses, que têm vindo para o Novo Mundo em números significativos desde meados do século XIX e que hoje somam mais de um milhão e meio de pessoas (principalmente nos EUA e Canadá), incluindo nacionais e seus descendentes, podem também descobrir que uma das fontes de conhecimento mais gratificantes sobre esta diáspora é precisamente o que os seus membros escreveram sobre as suas experiências em obras de poesia, autobiografia, crónica ou ensaio informal, romances, contos, peças de teatro e ensaios.

Desde logo, é essencial distinguir entre a literatura migrante, ou seja, as obras escritas pelos imigrantes em português e, muitas vezes, em inglês; e, por outro lado, obras escritas exclusivamente em inglês pelos descendentes de imigrantes no Novo Mundo. Algumas obras de imigrantes remontam ao final do século XIX e início do século XX, embora a maioria das obras literárias originais em língua inglesa de descendentes de imigrantes comecem a aparecer, com algumas exceções, bastante tarde na história de etnias lusas no Novo Mundo. Alguns escritores, como John Philip Sousa e John Dos Passos, nos Estados Unidos, e Alfred H. Gomes e Albert Mendes, em Trinidad e Tobago, publicaram obras com personagens e temas “portugueses” muito antes; no entanto, a maior parte das obras da diáspora de descendentes de portugueses começa a aparecer em números significativos apenas no quarto quartel do século XX com as obras de Thomas Braga, Katherine Vaz, Frank Gaspar e muitos outros nomes que o leitor encontrará ao longo desta antologia. A razão para isto é que, enquanto os migrantes nascidos em Portugal, com pouquíssimas exceções, vieram para o Novo Mundo como trabalhadores analfabetos ou com muito pouca educação, a relativa “explosão” de obras literárias de descendentes de portugueses a partir da década de 1980-1990 e que continua até hoje, é muito fácil de explicar: primeiro, na década de 1980, os descendentes de portugueses começaram a frequentar cada vez mais a faculdade, resultando em um número de escritores ainda hoje ativos que efetivamente obtiveram diplomas universitários e cerca de uma dúzia de diplomas em Escrita Criativa; em segundo lugar, com o interesse geral crescente no Novo Mundo, particularmente nos Estados Unidos e no Canadá, pelas literaturas étnicas, este fenómeno tem-se refletido nas comunidades portuguesas nos EUA e no Canadá, contribuindo assim para um aumento constante no número de portugueses-escreitores que seriam impensáveis algumas décadas antes.

Dois grandes autores portugueses que aparecem nesta antologia são José Rodrigues Miguéis (1901-1980) e Jorge de Sena (1919-1978). Ambos se consideravam escritores autoexilados de Portugal por razões políticas. Entre os mais importantes escritores portugueses do século XX, Miguéis que viveu nos Estados Unidos entre 1935 e o ano da sua morte, e Jorge de Sena, que viveu e lecionou nos EUA entre 1965 e 1978, escreveram as suas obras totalmente em português e principalmente sobre preocupações temáticas portuguesas. Teria sido impossível, no entanto, como escritores empenhados, que ambos, em termos humanísticos e políticos, tivessem ignorado totalmente as suas experiências americanas. O facto é que tanto Miguéis como Sena nos deixaram, respetivamente, numerosos contos

e crónicas, e poesias e ensaios sobre os Estados Unidos para compor vários volumes de escritos diaspóricos, ou parcialmente diaspóricos. Uma parte considerável deste trabalho foi traduzida com muita competência por George Monteiro, Jonathan Griffin, Frederick G. Williams e muitos outros. Esta antologia incluirá uma série de obras de Miguéis e de Sena, embora estas obras não sejam necessariamente as mais representativas do seu trabalho que, como já foi referido, se centra maioritariamente em Portugal.

Do grosso dos autores apresentados nesta antologia, a maioria são descendentes recentes de migrantes e, como escritores, são na sua maioria conhecidos, e alguns aparentemente orgulhosamente associados, à literatura da diáspora portuguesa. Há, no entanto, uma minoria de indivíduos que evita identificar-se como “portugueses”, preferindo ser chamados de “americanos” ou “canadianos”, mostrando a sua relutância em reconhecer qualquer ligação portuguesa como escritores. Um escritor das Índias Ocidentais, por exemplo, contactado recentemente, disse ao autor principal desta antologia que a sua avó era madeirense, mas que as suas obras “não tinham nada a ver com Portugal”, embora isso não seja cem por cento verdade. Uma obra autobiográfica sua contém referências aos seus antepassados, incluindo o seu antepassado madeirense; no entanto, o seu desejo de se dissociar da literatura portuguesa da diáspora foi aqui respeitado. Alguns outros escritores, como John Philip Sousa e John Dos Passos, podem ser considerados por alguns leitores como “demasiado americanos”, isto é, demasiado parte da cultura musical e literária “oficial” americana, para serem cooptados pela diáspora portuguesa. Em resposta a esta possível questão ou objeção, ninguém cuja obra está incluída nesta antologia nega fazer parte da literatura da diáspora portuguesa, quer por se identificar como tal, quer por referências claras e extensas incluídas nas suas obras a assuntos e temas portugueses. Isto não significa que esses indivíduos tenham renunciado à parte da sua identidade que também os torna “americanos”, “canadianos” ou “trinidadianos”. Nesta antologia, todos os indivíduos não nascidos em Portugal, ou cuja língua e cultura sejam principalmente não portuguesas, serão considerados pertencentes a ambas essas culturas – e acreditamos que fazer parte de mais de uma tradição literária ou cultural não diminui o seu valor como artistas e escritores, mas antes aumenta-o.

Chamamos esta antologia de “pedagógica” porque foi tomado cuidado na seleção, edição e apresentação dos textos incluídos, para fornecer mais orientação ao estudante e ao leitor em geral do que as antologias disponíveis da literatura da diáspora portuguesa têm fornecido até agora. Esta orientação pedagógica inclui não só notas biográficas dos autores, mas também introduções a cada capítulo de carácter histórico e teórico para permitir aos alunos o acesso a um contexto rico para a leitura dos textos antologizados. A lista de questões ao final de cada capítulo, bem como a bibliografia, têm como objetivo testar e reforçar esse conteúdo e fornecer orientações para estudos posteriores.

Um complemento deste volume incluindo, com poucas exceções, trabalhos originalmente publicados em português, já foi brevemente resumido acima. Inclui, como vimos, principalmente trabalhos de migrantes publicados originalmente em português, com alguns trabalhos originalmente publicados em inglês ou traduzidos. Com exceção de alguns escritores bilingues, os indivíduos que escrevem originalmente em português são, na sua maioria, imigrantes nascidos em Portugal, que conseguem exprimir-se melhor de forma criativa na sua língua materna. É nossa opinião, também, que as experiências dos migrantes são suficientemente marcadas por diferenças – como pode ser facilmente visto em géneros como a poesia e a autobiografia – para justificar a manutenção da linguagem original de expressão. Mais importante ainda, a publicação de literatura portuguesa migrante em duas línguas significa também, por parte do editor principal e do editor e colaboradores desta antologia, um acto de respeito para com a língua portuguesa, preservando-lhe a sua expressão linguística original. Não temos ilusões quanto ao futuro da literatura portuguesa da diáspora nos países lusófonos do Novo Mundo: se sobreviver, só sobreviverá em inglês, uma vez que a migração de Portugal após a Revolução de 1974 diminuiu consideravelmente ou, em alguns casos, cessou completamente. Na verdade, muitos migrantes regressaram a Portugal. O desaparecimento

progressivo ou a fusão com a(s) literatura(s) nacional(is) do Novo Mundo tem sido o destino de todas as literaturas étnicas. Tudo o que fizermos hoje para preservar esta literatura, incluindo a sua expressão linguística original, será apreciado, estamos confiantes, pelas gerações futuras.

Cabe uma palavra sobre a conceção desta antologia, começando pelo seu subtítulo. Existem cerca de uma dezena de antologias de literatura da diáspora portuguesa. Uma delas, editada por Robert Henry Moser e Antônio Luciano de Andrade Tosta, *Luso-American Literature: Writings by Portuguese-Speaking Authors in North America* (2011), foi publicada por uma prestigiada editora universitária americana. As restantes, com diferentes graus de qualidade e objetivos, serviram todas para chamar a atenção para a literatura portuguesa da diáspora nos Estados Unidos e Canadá; ou, em alguns casos, literatura açoriana traduzida que trata de temas diaspóricos relacionados com a América do Norte. Nenhum até agora incluiu os quatro escritores trinitadianos apresentados na presente antologia. Uma antologia incluiu escritores, como autores brasileiros e cabo-verdianos, que estão excluídos desta antologia. A intenção não é excluir escritores brasileiros ou cabo-verdianos. Acreditamos, porém, que eles, embora sejam ambos povos lusófonos, falam variantes da língua portuguesa e criaram culturas suficientemente diferentes das de Portugal e da “América do Norte Portuguesa” para justificar um tratamento separado. A sua é uma literatura da diáspora brasileira ou uma literatura da diáspora cabo-verdiana, não portuguesa, apesar das muitas semelhanças entre os nossos três povos. Já é tempo de os povos lusófonos serem considerados separadamente na nossa unicidade linguística, cultural e diaspórica.

Até ao momento, todas as antologias sobre a literatura da diáspora portuguesa na América do Norte, ou antologias que também apresentam escritores da diáspora norte-americana, foram reunidas para homenagear escritores de uma determinada região, refletir determinados temas, ou por outras razões importantes para o organizador. O denominador comum entre todas essas antologias é que nenhuma delas foi o que chamamos de pedagógica, isto é, escrita com a intenção de ensinar sistematicamente a literatura antologizada com algo mais profundo do que rotulagem cronológica, genérica ou temática; ou, para alguns que podem ser cínicos em relação ao verbo “ensinar” em relação à “literatura”, para estudantes que precisam de contexto para o estudo de textos literários. Sabemos que algumas pessoas, incluindo alguns autores aqui antologizados, acreditam que os leitores compreenderão ou darão sentido suficiente a um poema – e, presumivelmente, a um romance ou conto – se tiverem oportunidade. Contrariamente, o editor principal desta antologia e os seus dois colaboradores, que guardam entre si mais de um século de experiência no ensino da cultura e da literatura a nível universitário, acreditam profundamente, com base nas suas próprias experiências, que proporcionar aos alunos conhecimentos teóricos e outros estabelecadores de um contexto lato para a discussão dos textos, obter-lhes-á resultados mais positivos. Concordaremos prontamente que a prevalência da teoria literária nos últimos 70 anos ou mais, mesmo em cursos de graduação, nos Estados Unidos – para nos limitarmos a este país que conhecemos melhor – tem, em alguns casos, atraído para programas de pós-graduação muitos estudantes predispostos ao estudo de Letras; mas, em muitos outros casos, também terá afastado outros. Tudo depende como seja utilizada a teoria literária e em que aulas.

Sem negar nada disso, decidimos embarcar no empreendimento representado por esta antologia: a seleção criteriosa de textos histórica, genérica e tematicamente representativos precedidos de referenciais históricos e teóricos básicos para auxiliar os alunos, de forma mais fácil e prazerosa, na navegação pelas águas de assuntos não necessariamente familiares para eles. Muitas vezes, limitamo-nos a concentrar-nos apenas numa área temática específica – como “doença e literatura”, “sonhar com o lar” ou a sensação de atração irresistível do migrante pela sua terra natal – tópicos que, entre outros, são seguidos por textos ilustrativos do assunto em foco. Acreditamos, também, que todas estas “introduções” aos capítulos, aquelas precedidas de enquadramentos teóricos ou mais históricos – ajudam o professor/professora a desenvolver diferentes ângulos a partir dos quais pode ver a

experiência diaspórica portuguesa no Novo Mundo Anglófono. Embora tenhamos escrito esta antologia pensando principalmente nos estudantes de literatura, também acreditamos que, com alguns ajustes necessários, ela pode ser adaptada como texto complementar a um curso de história, ou mesmo a um curso de sociologia ou antropologia, apresentando a história dos portugueses no Novo Mundo Anglófono. Escusado será dizer que também acreditamos que esta antologia é de interesse para o público em geral.

As perguntas fornecidas no final de cada capítulo não pretendem restringir a discussão. Na verdade, alguns instrutores podem querer usá-las apenas parcialmente, ou mesmo dispensá-las completamente. Ou podem ser utilizadas como mero ponto de partida para o debate em sala de aula de temas decorrentes de uma primeira leitura dos textos.

A bibliografia fornecida no final de cada capítulo apresenta, em primeiro lugar, as fontes primárias nas quais o capítulo se baseia; também são fornecidas algumas fontes secundárias de natureza teórica, assim como fontes secundárias críticas, quando disponíveis e pertinentes.

Em todos os textos incluídos nesta antologia será respeitada a grafia dos autores.

Para os estudantes que pretendam aprofundar a sua compreensão do desenvolvimento histórico da literatura portuguesa da diáspora nos países anglófonos do Novo Mundo no amplo contexto de quase dois séculos de migração, existe um volume que acompanha esta antologia, desenvolvido e escrito em juntamente com esta antologia: *Escrever Para (Sobre)Viver: História e Fontes Primárias da Literatura Lusa nos Países Anglófonos do Novo Mundo*, de Francisco Cota Fagundes. Este livro inclui uma história da literatura de língua portuguesa e inglesa produzida pelos portugueses e seus descendentes nos Estados Unidos, Canadá e Trinidad e Tobago. Contém a mais extensa bibliografia de fontes primárias de qualquer trabalho sobre este assunto publicado até agora. Este livro, já disponível em português, em breve estará disponível também em tradução inglesa.

Também se tem desdobrado em escritor, com vários livros publicados. Quer falar sobre essa sua importante faceta?

Suponho que todos os professores de literatura sonham com ser escritores – para não recorrer exclusivamente à velha máxima que todos os professores de literatura são escritores frustrados. Para mim, a escrita erudita deriva duma responsabilidade que contraímos porque precisamos ganhar a vida. A escrita dita criativa provém dum imperativo da existência e da expressão. O crítico literário escreve porque é esse o modo que encontrou de ganhar a vida, acrescentando que também o faz porque se dá bem ou porque foi encorajado a prosseguir pelos resultados obtidos. O escritor criativo escreve ou cria porque não poderia deixar de fazê-lo, porque se sente compulsado. A escrita criativa é um grito de alegria ou de dor, ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Que esta bipartição seja demasiado simplista, eu concordo. Mas tem sido assim no meu caso. Quando a minha vida decorre num plano de normalidade, eu sou crítico. Gosto imenso de ler. Adoro lecionar. Fá-lo-ia grátis, se não precisasse ganhar a vida. Como não quereria, dentro das minhas limitadíssimas possibilidades, partilhar com outros as minhas reflexões sobre o que leio? Quando, por outro lado, reflito sobre a minha vida, sobretudo as minhas experiências de e/imigrante, como poderia deixar de me sentir tocado por excessos de dor e de alegria? Como poderia não ter escrito uma auto/biografia sobre a doença do meu filho se era essa a única maneira em que eu podia estar com ele – com ele que, durante os onze dias da minha escrita desse texto, estava no hospital sob vigilância, pois acabava de tentar suicidar-se?

Já escrevi acima a razão por trás das minhas amargas crônicas; aquelas que são menos amargas, e até passíveis de serem consideradas de celebração. Ambas resultaram daquilo que todo o emigrante sente: a dor da perda duma terra de origem, com tudo o que isso implica, até mesmo no caso dum indivíduo que passou a sua vida profissional na divulgação da sua língua e cultura de origem; e dos ganhos imensos que resultaram da descoberta doutra pátria, doutra cultura, doutra maneira de estar

na vida, outra possibilidade de nos criarmos segundo a nossa natureza e desejo, embora o preço que se paga por tudo isso seja imenso.

Não queria concluir a minha resposta à sua pergunta, no entanto, sem indicar que a dita escrita criativa e o dito ensaio crítico acadêmico não são gêneros estanques; ou que o primeiro prima pela criatividade e o segundo pela intelectualidade. Aliás, permito-me pensar que entre os meus escritos mais criativos contam-se os ensaios acadêmicos que me senti motivado a escrever sobre a contística de Miguel Torga e Onésimo Teotónio Almeida; sobre a patografia de José Rodrigues Miguéis, *Um Homem Sorri à Morte* e o seu conto “Regresso à Cúpula da Pena”; sobre alguns ensaios que escrevi sobre *Mau Tempo no Canal* e não poucos dos muitos ensaios que tenho publicado sobre a poesia e contística de Jorge de Sena.

Como se já não bastasse tanta atividade literária, tem também dedicado imenso do seu tempo à tradução, incluindo uma arrojada aventura na versão inglesa de *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio. Já escreveu inclusivamente vários textos sobre a sua experiência nesse campo; no entanto, numa entrevista global como esta não poderia deixar de lhe pedir que falasse um pouco dessa sua vertente.

Obrigado pela pergunta. Não queria desaproveitar a oportunidade de mencionar que considero as minhas traduções, cerca duma dezena de livros, vertidos do português para o inglês, ou do inglês para o português, como parte integrante da minha escrita criativa, aliás como laço de união entre o crítico que suponho ser e do escritor em que também investiu algum do seu esforço no domínio da tradução literária. Para traduzir um romance como *Mau Tempo no Canal*, é preciso um grande esforço crítico, incluindo no sentido de investigação que associamos com o ensaio acadêmico. Disso tenho falado em vários dos meus ensaios sobre a experiência de tradutor e, num sentido mais amplo, sobre a tradutologia em geral. Embora essa tradução tenha resultado dum convite seu, Onésimo, acabou também por ser um desafio enorme de criação literária numa língua que não foi a que bebi na infância e na adolescência; e uma reconciliação, via da literatura, com a minha *patria chica*. Que viagem pelos Açores e pela cultura e pelas gentes da nossa terra foi essa tradução! Como não abraçar o meu sentir-me açoriano depois dessa longa viagem? E como poderia eu não deixar de sentir uma sensação de também ter criado algo importante – embora fosse, como é, uma criação em segunda mão? E será a tradução apenas uma criação em segunda mão? E como prova de que tudo o que fazemos de alguma maneira se entrelaça, um dos meus livros de crítica literária é precisamente sobre *Mau Tempo no Canal* – livro esse que eu talvez nunca tivesse escrito se não houvesse vivido dentro desse romance os anos que me levaram a meditá-lo e a traduzi-lo.

Gostaria de ouvi-lo sobre alguns temas gerais que com frequência afloram na sua escrita. Sei que não poderá alargar-se muito, todavia confio na sua capacidade de síntese para um breve auto-retrato. Começemos pela imbricação ou simbiose entre a e/imigração, ensino e escrita.

Sou, como milhares de açorianos antes e depois de mim, um e/imigrante português que viveu uma infância e adolescência limitadas pela pobreza da minha família e pela falta de oportunidades educacionais. Ao partir para a América, levava/trazia sonhos, mas eram sonhos indefinidos. As minhas experiências pós-migratórias no Vale de São Joaquim agravaram em mim a sensação trazida dos Açores de que as barreiras impostas pela minha origem humilde e pela falta de instrução eram condicionalismos inultrapassáveis. Seria sempre quem já era e o que era, para além ou aquém dos dólares que conseguisse adquirir. Viveria para sempre com um enorme complexo de inferioridade que me torturava e asfixiava e de que, ainda hoje, me não libertei de todo.

Após um acidente que me tornou incapacitado para o trabalho na agricultura, fugi para Los Angeles. Foi nesta cidade, como narro e descrevo na minha autobiografia *No Fio da Vida*, que, posso dizer, renasci de mim mesmo para um modo de vida em que os condicionalismos que haviam definido a minha existência até então, como viria a descobrir, poderiam, consoante eu próprio determinasse e me esforçasse por ultrapassar ou não, continuar a impedir o meu florescer ou impulsionar-me para uma nova etapa da existência. Após anos de esforço quase sobre-humano, de algumas descidas a infernos que também descrevo na minha história de vida, de descobertas encetadas em salas de aula e logo absorvidas como se eu fosse uma esponja, vim a convencer-me que albergava em mim todas as condições intelectuais, espirituais e emocionais para operar em mim essa transformação. Sempre, insisto, com a ajuda de pessoas que vim a conhecer pela vida fora, começando com professores, pois a sós ninguém tem o poder de se transformar – e o professor é, por definição, um transformador. À medida que realizava esta aprendizagem, a maior da minha vida, também reafirmei e aprofundi a visão do mundo que, desde então, embora nascida muito antes, se tornou a estrela do meu Norte: a minha visão humanista. Despi-me, aos poucos, de muitos condicionalismos que trouxera da minha ilha, sobretudo os religiosos, tendo o cuidado de preservar aqueles que ainda e para sempre farão parte da pessoa que sou e quero ser, entre eles a minha língua, por enferrujada que esteja por sessenta anos de América, e tudo (e é muito!) o que considero de bom na minha cultura de origem.

À e/imigração associo, pois, o melhor, mas também o esforço maior e em muitos sentidos amargo, do meu percurso. A migração foi e é a primeira grande escola que frequentei na vida. As escolas americanas foram o início de tudo o que considero bom, saudável, libertador: tudo o que reivindico como meu, adquirido com o meu esforço. O que seria eu se não fossem as escolas americanas e os grandes professores, alguns portugueses e brasileiros, que me iniciaram? Daí que, na minha consciência, a migração e o ensino estejam inseparavelmente ligados; daí, também, o ter-me eu entregado, de alma e coração, à docência – na certeza e esperança de acordar nos meus alunos, a maioria deles e delas portuguesas, brasileiros e seus descendentes, aquilo que outros professores haviam despertado em mim. A minha escrita – toda ela, de algum modo, intimamente ligada ao meu percurso humano, experiencial – tem sido uma maneira de reforçar o ensino a que me tenho aplicado, esperando ainda que, através do que tenho escrito, possa ainda alcançar alguém que possa beneficiar do meu exemplo – como eu beneficiei dos exemplos de tanta gente com que me deparei na minha já longa caminhada.

Como conseguiu conciliar a sua vida de investigação e o ensino?

Creio que já respondi a essa pergunta nas minhas respostas às suas questões anteriores. Acrescentarei apenas que acho totalmente inseparáveis o ensino e a investigação – para quem se queira sobretudo professor, como eu, ou para quem se considere acima de tudo investigador, que não é o meu caso. Uma coisa sem a outra resulta num empobrecimento de ambas. Aliás, acrescentaria que a melhor prova de que a minha docência e investigação se entrelaçam está na própria carreira de alguns dos meus alunos. Três deles acabaram por fazer as suas teses de doutoramento sobre matérias que lecionei e investiguei, como já foi dito: três deles, José Francisco Costa e Susana Antunes, sobre Jorge de Sena, tratando, respetivamente, a epistolografia e a poesia, e a poesia de Jorge de Sena e Cecília Meireles; António Igrejas, igualmente sobre Jorge de Sena, subordinando a sua tese à sequência de contos *Os Grão-Capitães*. Os géneros que todos eles trataram – a poesia e o conto – são géneros a que, como indiquei acima, eu tenho dado a minha preferência. Sem a investigação, as minhas aulas haveriam sido ecos dos manuais de literatura – como algumas das minhas aulas, não necessariamente de literatura portuguesa, como aluno foram ecos dos manuais; sem a minha paixão pela docência, a minha investigação, e o que dela resultou, talvez tivesse sido puro ornamento nas páginas de revistas literárias. É um cliché que vale a pena repetir aqui: quem quer ser professor, há de também ser investigador;

todo o investigador que deseje produzir resultados vivos, deve vivificá-los mediante a partilha dessa investigação com os seus alunos – e deles e delas aprender. Nunca tive um bom professor que não fosse um bom investigador. E muito do que sei, ou acho que sei, foi aprendido em interação com os meus alunos.

Quer falar mais especificamente sobre a inter-relação por si frequentemente estabelecida no domínio das artes (poesia/música e poesia/artes visuais) na investigação e no ensino?

Quem se desse ao trabalho de ler todos os meus livros e ensaios críticos veria logo que se sou alguma coisa como crítico sou um comparatista. Gosto de comparar artes, temáticas, relações entre a vida e a obra de escritores, entre este conto e aquele conto da mesma coletânea, entre uma obra de música e uma obra literária, entre a estátua de uma gazela e um poema derivado dessa experiência visual, emocional e intelectual. Acresce que ser-se professor de literatura é, hoje em dia, de certo modo, partir-se dum deficit. Explico-me. A maioria dos estudantes a quem lecionei eram estudantes graduados (em oposição aos de pós-graduação). Todos eles, pós-graduados e graduados, chegam as nossas aulas já saturados de visualidade: o cinema, a televisão, as imagens exibidas nos museus, nos placards publicitários das autoestradas, nos supermercados, na televisão, nos telemóveis... Como pode o pobre professor de literatura, de livro em punho, exigir-lhe que se afastem dessas imagens exteriores, ou temporariamente as suspendam, e se concentrem nas imagens interiores suscitadas pela literatura? Imagine quem me lê uma adaptação cinemática da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, filme esse feito com todos os elementos adequados da maquinaria moderna de Hollywood? Depois tente imaginar um grupo de alunos graduados inseguros na língua portuguesa, a ler e a debater a *Peregrinação* numa aula de Literatura Portuguesa do Renascimento. Quão mais fácil não haverá sido lecionar a *Os Lusíadas* e a *Peregrinação* antes da invenção do cinema do que é lecionar qualquer dessas obras hoje, numa época encharcada de imagens visuais! Daí, em parte, a razão pela qual o professor que deseje incentivar os seus alunos tenha que recorrer a métodos criativos. Alguns desses métodos – de há muito teorizados e praticados, como a *écfrase*, outros mais recentemente teorizados, mas conhecidos, como a inter-relação da literatura e da música e do cinema – aí estejam, como barcos salva-vidas, à espera do professor que se digne investigá-las e aplicá-las na sua docência. E foi assim que eu, que sempre adorei imagens visuais e a música e o bom cinema (que nunca havia visto até vir para a América), ao deparar-me com essas duas coisas preciosas que são *Metaformoses* (1963) e *Arte de Música* (1968) de Jorge de Sena, que cotraduzi, iniciei, ao mesmo tempo, a preparação de aulas sobre esses dois livros e a minha investigação sobre a inter-relação das artes visuais e musicais e cinemáticas. Um dos meus ensaios de que mais gosto é sobre a inter-relação literatura e cinema num dos contos de Jorge de Sena. E assim nasceram algumas das minhas aulas mais bem-sucedidas e o primeiro livro que publiquei sobre a obra seniana: *A Poet's Way with Music: Humanism in Jorge de Sena's Poetry* (Providence: Gávea-Brown, 1988). Esse interesse da minha parte pela inter-relação das artes continua até hoje, culminando na minha recente tradução de cerca de uma dúzia de poemas da poeta da diáspora lusa nos países anglófonos Olga Cabral, acompanhada essa tradução dum estudo sobre essa apropriação e concretização, por parte dessa poeta de ascendência madeirense, das técnicas ecfrásticas que enformam esses poemas. Tenho outro trabalho publicado, no *Bulletin of Hispanic Studies*, sobre a inter-relação das artes visuais em Jorge de Sena, e outro longo artigo sobre a *écfrase* na poesia de Jorge de Sena na representação dos animais na sua poesia (artigo esse já editado na revista brasileira online *Ler Jorge de Sena* e no prelo, em Portugal, nas atas dum colóquio, organizado por Margarida Neves na Universidade de Lisboa, em comemoração do primeiro centenário do nascimento de Jorge de Sena, em 2019, em que esse trabalho foi primeiro apresentado).

Infelizmente temos que terminar (apenas por limitações de espaço). Vou lançar-lhe uma última questão acerca da qual sei que facilmente escreveria um livro: qual é a sua visão acerca da literatura em geral e da literatura portuguesa em particular, bem como da literatura açoriana no âmbito da literatura portuguesa? Parecerá abuso terminar com uma pergunta tão abrangente como esta, todavia creio serem temas que tocam no cerne da sua atividade como professor, investigador e cidadão.

Todas as literaturas são a expressão, em linguagem mais ou menos estilizada e em géneros distintos, da história, da liberdade ou falta dela, das aspirações e dos fracassos de qualquer povo, com todos os meandros que essa temática é capaz de assumir e assume. A literatura portuguesa não é diferente das demais naquilo que reflete acerca da nossa história, de quem temos aspirado a ser, daquilo que nos afaga o ego, mas também, por muito que nos doa, daquilo que fomos através dos tempos e que hoje, é lícito supor, desejaríamos não ter sido. Outra maneira de dizer tudo isso é utilizar uma metáfora: a literatura dum povo é um gravador imenso que gravou, e continua a gravar, o nosso percurso pela história e nos mostra e às futuras gerações quem temos sido, o que estamos sendo, quem somos neste momento em que estamos a transitar para um futuro todavia não de todo descortinável. Insisto: leiamos a nossa literatura e saberemos quem e o que temos sido, quem e o que somos, quem e o que queremos ser, aprenderemos até mesmo o que temos fingido ser. O mesmo poder-se-ia dizer, com ênfases necessariamente distintas, de todas as artes que um povo, incluindo o português, praticou ao longo dos séculos e pratica – a arquitetura, a pintura, a escultura, a música. E, abrangendo uma dimensão todavia mais ampla do que a das artes cultas, outros gravadores da nossa maneira de ser e estar na vida emergem das artes populares – desde o folclore, às práticas da religião que herdámos; às tradições seculares que os antepassados nos legaram e que nós modificámos, abraçámos ou repudiámos; à ética e sentido de moralidade, também herdadas, que subjazem o como nos tratamos e tratamos os demais. E tudo o mais que a literatura, erudita ou popular, é capaz de revelar e que seria, aqui e agora, ocioso pretender esgotar.

Assim, a literatura portuguesa, sobretudo para e/imigrantes como eu, constitui esse repositório a que todo o português pode ir beber e temperar a sua identidade e vontade – e pode ir rever-se, de era para era, de momento para momento, de modulação para modulação. A literatura açoriana, para me concentrar numa dessas modulações da literatura portuguesa a que a sua pergunta se refere, é uma dessas modulações ou variantes da literatura portuguesa, distinguindo-se, sem se afastar, da grande tradição nacional, se é que podemos assim falar de uma tradição que sempre foi feita, ela também, de tradições de outros povos ocidentais; tal como essas tradições ocidentais são, por sua vez, modulações de heranças comuns a grande parte da humanidade ou a toda a humanidade.

É nesse sentido humanista que sempre entendi e sempre lecionei a literatura portuguesa e, em conjugação com ela, a literatura açoriana. E ser-se professor de literatura portuguesa não é, e nunca foi fácil nesta América do Norte, ela própria feita e ainda (re)fazendo-se, de pedaços, mais ou menos amalgamados, de todas as tradições literárias e extraliterárias de todos os povos que nela habitam, todas essas tradições, ou algumas delas, digladiando-se para ocupar peanhas cimeiras. Que professor de língua e literatura portuguesa não se deparou com atitudes etnocêntricas manifestadas por grupos ou indivíduos pertencentes a tradições literárias – ou visuais, ou musicais – manifestamente mais ricas, ou tão-só diferentes? Sendo estudante de algumas dessas tradições, eu próprio não exitaria em reconhecer a superioridade de algumas culturas europeias, para nos limitarmos à Europa, em relação à portuguesa. Quem não reconhece a superioridade de culturas literárias muito mais ricas do que a nossa, como a inglesa ou a francesa, criadas por povos mais numerosos e mais ricos? Quem quereria negar a superioridade da cultural musical, e não só, alemã e de outros povos germânicos, em relação à portuguesa? E das culturas visuais de tantos povos – o italiano, o espanhol, o francês, o holandês, para apenas mencionar algumas tradições europeias – em comparação com a portuguesa? Não se trata, a

meu ver, da superioridade deste ou daquele povo nesta ou naqueloutra manifestação da cultura, no que respeita ao seu ensino. Trata-se, pelo contrário, do direito que todos nós temos, em sociedades democráticas, de *também* querermos reconhecer, e estudar, e praticar as *nossas* tradições culturais – que são maneiras distintas de reivindicarmos o nosso direito à prática da nossa cultura, o que é o mesmo que dizer, à prática de sermos quem somos. Ou de querermos legitimamente partilhar a nossa cultura, criada com um timbre necessariamente diferente, inclusive de tradições em alguns aspetos mais ricas? Mas façamo-lo sempre sem assumir posturas também etnocêntricas. Ou sem procurar essencialismos ridículos – como atribuir ao espanhol a essencialidade dramática e ao povo português a essencialidade lírica. Gil Vicente, e uns quantos mais através dos séculos, desmente a essencialidade dramática do espanhol, embora seja indesmentível a superioridade do teatro espanhol ao português; e Garcilaso e García Lorca e Antonio Machado refutam a essencialidade lírica do português, sem negar a rica tradição lírica de Portugal. Cada qual é quem é, nem mais nem menos. E ninguém é menos ou mais humano por ter produzido menos ou mais, pior ou melhor – afinal termos subjetivos.

Assumamos, pois, que a nossa literatura é necessária porque é nossa; que a nossa pintura ou a nossa música, por pobre que sejam em relação às grandes tradições visuais e musicais de outros povos europeus, são importantes porque são nossas e porque ninguém tem o direito de negar a ninguém o direito de ser quem é ou o que é. E todos temos a condição de mudar e de melhorar. A humanidade é composta de todos os povos que a constituem, com todas as suas culturas, algumas mais ricas, outras menos ricas, mas todas elas exibindo elementos de unicidade sem os quais toda a humanidade seria menos rica, menos diversa, mais igual a si mesma. É por isso que nem todas as línguas e nem todas as literaturas e culturas em geral terão o mesmo brilho que as demais. Mas todas elas possuem o que é próprio delas e do povo que as criou, até ao momento que as criou. Sem essa unicidade, a humanidade, ela mesma, quedaria diminuída.

Review of *How to Clean a Fish and Other Adventures in Portugal*

Joel Avila

Cabral, Esmeralda. (2023). *How to Clean a Fish and Other Adventures in Portugal*. University of Alberta Press, 301 pp. ISBN 9781772126556.

As the title suggests, *How to Clean a Fish and Other Adventures in Portugal* by Esmeralda Cabral is, at its simplest level, a sort of travelogue about the author's experiences in Portugal with a focus on cooking seafood. A resident of Canada but also an emigrant from the island of São Miguel in the Azores, she lived with her husband and daughter in Costa Caparica, a coastal town just south of Lisbon, from January through the beginning of the summer in 2014.

Unlike many Portuguese emigrants, she spent time as a child in both continental Portugal as well as the Azores, giving her a sense of identity as "Portuguese" rather than as being specifically from Lisboa or from her home island of São Miguel. This perspective serves her well in a place that feels both very familiar to her, but where she is merely a "bystander and observer." The dichotomy of being both Canadian as well as Portuguese is a constant source of reflection about her identity and the nature of emigration. However, given her holistic perspective of being "Portuguese," we miss out on the perspective of living in Lisboa as an islander. Ultimately, despite the book's easy-going title, we are asked to consider the more somber theme of the loss experienced by emigrants and particularly the loss of those dearest to us.

As part of her experiences in Portugal, the author takes us through the main neighborhoods of Lisboa as well as on a side trip to the ruins at Conimbriga and Portugal's northern Douro region. When eating out, the family soon discovers that everything begins late in Portugal. Fortunately, there is no shortage of *pasteis de nata* and espresso to satisfy their appetite. And, the family's struggles dealing with government bureaucracy and the indifference to customer service will be all-too-familiar to travelers. But this book is not a travel guide. Among other topics, we sense the weight of the author's responsibility to serve as translator for her English-speaking husband and daughter as well as their initial social isolation in a Portuguese-speaking world. We also become aware of the importance of skin color and the seeming cultural preference for whiteness.

The author's goal of learning to clean fish might initially strike us as relatively mundane and unworthy of the book's subtitle. But fish are without a doubt an integral part of Portuguese life and, here, provide the author with an important framework for the book's narrative. Accustomed to buying filets of fish in hygienically sealed containers, the author is initially uncomfortable with the variety of fresh fish staring at her as she strolls through the commotion of the market. She is further intimidated by the prospect of cleaning the fish and properly cooking it. We then learn that cleaning fish is a skill that the author never learned from her mother despite having watched her do it on a regular basis. As the author has matured, she recognizes the gradual process of becoming more and more like her

mother. Perhaps cleaning fish, beyond its practical benefits, is a way to accept and embrace this evolution.

As such, it seems only natural that the book begins with a discussion about the Portuguese word *saudade*. For the uninitiated, this is a word that is essential to the Portuguese language and cultural tradition. It expresses a great melancholy and conveys a particular sadness, feeling of solitude and fatalism. As early as the 1500s, Gaspar Frutuoso penned the first major chronicles of the Azores and entitled them “Saudades da Terra.” Like countless others before her, Esmeralda Cabral recognizes that there is no single English word that can successfully capture its meaning. Instead, she attempts to describe its essence and contours. It seems clear that *saudade* is both powerful and utilitarian – the word has a wide range of nuances from the relatively mundane sensation of missing sardines to the profound feeling of grief for the loss of loved ones. And, when sensing that her family would soon be ending their stay in Portugal, the author even gives the word an added dimension – “anticipatory *saudade*... nostalgia even before absence, sadness even before loss.” Nevertheless, it is *saudades* of the past that fill the book’s narrative.

Coupled with *saudades* is the *fado* – the “bluesy tunes sung by solo singers accompanied by the Portuguese guitar.” Believed to have been started in the mid-19th century in Lisbon, these haunting songs were popularized in the 20th century by the Queen of Fado - Amalia Rodrigues. *Fado* is derived from the Latin *fatum* (“fate”, “death”) and songs are typically about love, loss and fate. For emigrants, these songs of anguish encapsulate the heartache of *saudades* for loved ones who have died as well for family left behind.

The author’s departure from São Miguel when she was 7 years old left powerful memories of arriving in Canada, seeing snow for the first time and suffering through cold weather. Learning a new language and attempting to fit into the Canadian culture are the stuff of the prototypical immigrant who came to the U.S. or Canada at a young age. So were her struggles to find an identity. Even though her parents always talked about going back to São Miguel, she considered herself Canadian and had no desire to return to Portugal, even for just a visit. Later she would feel like the “hyphen between Portuguese and Canadian” - when in Canada, she felt Portuguese and when in Portugal, she felt Canadian. The author justifiably wonders if her personal sense of attachment and loss are directly linked to her family’s experiences as emigrants.

She ultimately concludes that the identities of young emigrants are tied to where they were born and the care-free environments where they were raised before they were required to assume adult responsibilities such as translating for their parents in their adopted countries. Now traveling in Portugal, the smells and tastes trigger a “whirl of memories and a depth of *saudades*.” Hearing her first language all around her fills her heart and reinforces her sense of identity. She is clearly from this place. It is probably not giving too much away by revealing that the author eventually succeeds in learning to clean fish and becomes proficient at cooking it. A short group of recipes is even included at the end of the book for those inclined to try them. But one need not be interested in cooking to appreciate this immensely readable book. Anyone who has spent an extended period of time in Portugal will surely relate to the author’s experiences, both positive and negative. And, for those of us who have a similar background as young emigrants to the U.S. or Canada, this book is a virtual gem. Not only do we appreciate the author’s struggles to establish an identity, we share in her sense of *saudades* for those aspects of our lives that are lost and permanently closed to us.

Poetics of Immigration: A Review of *Through a Grainy Landscape* by Millicent Borges Accardi

Irene Maria F. Blayer

Accardi, Millicent Borges. (2021). *Through a Grainy Landscape*. New Meridian Arts, 85 pp.
ISBN 9781737249108.

Through a Grainy Landscape by Millicent Borges Accardi is a collection of 61 poems that intricately navigates themes of cultural identity, diaspora, heritage, and the emotional landscapes of life. The volume opens with a foreword by Frank X. Gaspar and an introduction by Katherine Vaz, who both highlight the significance of Accardi's contributions within the context of the Portuguese-American diaspora literature and American poetry. The book is dedicated to two of Accardi's "literary heroes," George Monteiro (1932–2019) and Christopher Larkosh (1964–2020), acknowledging their significant influence on her literary journey.

In this collection, Accardi draws from the works of Portuguese and Portuguese-American poets, using their lines as springboards for her own poetic explorations. She skillfully enriches her poetry with allusions to celebrated literary figures like Pessoa and Saramago, among others, blending them with personal diasporic experiences and broader cultural and historical contexts. This intertextuality adds a universal resonance to the poems. The verses are richly layered, often employing vivid imagery and introspective reflections with evocative language that captures complex emotions and experiences in succinct yet powerful lines. Through these visual descriptions, she crafts a sensory journey for the reader, often drawing upon natural elements and shifting landscapes to evoke emotions and memories. The book's structure is carefully designed, guiding the reader through various emotional and thematic landscapes. The poems vary in length and style, creating a dynamic reading experience that mirrors the unpredictability of life itself. Smooth transitions between poems contribute to a cohesive collection, despite the diversity of topics and tones.

The blend of lyrical and narrative styles, coupled with vivid imagery, creates a profound and resonant exploration of the human experience as it relates to the Portuguese diaspora. This lyrical approach allows Accardi to delve into the inner landscapes of her subjects, unraveling intricate emotions and states of being. Additionally, other poems in the collection adopt a narrative tone, weaving stories of immigration, family dynamics, and cultural identity. This technique allows the poet to craft rich, detailed accounts of personal and collective experiences, vividly portraying life shaped by cultural heritage and migration. Accardi's reflective nature is evident in her contemplation of these themes, and her introspective style enables the reader to connect with her musings on life and identity. These elements denote heritage and enduring ties to one's homeland, creating a powerful connection to the past, and deepening the layers of meaning within the intricate tapestry of personal and collective histories woven throughout the collection. Predominantly embracing free verse, the poems navigate their topics and themes with flexibility, unconstrained by traditional poetic forms. The poet's frequent use of enjambment infuses the poems with a dynamic sense of movement and continuity, enhancing

the narrative's fluidity. Similarly, in *Through a Rainy Landscape*, patterns of repetition serve as a powerful technique that mirrors the ever-evolving nature of identity and memory creating a rhythmic effect with distinctive resonance, harmonizing with the lyrical and introspective style in this work.

In this reading of *Through a Rainy Landscape*, references to select poems provide a glimpse into Accardi's creativity, showcasing the themes that bind this work together within a rich tapestry of interconnected experiences and emotions. "A Man Sleeps, the Skies Move"—inspired by a line from Luis Quintais—and "With Eyes that Bear the Widowhood of Days" serve as introductions to the collection, laying the foundation for a deeper exploration of its subjects and styles. "A Man Sleeps, the Skies Move," delves into the fear, insecurity, and burden of responsibility placed on children in immigrant families. It poignantly addresses the anxiety experienced by a child aware of her/his family's precarious immigration status, with parents urging the child to "be an adult" in preparation for possible separation. It highlights the harsh realities faced by many immigrant families living in constant fear of deportation or separation:

It happens that way,
the sleep comes or not.
We stay awake and the worry
over a knock at the door,
at 5. When you are 5, your
parents sit you down and smoke.
They say. Ah. It is difficult
thing. They say, you are our child,
born in America, and we are trying.
We filled out the paperwork.
We hired an attorney. There
was a problem with an entry
date. Our visa was late but,
we did everything we could.
There was a problem, you understand?
[...]
There may come a day when we might
be away. Memorize your Aunties number.
Take care. Watch the rain clouds. Do the dishes.
Do not fall asleep without worry.
("A Man Sleeps, the Skies Move").

The poem touches on themes of love and sacrifice as the parents strive to prepare their child for an uncertain future while trying to reassure them that they will be okay. Written in free verse, the poem allows the poet flexibility in form and structure, creating a natural flow of thoughts and emotions that mirror the family's uncertainty and unpredictability. The imagery in the poem, such as the jar that looks "like water, the glass dense and broken," symbolizes the fragile and precarious nature of the family's situation, and the instruction to "watch the rain clouds" generate a mood of impending danger or doubt, while the child is asked to memorize an aunt's number and take on responsibilities beyond her/his years. A recurring childhood dream of deportation conveys a palpable sense of anxiety and helplessness, intensifying the narrative's emotional resonance and suggesting themes of displacement and insecurity:

I grew up with the recurring dream

of being deported. I was
 five years old, and my father took
 of being deported...
 ("A Man Sleeps, the Skies move").

The dream becomes a haunting presence, lingering in the poet's subconscious and influencing one's perception of reality. Moreover, this imagery can be interpreted as a metonymy for the shared experiences of children of immigrants growing up in America. The title of the poem juxtaposes the static image of sleep with the dynamic movement of the skies, hinting at the contrast between the internal world of dreams and the external world of change and uncertainty. This juxtaposition underscores the theme of inner turmoil amidst a shifting external landscape, capturing the emotional volatility and insecurity faced by immigrant families, particularly those who are undocumented or have unstable immigration statuses.

"With Eyes that Bear the Widowhood of Days" captures the lives of Portuguese fisherwomen, exploring themes of loss, resilience, and hope. The depiction of the "ocean floor" as a barren landscape, appears to symbolize "lost meaning," paralleled by Portuguese fisherwomen united in their shared, time-worn struggle. The poem's vivid imagery and metaphors highlight the women's strong yet melancholic bond with the sea, encapsulating their lives bound together by shared experiences of waiting, loss, and love. Their "shawls," and the "black glue" they use for forgetting capture their complex emotional landscape, where sadness and joy coexist, revealing their deep longing and mourning:

The ceiling of the ocean floor is fat,
 with its tidal drop, a mere sandy slope, the
 barrenness, now, a symbol, a lost meaning,
 to catch, a rule that the Portuguese fisherwomen
 on the shore above can attest to, easily
 nodding in agreement that they are bound
 together, like time they have wagered and lost,
 a lifetime of fresh bets and new hands,
 grown old with uncertainty, a rule,
 a catch, a slip of the tongue and the
 courtship will be over, lost to sea journeys far
 away from solid-footed Terceira, where black glue
 is the medicine of forgetting and a pause
 is the known secret inside absence,
 and where love is a shy attachment to hope, the
 thaw that every woman, waiting here, tempts
 with her own fate. On shore, they long to don sadness,
 like a dark shawl around their forearms.
 It is a uniform, encompassing wool, knitted
 halfway between loss and joy.
 [...]
 ("With Eyes that Bear the Widowhood of Days").

Describing them as "grown old with uncertainty," the poem suggests the emotional toll and resilience of these women, who wear their sadness like a "dark shawl." The fleeting joy they experience is delicately captured by "a slight mention or a holding note of the wind," hinting at their enduring

hope amidst hardship and sacrifice. Despite their sorrow, the poem hints at their resilience and hope, portraying them as once “the friendliest girls” now marked by a quieter happiness as they await the return of their loved ones. The “known secret inside absence” subtly conveys their shared experience of anticipation and longing for their loved ones’ safe return. The poem concludes with a poignant nostalgia, their present happiness tinged with gentle reminders of the men they once loved:

The friendliest girls they used to be,
 these women, now waiting on the land,
 reveal happiness but with but a slight
 mention or a holding note of the wind,
 softly reminding them
 [...]
 (“With Eyes that Bear the Widowhood of Days”).

This exploration of human resilience and emotional duality travels throughout the collection, and it delves into the intricacies of human emotions, illustrating how joy and sorrow often intermingle and highlighting the transient nature of our perceptions. In “To You, Who Saw Fjords and Coral,” for example, the poetic voice reflects on the perceived durability of truth, likening steadfast and seemingly immutable entities—such as a parent’s love or a longstanding company—that seem secure:

The truth as you believe it
 seems durable and unmoving,
 like a parent’s love, a parable
 you believe in, can count on
 solid like a hundred year
 old wall or an established
 company that you trust
 will always be there...

However, this perception is challenged by the poet’s reflection on the comforting solidity of these beliefs, metaphorically described as a “storm in the port” during times of uncertainty. The tension and readiness in the poet’s “calves,” followed by the leap into the unknown, symbolizing a courageous acceptance of uncertainty and the willingness to move forward despite the lack of solid ground, where the “nest at the end of the leap” representing a hope for safety and security amid turmoil:

[...]
 My calves were tensed and ready to
 lift up as I nodded yes,
 and leapt off the cold edge of uncertainty,
 ready to land into the nest—that was waiting
 for me, hanging on a rope, far above my life.
 (“To You, Who Saw Fjords and Coral”).

Overall, the complexities of truth and belief are highlighted, showing how these concepts can be both comforting and deceptive, underscoring human resilience and the capacity to navigate through uncertainty. This poem fits neatly into that narrative by highlighting how our understanding and trust in what we consider permanent can be disrupted. It suggests that memory itself might be selective and unstable, influencing our perception of stability and happiness. In this interplay of stability and flux,

the poem's focus on the shifting ground of what can be trusted juxtaposes well with the collection's exploration of stability's ephemeral nature. It challenges readers to consider how much of their sense of security and happiness is contingent on external circumstances versus internal resilience. On the whole, it enriches the thematic complexity of the collection by offering a look at the dynamics of belief, change, and adaptation, echoing and deepening the exploration of memory and stability within the larger body of work.

Poem fifty-five, "More Nocturnal than Sleep" takes the reader on yet another captivating journey through the depths of the human experience. The poem provides a striking exploration that transcends the boundaries of the physical and emotional realms. It begins with a vivid depiction of an overwhelming sensation akin to a sudden blackout, effectively conveying a profound sense of disorientation and detachment from reality. The repetition of "more than" throughout the poem emphasizes the uncanny nature of the experience, highlighting the overwhelming weight of the experience. The poet describes the abrupt onset of dullness, illustrated by the physical weakness with "legs buckled underneath," and sensory overload with "ears spun out with fussy noise." As the narrative unfolds, the intensity of the experience deepens:

[...]
 I went down like a dislodged
 boulder, in the middle of
 the wall. Five tons dislodging
 more than sleep, more than slumber
 more than temporary.
 ("More Nocturnal than Sleep").

The poetic voice emphasizes that this is not merely sleep or lethargy, but something much more profound and immediate. It is described as a force, a powerful impact that knocks the speaker down like a "dislodged boulder," a metaphor suggesting a loss of control and stability. This experience transcends easy categorization or explanation, surpassing conventional descriptions or comparisons. The poet grapples with something beyond comprehension, something that defies rationalization. With the final lines, "more than temporary," suggesting that whatever the experience may be, it leaves a lasting impact. It is not just a fleeting moment but something that lingers, perhaps shaping the poet's perception or understanding of the world around. Overall, this poem offers a powerful exploration of a profound and mysterious experience, conveying the intensity and complexity of emotions and sensations.

Central to *Through a Rainy Landscape* is the theme of identity, which permeates the collection, by uncovering the complex and layered identities of those of Portuguese descent living in America. This exploration is multifaceted, beginning with the two introductory poems. "A Man Sleeps, the Skies Move" vividly captures the experience of growing up as a child of immigrants in America, as previously mentioned, delving into the anxieties and hopes intertwined with forming an identity in a new world. The second poem, "With eyes that Bear the Widowhood Days" explores the collective identity of Portuguese fisherwomen, emphasizing their strength and resilience. Further examples include the fourth poem, "The Most Vertical of Words," which illustrates how oppressive family histories shape and impact individual identity. In poem thirty-four, "The Graphics of Home," Accardi begins by tracing the origins of the Portuguese and Portuguese American communities and their diverse backgrounds. Identity is conveyed through the detailed and symbolic use of everyday objects within the narrative, highlighting the intricate ties between personal and communal identity in immigrant life, connecting the present to the past and featuring the migration patterns of these communities. The

mention of the Great Depression and various industries grounds the poem in a specific historical context, reflecting the economic struggles of these communities:

Were broken by the Great
Depression, the textile mills,
and the golf ball factories.
We came from The Azores
and the mainland and Canada,
settling in Hawaii and New Bedford
and San Pedro, the original
Navigators. No one was documented.
("The Graphics of Home").

In this poem, Accardi encapsulates the complexities of identity and immigrant experiences by using the life cycle of a shirt as a metaphor to illustrate the immigrant ethos of resourcefulness and adaptation. The shirt, a hand-me-down, arriving in a repurposed box, undergoes multiple transformations as it becomes worn and repurposed repeatedly, embodying a spirit of adaptability and endurance:

[...]
When outgrown and too worn
for even that, the placket of buttons was removed,
in one straight hard cut along the body
of the shirt front, through and through.
The buttons were pulled off by hand,
for storage in an old cookie tin,
the cloth cut into small usable pieces
for mending, for doll clothes, for
whatever was left over. The rest, torn
into jagged rags for cleaning and, if the fabric was soft,
used for Saturday's dusting of the good furniture
in the den. Whatever was left, was sold
by the pound, wrapped and rolled into
giant cloth balls, sold to the rag man
who made his rounds in the neighborhood
all oily and urgent and smiling as if
his soul were a miracle of naturalized
birth.
("The Graphics of Home").

The act of mending and repurposing household items are significant traits of the immigrant identity depicted in the poem. These actions symbolize the ability to adapt, the perseverance needed to thrive in new environments, and the creativity required to maintain cultural practices away from one's homeland. The use of sensory details, such as the smell of 'stale cigarettes,' further emphasizes the connection between the material object and the memories it holds. These items are not just functional; they are repositories of personal and collective memory, linking the characters in the poem to their heritage. This connection underscores the identity of the community as deeply connected to their roots and traditions, and it ties into the broader theme of *saudade*. In fact, the poems, in this

collection, are imbued with a sense of *saudade*, a Portuguese word capturing a deep emotional state of nostalgic longing. This ongoing process of building and maintaining a home environment reflects the complex layers of immigrant identity, which balances the preservation of cultural origins with the adaptation to new societal contexts. In poem thirty-six, “Over Broken Bottles and Rivers,” the poetic voice reflects on identity and loss, capturing the fragmented nature of the lyric voice to illustrate the struggle and resilience inherent in self-discovery while emphasizing the poet’s introspection and emotional depth, particularly through the following lines:

[...]
 I am exactly what people think
 of me, a dark mixture
 of all I have lost. There is no one
 to attract or bring home to me anymore.
 [...]
 (“Over Broken Bottles and Rivers”).

Poem forty-four, “Your Native Landscape,” explores the intertwined themes of grief and identity, contemplating the connections between individuals and their ancestral lands. Lastly, poem fifty-nine, “Still Not Ilha Enough,” highlights the poem’s exploration of the tension between duty and identity, complexities of belonging to a place. The symbolism of gold rings slipping off fingers to signify the loss and the fleeting nature of responsibilities once held dear. The flights to the Azores and the archipelago’s towering mountains evoke the connection to heritage and the grandeur of ancestral roots, enriching a deeper reflection on personal and cultural identity amidst changing priorities.

The collection concludes with “I’ve Driven all Night through a Grainy Landscape” which travels through themes of uncertainty, separation, and longing, capturing the emotional struggle of waiting and the desire for normalcy amidst ongoing pain and heartache, as well as the search for understanding and belonging amidst life’s uncertainties and the artificial constructs of society. Truths are portrayed as repeated “lines in a political game,” highlighting the constructed nature of reality and the challenge of discerning genuine authenticity. The imagery of “walls, boundaries, and torn families” symbolizing the division and isolation that pervade modern existence. Through its evocative imagery and sensory detail, the poem captures the essence of our struggles and desires, inviting the reader to contemplate the complexities of human experience, emotional landscapes and explore the search for authenticity in an ever-changing world. It juxtaposes the agony of waiting for relief with the inevitability of change, highlighting the tension between hope and despair. The “mid-line boundary” between reassurance and finality underscores the precariousness of life’s journey. The poet’s resolve to remain true to their patience, despite the pain, conveys a deep-seated endurance and a quest for authenticity. The poem also delves into the emotional toll of these struggles, where routine interactions and basic civility become acts of defiance against the underlying disarray. The poet navigates through memories and experiences, grappling with the painful inevitability of change and the longing for a return to familiarity. This is poignantly captured through the imagery of “clock ticking” and the metaphor of life being “sawed in half like a magic trick,” evoking a sense of loss and disorientation in the face of temporal progression. The heartache of watching loved one’s drift away and the conflicting desire for connection reveal the complexities of human relationships. The longing and waiting create a “middle ground,” a difficult place where hope and resignation coexist:

But, last year, it didn’t take weeks
 for the clock to click one minute to
 three like when you were a kid, agonizing

to go home. And then there are the waiters,
 not food service but those who are patient,
 for diagnosis, for tests, for death.
 The mid-line boundary between
 someone saying everything is gonna be
 OK and everything is over. It is the passage
 Of that long journey, that I have
 to work myself up to face, to make it
 Through borders and boundaries, week after
 week for the past year, a life lived,
 sawed in half like a magic trick. I am
 perched on the edge of, ready to
 nod or run. Waiting makes you swear
 someone was loved and kind once, and
 that to make it all OK again, there is
 wishing, a hope for it to be as it was,
 when it was perceived to be all right
 but perhaps it never was. And, so,
 to normalize interactions, the daily hellos
 we take for granted, the guarantees we
 make with each other must be labeled
 seared into agreements that we promise
 to be civil or polite to each other, the nods
 at the bus stop, basic remnants of life
 in front of a modicum of human happiness.
 [...]
 ("I've Driven all Night through a Rainy Landscape").

The poem employs a disjointed structure and stream-of-consciousness style, mirroring the fragmented nature of the character's thoughts and experiences. Ultimately, it portrays a life fragmented by external pressures and internal conflicts yet held together by the enduring human spirit that seeks meaning and connection in a fractured world. The emotional state of "longing" serves as an intermediate space between the desire for closeness and the reality of "distant connections." It expresses profound heartache, capturing the tension between wanting to hold on and the inevitability of moving on. This state makes waiting and hoping for change become central, and the anticipation of a future where waiting ceases brings a sense of guilt, as if living in the present is overshadowed by this constant yearning. Ultimately, the lines suggest that these feelings and experiences blend over time, much like polluted "rivers" merging and searching for a new outlet, symbolizing the search for resolution or a new beginning amidst the emotional turmoil:

[...]
 Longing is the middle ground, when you have
 distant connections. It's such a hard place to be in.
 The waiting and the hoping for a time
 When you won't wait any longer then, feeling lived,
 a life guilty for that thought. Then, it all runs together
 in time, like dirty rivers, seeking a new mouth
 ("I've Driven all Night through a Rainy Landscape").

The poem encapsulates Accardi's exploration of the themes, images, and motifs that permeate and unify the volume. Its representation of the collection's essence makes it a fitting and an admirable choice for the book's title. Building on these themes, the collection, *Through a Grainy Landscape*, provides a poignant examination of how personal and shared histories intersect, capturing the essence of human emotions and the continuous quest for meaning and belonging. Collectively, these poems convey powerful innermost states of identity, shedding light on the multifaceted experiences of those navigating their heritage and individuality in a new cultural context.

In *Through a Grainy Landscape*, Accardi crafts a poetic symphony that entwines cultural identity, resilience, and the immigrant experience into a rich tapestry of heritage and self-discovery. Each poem is a delicate thread, intricately woven with vivid imagery, potent symbolism, and the liberating structure of verse, drawing the reader into a realm of introspection and emotional resonance. The skillful use of language and form creates a profound depth of meaning, allowing each poem to stand alone while contributing to a cohesive exploration of themes. Through her poetic lens, Accardi addresses not only the Portuguese American experience but also the broader, universal quests for meaning and belonging. Overall, *Through a Grainy Landscape* is a significant contribution to both Portuguese-American literature and contemporary American poetry, standing as a testament to Accardi's talent as a poet.

Review of *Escrever Para (Sobre)Viver*

Sandra Sousa

Fagundes, Francisco Cota. (2024). *Escrever Para (Sobre)Viver*. Predicado Inclinado, 391pp. ISBN 9789898123947.

*E**scriver Para (Sobre)Viver* é o título do mais recente livro de Francisco Cota Fagundes, e é por aí que gostaria de começar esta minha modesta contribuição na divulgação de uma obra que nos chega em bom tempo. A escolha do título, cujo subtítulo nos informa do que espera o leitor—*História e Fontes Primárias da Literatura da Diáspora Lusa nos Países Anglófonos do Novo Mundo*—não será de forma alguma aleatória, especialmente se estivermos familiarizados com o percurso de vida, incluindo a vida académica, do autor. Francisco Fagundes nasceu na ilha Terceira, Açores, e emigrou para os Estados Unidos em 1963. O seu percurso de jovem imigrante na América está autobiografado no livro *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (2000), onde o leitor conhece de forma mais profunda as agruras de uma vida vencida a punho, com suas semelhanças e especificidades à de tantos outros cujo destino foi atravessar a “ponte” entre um arquipélago quase perdido no meio de um oceano e a promessa de um sonho ou de melhores condições de vida proporcionado por essa América prometida.

O autor viveu na Califórnia por 14 anos e, em 1976, fixou residência em Amherst, no estado do Massachusetts. Crítico literário, autobiógrafo, contista e tradutor, Fagundes ensinou línguas e literaturas espanholas e portuguesas no nível de graduação, assim como literaturas portuguesa, africana lusófona e brasileira nos níveis de graduação e pós-graduação. Ministrou ainda cursos de literatura da diáspora portuguesa nos Estados Unidos, tanto em português quanto em inglês. O seu percurso de vida confirma a promessa americana como cumprida. Fagundes é hoje um dos mais prolíficos académicos açoriano-portugueses (se me é permitido o hífen) nos Estados Unidos, cuja contribuição para o estudo, permanência e sedimentação da língua e da cultura portuguesas, no geral, e açoriana e de diáspora, em particular, tem sido inestimável e amplamente reconhecida no meio académico e cultural.

Mas voltemos ao título. *Escrever Para (Sobre)Viver* parece ter um duplo sentido, referindo-se não apenas a um tipo de escrita própria de quem vivenciou a migração ou o exílio, com suas dores, amarguras, lutas e sacrifícios, mas também à própria realidade de Fagundes. A sua vasta obra publicada indica que escrever foi e continua a ser não apenas um modo de vida, mas uma forma de sobreviver aos vários obstáculos da vida (e talvez mais intensamente, da vida migrante) aos quais ninguém escapa.

Escrever Para (Sobre)Viver, recentemente saído do prelo, será, sem dúvida, uma História de referência para aqueles que no futuro se dedicarem ou continuarem a dedicar-se aos estudos da literatura produzida pela diáspora lusa nos Estados Unidos, Canadá e Índias Ocidentais, mais especificamente, em Trinidad e Tobago. Fagundes apresenta-nos uma obra que é reflexo de uma vida académica dedicada ao tema e do seu profundo conhecimento desta literatura que, embora possua já um vasto e digno corpus literário e crítico, merece continuar a ser estudada e ampliada. Como refere o autor no parágrafo de abertura do livro, um dos seus objectivos é “fomentar mais debate atualizado

entre estudiosos da literatura da diáspora lusa nos países anglófonos do Novo Mundo” (15), além de proporcionar uma melhor compreensão da presença portuguesa espalhada pelas terras do Novo Mundo de língua inglesa. Após fazer a distinção entre literatura migrante e literatura luso-americana-canadiana-trinidadiana (esta última escrita em inglês por luso-americanos-canadianos e caribenhos), Fagundes sublinha a importância desta distinção não apenas para o estudo da experiência migratória em diferentes géneros literários, mas também para a centralidade da experiência migratória nas obras em questão. De fora do *corpus* fica a literatura migrante e de descendentes de migrantes cabo-verdianos e brasileiros, por Fagundes considerar que não lhes pode fazer justiça e por ser questionável a sua inserção na história literária da diáspora portuguesa em vez da história literária desses povos. O objetivo principal é, deste modo, fornecer ao leitor uma perspectiva histórica — e não tanto uma abordagem de análise crítica aprofundada — deste conjunto de obras de literatura migrante, luso-americana e étnica que se enquadrem nos parâmetros de “criação literária.” Na introdução de seu livro, Fagundes aborda ainda a questão da integração de obras literárias escritas em línguas que não a do país de origem ou descendência, argumentando que a literatura americana, canadiana e trinidadiana em inglês, quando criada por portugueses ou seus descendentes, deve ser integrada à história literária desses países. No entanto, Fagundes destaca que essa literatura não deixa de “nos pertencer,” pois contribui para a compreensão da jornada do povo diaspórico e enriquece a diversidade cultural. Assim, além de sua relevância nacional nos países e na língua em que foi escrita, a influência lusa nessas obras é vista como um acréscimo positivo, fortalecendo a sua divulgação e reconhecimento.

Para realizar essa vasta e notavelmente bem-sucedida tarefa, o autor estrutura *Escrever Para (Sobre)Viver* em catorze capítulos, seguidos por uma bibliografia extensa e abrangente, além de dois apêndices. O primeiro apêndice presta homenagem aos estudiosos responsáveis pela história e crítica da literatura luso-emigrante e luso-étnica, enquanto o segundo é dedicado a uma bibliografia dos escritores e obras primárias da diáspora luso-norte-americana-trinidadiana, actualmente a mais ampla referência sobre o tema disponível. Sem entrar em minúcias sobre o conteúdo de cada capítulo nesta breve resenha, prefiro apenas incentivar o leitor a explorá-los por conta própria, despertando sua curiosidade para uma leitura mais aprofundada. O primeiro capítulo introduz dois escritores portugueses autoexilados nos Estados Unidos, José Rodrigues Miguéis e Jorge de Sena, cujas obras não só são indispensáveis, mas também fundamentais como referências na literatura luso-americana. O capítulo seguinte concentra-se em alguns escritores e obras da literatura portuguesa relacionadas à temática migrante, destacando figuras como Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio, Dias e Melo, Olga Gonçalves, João de Melo e Álvaro de Oliveira. De maneira geral, os capítulos subsequentes abrangem eventos marcantes na história dos Açores e de Portugal, como a erupção do Vulcão dos Capelinhos em 1957-58, na ilha do Faial, e o 25 de Abril de 1974. Segundo Fagundes, esses eventos ajudam a “compreender as cinco gerações em que a literatura luso-migrante e luso-americana-canadiana-trinidadiana pode ser apresentada” (34) e a forma como são explorados ao longo do livro. Vale destacar que, ao longo desses capítulos, o autor nos presenteia com uma seção intitulada “Autor[es] em Destaque,” onde são abordadas figuras representativas de gerações específicas, incluindo Alfred Lewis, Onésimo Teotónio Almeida, Charles Reis Feliz, Elizabeth Nunez, Katherine Vaz e Elaine Ávila. Gostaria de destacar brevemente o último capítulo, dedicado à geração universitária do pós-25 de Abril, da qual faço parte, para fazer duas observações. A primeira é a minha concordância com a avaliação de Fagundes de que, em geral, esta é uma geração mais bem-aventurada, embora nem sempre privilegiada economicamente como possa parecer. Os casos precisam ser avaliados individualmente. No entanto, como o autor menciona, a mudança proporcionada pelos avanços tecnológicos na comunicação e um maior conhecimento da cultura e língua do país de destino certamente influenciam uma literatura na qual alguns conceitos se tornaram quase obsoletos, como os de “*distância* e de *saudade*, quer da pátria, quer da família, ou os conceitos de *partida* e de *regresso* tão marcantes na literatura de migrantes tradicionais de há uma quantas gerações” (311). Além disso, o conceito de *pátria* também já

não é o mesmo, como afirma Fagundes. Nesta geração, o autor destaca três escritores: Paula Gândara, António Ladeira e Irene Marques.

É importante destacar os capítulos dedicados aos madeirenses emigrados nas ilhas ocidentais e à sua respectiva literatura, um campo certamente menos conhecido e que merece maior estudo. Fagundes dá especial atenção a duas escritoras luso-trinidadianas na América do Norte, Olga Cabral e Elizabeth Nunez. A abordagem meticulosa e detalhada de Fagundes proporciona ao leitor uma compreensão mais profunda das suas obras e significativas contribuições para a literatura da diáspora portuguesa.

Um livro de leitura acessível, *Escrever Para (Sobre)Viver* é indispensável em qualquer curso académico que explore a temática da literatura da diáspora lusa e da sua história, bem como para todos os interessados na mesma, independentemente do seu nível de conhecimento. Como a autora desta resenha, que possui um conhecimento modesto sobre o assunto, sem dúvida que ficará aguçado o desejo de ler muitos dos escritores por Fagundes mencionados e analisados.

A jeito de conclusão, *Escrever Para (Sobre)Viver* é uma obra que nos oferece um olhar profundo e abrangente sobre a literatura luso-migrante e luso-diaspórica. Através de uma análise meticulosa e bem fundamentada, Fagundes ilumina não apenas a riqueza e a diversidade desta literatura, mas também os desafios e as conquistas dos escritores que, através de suas obras, exploram as complexas experiências de identidade, pertença e resistência em países distantes do seu. É impossível dissociar esta literatura da longa e rica história da emigração portuguesa para os Estados Unidos, uma história marcada por sucessivas vagas migratórias que começaram ainda no século XIX. A narrativa destas comunidades está intrinsecamente ligada à história complexa das relações políticas entre Portugal e os Estados Unidos, relações que moldaram e foram moldadas pelas experiências dos emigrantes portugueses ao longo dos séculos. O futuro desta literatura é promissor, continuando a evoluir e a enriquecer-se com as vozes das novas gerações de escritores que trazem consigo novas perspetivas e vivências. À medida que o mundo se torna cada vez mais interconectado, as histórias e as identidades dos luso-descendentes nos Estados Unidos, Canadá, Caraíbas, Trinidad e Tobago, e noutras partes do mundo ganharão novos significados e continuarão a influenciar a paisagem literária global. Como afirma Fagundes, “Somos nós, lusos e lusodescendentes que a criámos e estamos a criar a literatura migrante e étnica lusa e dela em parte dependemos para mais uma ancoragem da nossa identidade, os que temos de alimentar e promover a própria herança literária entre nós—e de não nos desencorajarmos nunca por outros interesses étnicos (e inclusive *mainstream*) ainda não a reconhecerem como criação literária digna da atenção que desejaríamos” (319-320).